

A REVOLUÇÃO EM IMAGENS

CARLOS SERRANO FERREIRA
LUDMILA FONTENELE CAVALCANTI
FRANCISCO TEIXEIRA PORTUGAL ORGS



UFRJ



CENTRO DE FILOSOFIA
E CIÊNCIAS HUMANAS
UFRJ

Carlos Serrano Ferreira
Ludmila Fontenele Cavalcanti
Francisco Teixeira Portugal
ORGANIZADORES

A
REVOLUÇÃO
EM IMAGENS

Rio de Janeiro, 2022.

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Filosofia e Ciências Humanas

R454 A revolução em imagens / organizadores Carlos Serrano Ferreira, Ludmila Fontenele Cavalcanti, Francisco Teixeira Portugal. – Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, 2022.
119 p.: il.
Conferências do Seminário “A Revolução em Imagens”, na Decania do CFCH/UFRJ em junho de 2017.
ISBN 978-65-86155-00-6 (versão on-line).
1. Rússia – História – Revolução de Fevereiro 1917 – Exposições. 2. Revoluções – Rússia – Séc. XX. 3. União soviética – História – Revolução, 1917 -1921. I. Ferreira, Carlos Serrano. II. Cavalcanti, Ludmila Fontenele. III. Portugal, Francisco Teixeira. IV. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Centro de Filosofia e Ciências Humanas.

CDD: 947.0841

Elaborado por: Adriana Almeida Campos (CRB-7/4081)



CC BY-NC-SA 4.0

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Denise Pires de Carvalho **REITORA**

Carlos Frederico Leão Rocha **VICE-REITOR**

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Vantuil Pereira **DECANO**

A REVOLUÇÃO EM IMAGENS

ORGANIZADORES

Carlos Serrano Ferreira

Ludmila Fontenele Cavalcanti

Francisco Teixeira Portugal

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Fábio Marinho

REVISÃO

Carlos Serrano Ferreira

COLABORADORES

Adriana Almeida Campos

Camila da Silva Teixeira

Daniel Amorim Braga de Oliveira

Erica dos Santos Resende

Gabriel Richard Barbosa Rodrigues

Hiran Roedel


Izabella de Carvalho Giglio


Mariana Souza Martins


Matheus Oliveira de Paula

Moana Campos Soto

Thiago Barcellos Loureiro

 Para uma melhor experiência de leitura, recomendamos o acesso por computador com visualização em tela cheia (**Ctrl+L**).

 Clique **aqui** para baixar, instalar e utilizar gratuitamente o Adobe Reader, ou acesse `<get.adobe.com/br/reader>`.

 Navegue pelo livro utilizando o sumário e os ícones interativos e/ou as setas em seu teclado.

APOIO

Praia Vermelha

PARTE I SEMINÁRIO

I A História da Revolução Russa (1917-24) 18

Graziela Schneider
Henrique Canary
Lincoln de Abreu Penna
Carlos Serrano Ferreira

II A Revolução Russa e o Brasil 43

Anita Leocádia Prestes

III A Revolução e o mundo 53

Marcelo Braz
Carlos Eduardo Martins
Vantuil Pereira

IV Homenagem a Alípio de Freitas 73

Carlos Serrano Ferreira

V Perspectivas do socialismo contemporâneo 75

Edmilson Costa
Demian Melo

PARTE II EXPOSIÇÃO

Textos de Carlos Serrano Ferreira e Hiran Roedel

VI A Rússia pré-revolucionária 89

VII Da Revolução de Fevereiro às portas da Revolução de Outubro 95 (fevereiro-outubro de 1917)

VIII A Revolução de Outubro e a Guerra Civil (1917-1921) 100

IX As conquistas resultantes da Revolução 106

X A influência da Revolução Russa no mundo 111

XI A influência da Revolução Russa no Brasil e na UFRJ 115

Intervenções institucionais 5

Roberto Leher
Lilia Guimarães Pougy

Apresentação do Espaço JJ 8

Ludmila Fontenele Cavalcanti,
Francisco Teixeira Portugal
& Thiago Barcellos Loureiro

Introdução 10

Carlos Serrano Ferreira

Autoras e autores 117

Ficha Técnica da Exposição 118

INTERVENÇÕES INSTITUCIONAIS

ABERTURA DO SEMINÁRIO A REVOLUÇÃO EM IMAGENS

LEHER POUÇH

MAGNÍFICO REITOR ROBERTO LEHER

Muito bom dia a todas e todos, é uma imensa alegria recebê-las e recebê-los na Universidade Federal do Rio de Janeiro, saudamos os estudantes da educação básica que vieram acompanhar. Esta é uma casa aberta a todo povo e ficamos muito felizes de receber as escolas, a educação básica de uma forma geral. Saudamos aos nossos trabalhadores docentes, aos trabalhadores técnico-administrativos, às nossas direções, ao professor Amaury [Fernandes] e a todos os outros que puderam acompanhar a nossa sessão de trabalhos na parte da manhã. Uma saudação muito efusiva à Decania do CFCH, que organizou e trabalhou na organização da criação do Espaço [Memória, Arte e Sociedade] Jessie Jane Vieira de Souza, mas também de todas as atividades de exposição, do próprio seminário, sintam-se toda a equipe muito calorosamente saudada. Acho que é muito importante esse trabalho que vocês estão fazendo. Uma saudação à nossa querida Jessie Jane Vieira de Souza, a Carlos Serrano e Ludmila Fontenele Cavalcanti, incansáveis na organização. Particularmente gostaria de fazer também uma saudação à comissão que foi se agregando, de estudantes, professores e técnicos, na realização do seminário.

Conforme já foi apontado, a universidade não pode deixar de fazer uma reflexão vigorosa, crítica, protagônica, em relação aos processos revolucionários, notadamente à Revolução Russa. Vejam que há cem anos atrás nós tínhamos uma crise

civilizatória sem precedentes. Na visão do pensamento liberal, particularmente no pensamento liberal eurocêntrico, a Europa era o berço da civilização, o berço da cultura, e seria a direção do vetor do tempo histórico, usando a expressão do Hegel, de que a Europa é a civilização.

Imaginem o que foi para o mundo, para os europeus, para os trabalhadores, encontrar a região banhada em sangue, em uma guerra brutal. Nós não podemos esquecer o que foi a Primeira Guerra Mundial, uma guerra sangrenta, com armas químicas e baionetas. Uma guerra que explicitava que o desenvolvimento do capitalismo “mais moderno”, de ponta, era o fator gerador desta guerra, e isto foi identificado de forma magistral por Lênin no seu clássico estudo sobre o imperialismo. Então nós temos uma guerra de enorme dramaticidade e, no país que muitos consideravam improvável de realizar uma revolução; um país que não estava no núcleo central do desenvolvimento industrial; um país essencialmente ainda camponês, com um proletariado urbano pequeno, mas muito concentrado em grandes empresas – é importante lembrar que o percentual de trabalhadores em unidades de produção acima de quinhentos trabalhadores na Rússia era maior do que na Alemanha – e um proletariado inserido em algo que Lênin tinha identificado como desenvolvimento desigual do capitalismo, está junto com soldados, camponeses, protagonizando processos de revolução que são ásperos e de longa duração.

Nós temos que lembrar o que foi a Revolução de 1905, a Revolução de Fevereiro e, posteriormente, a Revolução Russa [de Outubro]. Este movimento revolucionário afirma a perspectiva de humanização e de afirmação de valores igualitários, que estavam também presentes na perspectiva do Iluminismo, como obra dos trabalhadores, então é uma intensa luz de esperança que a revolução está produzindo para todos os povos, diante de um momento em que parecia, como no filme de Theo Angelopoulos, *Paisagem na Neblina* (1988), que não havia mais expectativa de esperança no mundo, de transformação no mundo, e o processo revolucionário estava justamente enchendo de esperança o movimento de trabalhadores de diversas partes do mundo.

Nós estamos em um momento de muita desesperança. Nós estamos também em um contexto em que é muito difícil olhar para o futuro, é muito difícil projetar algo que esteja ainda amparado na ideologia do progresso. Poucos de nós podem acreditar que naturalmente a vida dos nossos filhos será melhor que a nossa vida. Poucos de nós poderão afirmar isso. Em um contexto tão áspero, tão difícil, de tantas dificuldades de projetar o tempo histórico, que é aquilo que é o mais importante na nossa reflexão, a possibilidade de mudar o tempo histórico, de forjar outro tempo histórico, de que a história não está fechada, de que a história está sempre aberta ao tempo histórico, é fundamental retomarmos a reflexão sobre o que foi a revolução de dezessete.

Uma revolução que no plano da cultura e da educação trouxe uma riqueza de perguntas que nós não podemos deixar de tentar recuperá-las e discuti-las hoje. É possível uma cultura proletária? Foi a pergunta do *Proletkult*. É possível uma ciência e uma tecnologia que não sejam incorporadas em artefatos tecnológicos para expropriar os trabalhadores de conhecimento, para aumentar o controle sobre o tempo de trabalho, a intensidade de trabalho e o uso de recursos naturais, é possível pensar a ciência dessa maneira? Esta pergunta foi feita. É possível pensar uma tecnologia que possa romper com a lógica do taylorismo? Esse foi o dilema da revolução, o dilema dilacerante da revolução, que precisava aumentar a produção de um período de comunismo de guerra, particularmente no período da Nova Política Econômica, tendo que utilizar métodos tayloristas e, ao mesmo tempo, tendo que forjar outra perspectiva, com limites. Então, tudo isso está nos interpelando no tempo presente. E são as perguntas que uma universidade pública e crítica não pode deixar de fazer no século XXI. É possível uma cultura que não seja a da indústria cultural das corporações? É possível uma arte que não seja a arte da indústria cultural das grandes corporações? Qual é a relação entre um conteúdo revolucionário na arte e a forma? A necessidade de uma revolução na forma? Como estavam debatendo os futuristas [Vladimir] Maiakovski e [Alexander] Rodchenko na revolução.

Tudo isso são perguntas do presente. Conforme destacaram todos os que me antecederam, a revolução é este momento de intensa criação humana e de capacidades de fazer perguntas de novo tipo. E nós precisamos fazer perguntas de novo tipo na universidade, diante de uma crise civilizatória em que a barbárie está em um grau de brutalidade sem precedentes. Vejam a divulgação ontem do mapa da violência. O que significa isso hoje para a juventude? A principal causa mortis da juventude é a violência contra a juventude negra. Então tudo isso está nos interpelando e, usando a expressão do Marx sobre a Comuna de Paris, nós temos que investigar, estudar, dar voz, buscar as perguntas, as tentativas de respostas, os fracassos, os erros cometidos, para que possamos analisar as situações em que o proletariado está tomando de *assalto o céu* da política. Nós estamos em um momento em que precisamos tomar de assalto o céu da política. É um momento importantíssimo da luta de classes mundial. Eu creio que os nossos seminários são momentos de síntese fundamentais para que possamos fazer as perguntas e buscar caminhos para forjar o tempo histórico. Então estamos todos de parabéns.

Enfatizo a importância do trabalho das comissões organizadoras e que possamos dar mais visibilidade às reflexões feitas ao longo do ano de 2017 sobre o extraordinário processo de Revolução de 1917. Estamos muito felizes. ■

▲ LILIA GUIMARÃES POUGY, DECANA DO CFCH

Bom dia a todos e todas, é com enorme satisfação que a Decania do CFCH está promovendo esta atividade no Espaço Memória, Arte e Sociedade Jessie Jane Vieira de Souza, uma justa homenagem a uma professora do Instituto de história que marcou a trajetória do campo da História na UFRJ, para além de sua história pessoal, uma história que precisa ser valorizada, é ótimo ter Jessie Jane sempre conosco fazendo parte das mesas de abertura dos nossos eventos.

Essa terceira curadoria, no carinhosamente chamado Espaço JJ, *A Revolução em Imagens*, foi construída coletivamente a partir de uma sugestão, e como todo projeto coletivo precisa ter a valorização desta dimensão. Se há lideranças na constituição desse projeto coletivo ele tem a marca de todos que participaram, desde aquelas três dezenas de pessoas que estão à frente da concepção e execução, bem como também da plateia. Esse é um projeto nosso, nosso da UFRJ em consórcio com entes da sociedade civil. Então é uma saudação especial a todas e todos! É uma alegria muito grande para nós da Decania do CFCH podermos levar a termo esse projeto.

Por que estudar processos revolucionários? Houve alguma contestação a partir das manifestações na proximidade do centenário, questionando a celebração da Revolução Russa. Por que a UFRJ está estudando sobre a Revolução Russa? Porque foi um processo que deu impacto vigoroso na geopolítica e nas formas de agir e insurgir das massas, precisamos revisitar o processo revolucionário, a partir da potencialidade deste processo na insurreição das massas da classe operária. *A Revolução em Imagens* restaura lugares de sujeitos invisibilizados, para isso também a conjugação dessa dimensão na forma de seminários, de “quartas vermelhas”, de filmes e produções seguidos de debates.

O convite para os seminários que eu faria à plateia é de que ultrapassássemos uma lógica simples de oposição binária, e no inventário que nós decerto poderemos fazer a partir dos debates aqui, que nós tentássemos aplicar uma lógica de possibilidades e devires, não para fazer uma adequação direta e imediata da história pretérita aos dias atuais, mas para entender as dinâmicas e os processos revolucionários a partir das experiências já realizadas, revitalizando os sujeitos invisibilizados nessa história, nesse processo histórico. Então o convite é para que nós ultrapássemos essa lógica cartesiana e pensemos, em tempos tão difíceis, para além desse modelo simplificador da realidade.

Muito bem vindos a todos e todas aqui, eu espero que nós tenhamos um dia virtuoso de aprendizagem e torço para que tenhamos um bom debate. ■

ESPAÇO MEMÓRIA, ARTE E SOCIEDADE

JESSIE JANE VIEIRA DE SOUZA

APRESENTAÇÃO DO ESPAÇO JJ

O Espaço Memória, Arte e Sociedade Jessie Jane Vieira de Souza é um das formas de implementação da integração acadêmica planejada e foi concebido como um ambiente de exposições culturais de conteúdo pertinente à sociedade no âmbito da Decania do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH) da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Nesse sentido, o Espaço atua como articulador entre pesquisa, ensino e extensão.

São integrantes do Espaço os docentes, técnicos-administrativos e discentes das unidades acadêmicas e órgão suplementares do CFCH (Escola de Comunicação; Escola de Serviço Social; Faculdade de Educação; Instituto de Filosofia e Ciências Humanas; Instituto de História; Instituto de Psicologia; Colégio de Aplicação; Escola de Educação Infantil; Núcleo de Estudos em Políticas Públicas e Direitos Humanos Suely Souza de Almeida; o Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ; o Sistema de Bibliotecas e Informação - SiBI da UFRJ; a Divisão de Memória Institucional do SiBI; e as Bibliotecas da Decania do CFCH). São integrantes externos o Grupo Tortura Nunca Mais do Rio de Janeiro e o Instituto Benjamin Constant (IBC).

O Espaço faz parte do Sistema Integrado de Museus, Arquivos e Patrimônio Cultural (SIMAP) e vem construindo exposições numa perspectiva transdisciplinar, em interação dialógica com movimentos sociais, aproximando discentes a temas contemporâneos transversais e às diferentes formações na área das Ciências Humanas e Sociais.

Nesse sentido, toda exposição é como um texto a ser decodificado, é um processo de estruturação de sentidos, no qual a significação construída é sempre um resultado possível, é espaço aberto para que cada visitante construa sua própria visão.

As atividades do Espaço compõem-se de exposições informativas e guiadas, cinema, debate, seminários, entre outras. Incentiva o compartilhamento de informações entre os presentes. A exposição é uma etapa de síntese na forma de apresentação convergente destas atividades. É um espaço vivo e formativo nos vários níveis e dimensões.

No período de maio a agosto de 2017 foi realizada a terceira curadoria, *A Revolução em Imagens*, comemorativa ao 100 anos da Revolução Russa, que representou uma experiência inovadora no Espaço, e que envolveu, além da exposição, apresentação de filmes relativos ao tema, denominado de *Quartas Vermelhas*, com debates de especialistas, seminário e visitas guiadas, contando com a participação de 797 visitantes.

Além dos integrantes do Espaço, vinculados à Decania e às unidades do CFCH, participaram da curadoria o Grupo Tortura Nunca Mais do Rio de Janeiro, Fundação Dinarco Reis e Instituto Luiz Carlos Prestes, cuja integração envolveu a comunidade externa, incluindo alunos de escolas da rede pública da educação básica.

9

A partir da curadoria *A Revolução em Imagens*, o *Boletim Eletrônico Vitrine da Memória*, ação da Biblioteca do CFCH, sobre o acervo do Espaço Anísio Teixeira, passou a integrar suas ações às curadorias do Espaço. Nessa curadoria foi produzido e lançado simultaneamente à inauguração da exposição o Boletim sobre Caio Prado Júnior.

Em relação ao Seminário, foram realizadas quatro mesas redondas: a História da Revolução Russa (1917-1924), a Revolução Russa e o Brasil, a Revolução e o mundo e as Perspectivas do socialismo contemporâneo.

Essa curadoria inovou as atividades do Espaço por meio de itinerância na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; no Instituto Benjamin Constant (IBC), que incluiu a tradução para o Braille de todas as pranchas da exposição e a criação do aplicativo *Centenário da Revolução Russa* para a plataforma Android com áudio-descrição das imagens; no Colégio Estadual Amaro Cavalcanti; na Universidade Federal de Goiás e na Jornada Internacional de Pesquisadores do Programa de Pós-graduação em Serviço Social no Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ.

A circulação de saberes provocada pelas curadorias permite aos envolvidos na organização e na participação, bem como àqueles que compõem o público, elaborar a crítica não somente das variadas temáticas, mas de uma realidade. Assim, é nessa perspectiva que a produção de um acervo textual e imagético do material produzido por esta curadoria em formato de e-book pode ampliar a troca de experiências.

Prof.^a Dr.^a Ludmila Fontenele Cavalcanti

Prof. Dr. Francisco Teixeira Portugal

Téc. Adm. Thiago Barcellos Loureiro

COORDENAÇÃO DO ESPAÇO MEMÓRIA, ARTE E
SOCIEDADE JESSIE JANE VIEIRA DE SOUZA

ESPAÇO



memória
arte &
sociedade



Jessie Jane Vieira de Souza

INTRODUÇÃO

EXPOSIÇÃO & SEMINÁRIO A REVOLUÇÃO EM IMAGENS

A realização da exposição *A Revolução em Imagens* é um exemplo vivo do que Karl Marx, no longínquo ano de 1844, escrevia que “[...] a teoria também se torna força material quando se apodera das massas”¹. Uma idéia surgida em conversa no recôndito do meu lar, com minha ex-companheira Moana Soto, e abraçada de imediato pela decania do CFCH e a coordenação do Espaço Memória, Arte e Sociedade Jessie Jane Vieira de Souza tão logo apresentada, acabou por empolgar, não “as massas”, mas um contingente muito grande, de dentro e de fora da academia, de uma forma que nós não imaginávamos que seria possível. Mas, como dizia Lênin, tantas vezes referido, e a quem tantas vezes retomamos durante todo o processo, pois líder máximo desse Outubro que mudou a história, a prática é sempre o critério da verdade: se comprovou assim a força da idéia da Revolução Bolchevique, e foi isso que contagiou a todos. A exposição, inicialmente pensada para mostrar os rumos da revolução soviética a partir de cartazes de época, se ampliou em uma perspectiva que transcendia isto: mais do que propiciar o gozo estético, permitiu apresentar às novas gerações a história de um momento de ruptura como nunca antes vivido, de experiências inimagináveis, de vitórias incríveis. Longe ficamos da história da derrota imposta, como outras no passado, aos processos de transformação, que nunca deixaram, no entanto, de recobrar forças e renascer, como uma fênix vermelha, reconstituída pela esperança dos deserdados desta Terra, que tal como em 1917, hoje, mais do que nunca, “[...] nada têm a perder a não ser suas cadeias. Têm um mundo a ganhar”².

1 MARX, Karl. Crítica da filosofia do direito de Hegel, 1843. 2ª ed. revista. São Paulo: Boitempo, 2010. p.151.

2 MARX, Karl; Engels, Friedrich. Manifesto do Partido Comunista. 2ª ed. Lisboa: Editorial Avante!, 1997. p.65.

A exposição foi – espelhando a via correta das transformações, e como nos ensina a história das revoluções socialistas do século XX, iniciadas exatamente nas ruas da velha Petrogrado e de Moscou – um projeto coletivo. Além dos membros da academia e setores da própria Universidade Federal do Rio de Janeiro, como o Centro de Filosofia e Ciências Humanas, o Fórum de Ciência e Cultura, o Sistema de Bibliotecas e Informação da UFRJ e sua Divisão de Memória Institucional da UFRJ, se juntaram professores do Colégio Estadual Amaro Cavalcanti, o Grupo Tortura Nunca Mais do Rio de Janeiro, a Fundação Dinarco Reis e o Instituto Luiz Carlos Prestes. A curadoria aberta que liderou este projeto foi uma verdadeira vanguarda e, por isso, levou tudo mais longe, muito mais longe do que pensávamos. A proposta de exposição se desdobrou também na de Seminário, que foi acrescida posteriormente pelo ciclo de cinema e debate *Quartas Vermelhas* e pelo Boletim *Vitrine da Memória*, publicação da Biblioteca do CFCH, dedicado a um dos maiores representantes intelectuais do marxismo e encarnação viva do soviétismo em nosso país, Caio Prado Júnior. O resultado desta experiência se encontra na segunda parte deste livro, acrescida de imagens que devido à limitação do espaço que tínhamos para expor foram excluídas, mas que a liberdade de um livro digital permite-nos acrescentar e que ampliam o entendimento desse grande evento mundial. Para facilitar o entendimento do público ainda não interado sobre os fatores, causas, consequências e meandros dessa Revolução e seus desdobramentos, cada seção da exposição neste livro terá uma pequena introdução escrita por mim e pelo historiador Hiran Roedel. Além disso, os QR-Code que constavam do exposto estarão aqui reproduzidos, de forma a fornecer mais materiais para o aprofundamento de cada tema.

A exposição foi um ensaio do que Moana Soto e eu denominamos em artigo³ de *exposição dialética*, na perspectiva de construção de uma *museologia marxista*. Nela tateamos, pela primeira vez, as possibilidades de desvelar pela linguagem museal as contradições dos processos, em particular, as contradições sistêmicas do capitalismo. Pois, o objetivo de uma *exposição dialética* “é ser parte de um processo mais amplo, de crítica da ideologia pelo discurso da ação e pela ação do discurso, ambas de natureza popular [...] o que se busca é reverter os resultados que a tendência ao culto da memória do poder, bem como o culto do próprio poder, traz à museologia”⁴. Isto foi tentado ao longo das cinco seções em que se dividiu a exposição: a Rússia pré-revolucionária; da Revolução de Fevereiro às portas da Revolução de Outubro (fevereiro-outubro 1917); a Revolução de Outubro e a Guerra Civil (1917-1922); as conquistas resultantes da revolução; a influência da Revolução Russa no mundo; e, a influência da Revolução Russa no Brasil e na UFRJ. Como poderão ver, em particular na primeira, deixamos que o próprio público, em diálogo conosco e as imagens, pudessem perceber a enorme e aviltante desigualdade existente no período anterior à deposição do Czar. Não é preciso muito para que, através de um exercício, pouco realizado em torno às contradições sociais que existem ao nosso redor e gritam sem ninguém as ouvir, de colocarmos lado a lado as realidades sociais, de classe, para notarmos o fosso que existia: o público entendeu, apenas pelo olhar breve, ao enxergar em conjunto o luxo da família imperial em comparação à espartana vida da família de Lênin – percebendo-se assim também as razões para que tenha podido entender os dramas populares – e a de uma miserável família camponesa. É de miséria e de fome, da grande fome de 1891-1892 em uma aldeia, que saltará a contradição com a fartura do piquenique da nobreza. Ou na segunda seção, a diferença existente entre um organismo popular – o Soviete, representativo de amplas massas em movimento – que se veem em protesto, e o bem alinhado e comportado gabinete ministerial burguês. Vê-se transbordando vida dos primeiros e burocracia elitista do segundo, não só exalando isto cada imagem isolada, mas principalmente por sua apresentação enquanto totalidade, em sua comparação, desvelando a contradição desta sociedade.

3 FERREIRA, Carlos Serrano; SOTO, Moana. Apontamentos para uma Museologia Marxista: a exposição Linha de Frente. Cadernos de Sociomuseologia, v.55, n.11, jun. 2018. Disponível [aqui](#).

4 Idem, p.116.

5 FERREIRA, Carlos Serrano. Porque o fascismo cresce no Brasil?. 2018. Disponível [aqui](#). Também saiu em versão impressa em Princípios, n.156, set./out. 2018.

E foi a contradição do capitalismo, elevada ao máximo pela localização enquanto imperialismo periférico, com um Estado e regime não correspondentes aos congêneres capitalistas europeus e estadunidenses, que a Revolução Russa expressou de forma inegável e transparente toda ferocidade do sistema. Demonstrou sua tendência ao fascismo, quando não impedido pela organização dos trabalhadores e pelo avanço revolucionário, que se tivesse sido derrotado “teria levado inelutavelmente ao fascismo de imediato ou quase de imediato”⁵, como por pouco não ocorreu com a intentona de Kornilov. O regime era marcado pela violência política – como no domingo sangrento que iniciou a primeira revolução russa, a derrotada de 1905 –, pela censura e pela polícia política. O horror da guerra, que fazia da colheita da vida do povo um alimento para os interesses da elite czarista e para o cumprimento dos compromissos dos Romanov com a burguesia internacional. Excedia-se na opressão às minorias nacionais, triste fato que ainda ocorre em muitas partes do mundo, do qual os presos políticos catalães ou a opressão sofrida pelos saarauís são casos exemplares. Por ser uma caixa de pandora aberta do horror capitalista, em sua expressão mais bárbara, a vitória da Revolução Russa promoveu os maiores avanços possíveis, em espaço muito curto de tempo. Por isso a revolução que se inicia nacional-democrática, burguesa, frente à incapacidade desta classe de responder aos anseios populares, se converteu, em velocidade estoante – ou ao menos tentou, ainda que sem condições materiais para tal – em uma revolução que iniciou a transição ao socialismo. E por ser uma amostra dos caminhos alternativos para a sociedade e para responder cada um dos males capitalistas e das excrescências herdadas e aproveitadas por este, o seu reflexo foi mundial, gerando revoluções que contagiaram enormes massas por todo o globo, libertando do imperialismo civilizações tão antigas como a chinesa ou novas nações emergentes, como as africanas. Por isso a Revolução Russa angariou tantos amigos entre os oprimidos e explorados, e tantos inimigos entre os opressores e exploradores. E, por isso, foi tão combatida, inclusive de forma armada, desde o início, pelos exércitos brancos, representantes do velho regime, dos monarquistas e burgueses desalojados, mas também de

um conjunto de tropas de nações imperialistas, entre os líderes destas, a apoiar a invasão, se encontrava o agora convertido em “herói”, mas verdadeiro algoz de povos coloniais, assassino em massa – apenas pela sua política de fome artificial, em 1943, enquanto primeiro-ministro, causou a morte de quatro milhões de bengalis –, um racista orgânico, Winston Churchill⁶. Este dizia que era preciso “estrangular a criança no berço”, se referindo ao bolchevismo enquanto “babuíno sujo”.

O Seminário que complementou a exposição, e que encontramos boa parte das intervenções transcritas a seguir, refletiu sobre essas realidades. A primeira abordou ‘A História da Revolução Russa (1917-1924)’, com os debatedores Lincoln de Abreu Penna, Henrique Canary, Graziela Schneider, e este que vos escreve, Carlos Serrano Ferreira. A escolha dos debatedores refletiu, como as demais mesas, uma atenta escolha que aliou o conhecimento teórico, a habilidade explicativa – pois o objetivo era não só fazer um debate entre os já iniciados, mas apresentar os fatos aos que teriam pela primeira vez contato com diversos processos históricos, sociais e políticos – e uma preocupação com garantir um espectro o mais amplo possível das tradições dentro da esquerda brasileira e mundial, com suas distintas análises e reflexões. Inclusive, se garantiu que um aspecto, muito pouco abordado, mas central, fôsse tratado: o papel determinante das mulheres no processo revolucionário, seu protagonismo, e as conquistas que obtiveram, desde econômicas, como a igualdade salarial entre os gêneros para os mesmos trabalhos, bem como direitos políticos, como o direito ao voto, ainda em 1917 – enquanto isso só aconteceria na França em 1945; na Itália em 1946 e na Suíça em 1971 (no cantão de Appenzell Rhodes apenas em 1991, e por decisão de Tribunal Federal); ou o direito ao aborto, pela primeira vez conquistado no mundo, em 1920. Não se pode esquecer que a primeira mulher ministra de governo na história foi a bolchevique Alexandra Kollontai.

⁶ THAROOR, Sashi. In Winston Churchill, Hollywood rewards a mass murderer. In: The Washington Post, 10 março 2018. Disponível [aqui](#). Acesso em 15 de junho de 2019.

⁷ TCKESSIS, L.A. O materialismo histórico em 14 lições. Disponível [aqui](#). Acesso em: 1 de julho de 2019.

⁸ Idem.

No caso desta mesa, a escolha da temporalidade não foi casual, mas incluiu o ano central de 1917, quando as contradições sociais acumuladas explodiram impulsionadas pela guerra na revolução de fevereiro e de outubro, seguindo pelos anos da Guerra Civil (até o final de 1922) e se estendendo até o ano da morte de Lênin, em 21 de janeiro de 1924. Esta data final reflete a certeza do papel central de Vladimir Lênin no processo da Revolução, ainda que, como comungadores da corrente proletária de pensamento inaugurada por Marx e Engels, do materialismo histórico e dialético, entendemos que “[...] as grandes personalidades não criam as condições gerais, ao contrário [,] elas próprias (os grandes homens) são criadas pelas condições e provocadas pelos acontecimentos”⁷. Porém, é inegável que sem ele, sem sua capacidade de liderança e organização, outubro poderia não ter ocorrido. Se não há transformações radicais sem a decisiva participação das forças vivas de milhões e milhões, não há vitória das massas sem uma direção política capaz de encaminhar estas multidões no sentido correto, contra os inimigos certos, para as tarefas corretas, possíveis e necessárias em um momento histórico preciso. Quantos exemplos tivemos nos últimos anos de processos de mobilizações de massas que foram encaminhados – construídos seja sob a base de anseios legítimos ou por medos irracionais – em sentidos que não o da libertação social, mas os do ódio e da reação? “O saber de Lenine e sua estratégia deram-lhe a possibilidade de manobrar magistralmente entre diversos grupos e classes sociais, precisar o estado da luta e a combatividade de cada classe”⁸.

Contudo, como seria de esperar, essa primeira mesa precisou retroceder até, pelo menos, à primeira revolução russa (1905), para mostrar como se construíram os elementos que levaram à vitória de 1917. Afinal, nenhuma revolução é um relâmpago em céu claro, mas expressa o acumular de nuvens de tempestades. Apenas os grandes dramaturgos conseguem perceber a eletricidade que se coloca no éter social, quando nós, meros mortais, estamos apenas tentando sobreviver e, quando possível, viver. Anton Tchekhov, em 1900, colocava na voz de um de seus personagens a profecia que se realizaria passados alguns anos: “É chegada a hora, já se aproxima, uma imensa e saudável tempestade está por vir, já está a caminho, daqui a pouco chegará aqui e afugentará da nossa sociedade a indolência, a indiferença, o preconceito contra o trabalho, o tédio putrefato”⁹. E, como mais ainda seria de esperar, esta mesa acabou por ir além, e abordou as razões para a causa da derrota da experiência soviética, razão de debate há décadas. A procura por esta explicação não é apenas movida por uma mera curiosidade intelectual, mas é uma necessidade histórica: significa pensar o futuro das alternativas ao capitalismo decadente no século XXI, os novos caminhos socialistas para salvar o planeta da rota de destruição ambiental, econômica e social em que se encontra. Contudo, apesar da urgência desse balanço, pouco tem avançado, e esse pouco se apresentou girando em torno às respostas que já foram dadas, variando de perspectivas mais subjetivistas, com argumentos do tipo “direções traidoras”, às que buscaram uma perspectiva mais complexa, apontando os limites objetivos para a transição socialista em um país atrasado como a Rússia e os demais países da Europa do Leste e Central – e, em nossa opinião, a impossibilidade material de transição em qualquer país nessa época, por mais desenvolvido que já estivesse.

⁹ TCHEKHOV, Anton. *As três irmãs*. São Paulo: Nova Cultural, 2002.

Foi neste mesmo sentido de procurar alternativas que, se a primeira mesa fez um balanço do passado, da experiência soviética, a quarta tratou das ‘Perspectivas do socialismo contemporâneo’, tendo contado com a presença do economista e atual secretário-geral do Partido Comunista Brasileiro (PCB), Edmilson Costa, e pelo professor da UFF Angra, Demian Bezerra de Melo, em que as possibilidades de superação da atual crise histórica da esquerda brasileira foi debatida. Colocaram suas perspectivas com sinais distintos: uma mais positiva, de Edmilson, e uma mais pessimista, de Demian, em que este aponta que com a conjuntura reacionária que se abre com a derrota das revoluções no Leste Europeu no início dos anos noventa, se consegue pensar atualmente mais no fim da Humanidade do que no fim do capitalismo. O reflexo desta perspectiva, segundo Demian, é um retrocesso não só político, mas ideológico. Segundo ele, temos de aprender com as lições históricas e fazer uma crítica dura às experiências recentes de governação progressista e à estrutura sindical brasileira. A polêmica entre os dois se centra em uma velha discussão no seio da esquerda: as crises capitalistas propiciam um ambiente para o desenvolvimento das revoluções ou, pelo contrário, servem ao avanço capitalista. É por, diferentemente de Demian, ter a primeira perspectiva, que Edmilson, ao tratar da atual crise sistêmica do capitalismo, e dos seus reflexos no Brasil, agravados pelas contradições e crises próprias nacionais, que ele enxerga a possibilidade, se organizada uma frente unitária com propostas alternativas para as massas, de se poder construir um caminho socialista e um novo ciclo organizativo que supere o dirigido pelo PT.

As outras duas mesas espelham os reflexos da Revolução de Outubro sobre o Brasil e o Mundo. A mesa ‘A Revolução Russa e o Brasil’, contando com nomes de peso devido às suas longas trajetórias militantes e intelectuais, de Anita Leocádia Prestes e José Paulo Netto, demonstrou como a história brasileira foi marcada por 1917. Tratou-se da importância de, em um momento caracterizado pelo anticomunismo e pela falsificação da história das revoluções, se pontuar estes elementos. Afinal, como escreveu o poeta Ferreira Gullar em poema de 1982, abordando os sessenta anos de fundação do Partido Comunista Brasileiro, “[...] o PCB não se tornou o maior partido ocidente, nem mesmo do Brasil. / Mas quem contar a história de nosso povo e seus heróis tem que falar dele. / Ou estará mentindo”. A professora começou por tratar, exatamente, pelo principal resultado: a fundação do PCB, em 1922, e o impacto disto nas conquistas sociais, políticas e na organização da classe trabalhadora. Isto, ainda que, como afirmou a mesma, tenha padecido, por um lado, do atraso na capacidade de elaboração marxista resultante da situação de atraso cultural geral do país, o que o converteu essencialmente em um partido nacional-libertador; e, por outro, de todo o processo de repressão política que sempre se abateu contra ele e os setores populares. Por sua vez, o professor chamou à atenção para a Revolução Russa enquanto a primeira revolução mundial, e que mantém a atualidade de seus objetivos, bem como esta foi fundamental tanto na ação revolucionária, como na construção de uma cultura política comunista, que teve como resultado em nosso país, até a crise do PCB em 1981, de uma influência gigantesca dos comunistas na intelectualidade, incluindo os artistas e desportistas. Pode se ver isto não só no Brasil, mas em todo o mundo, com a adesão ao comunismo em nosso país de

figuras como Barão de Itararé, Cândido Portinari, Carlos Nelson Coutinho, Di Cavalcanti, Dorival Caymmi, Francisco Mignone, Francisco Milani, Graciliano Ramos, Jacob Gorender, Jararaca, Jorge Amado, Leandro Konder, Mário Lago, Monteiro Lobato, Nelson Pereira dos Santos, Oduvaldo Vianna e Vianinha, Oscar Niemeyer, Pagu, Taiguara, Paulo da Portela, Rachel de Queiroz, Solano Trindade, Vladimir Herzog, o técnico e jornalista João Saldanha, o cientista Mário Schenberg, e no resto do mundo, de Adriano Correia de Oliveira, Albert Camus, Alberto Moravia, Álvaro Cunhal, Alves Redol, André Breton, Andreu Nin, Ary dos Santos, Bento de Jesus Caraça, Bertolt Brecht, Carlos Paredes, Cesare Pavese, Danny Glover, Dashiell Hammett, David Hawkins, Diego Rivera, Dmitri Shostakovitch, Fernando Lopes-Graça, Ferreira Gullar, Frida Kahlo, Gillo Pontecorvo, Irving Goldman, Isadora Duncan, Italo Calvino, Jean-Paul Sartre, Joaquim Namorado, José Dias Coelho, José Saramago, Luis Sepúlveda, Maria Lamas, Máximo Gorki, Pablo Neruda, Pablo Picasso, Pete Seeger, Pier Paolo Pasolini, Rafael Alberti, René Magritte, Robert Capa, Simone de Beauvoir, Tina Modotti, Tristan Tzara, Victor Jara, Violeta Parra, Vladimir Maiakovski, Woody Guthrie e muitos, muitos outros. Isto se expressou, por exemplo, na forte presença comunista na UFRJ no passado, que para além dos professores, técnicos e estudantes comunistas, das mais variadas correntes, teve dois reitores comunistas, Horácio Macedo e Aloísio Teixeira. Ele também recordou que na trajetória de vicissitudes dos movimentos inspirados pelo Outubro no Brasil, não só influenciou o já citado atraso cultural, mas também a ausência de uma tradição socialista no país, que só se inicia com o anarco-sindicalismo.

E na terceira mesa, ‘A Revolução e o Mundo’, os debatedores Carlos Eduardo Martins, Marcelo Braz e Vantuil Pereira apresentaram suas reflexões em torno aos impactos desta em distintos campos e paragens. Martins chama a atenção para as novidades que trará para o pensamento marxista, e para as revoluções em todo o mundo, a incorporação dos países coloniais e semi-coloniais como lugares possíveis, e até mesmo mais prováveis, de ocorrerem revoluções; o papel central do partido político, e a prioridade do combate à burocracia, efetivando o controle real do proletariado sobre a propriedade, ainda que Lênin reconhecesse as dificuldades que os atrasos das forças produtivas na Rússia colocavam; o papel das guerras no estímulo à situação revolucionária; a relação entre os ciclos capitalistas e hegemônicos com o ambiente mais favorável ou desfavorável para as revoluções; o papel da Revolução Científico-Técnica na contemporaneidade e nos desafios revolucionários atuais. Pereira, por sua vez, focará no impacto da Revolução Bolchevique no continente africano, no estímulo aos processos de libertação colonial, e o papel da III Internacional na defesa da autodeterminação dos povos, bem como também o papel dos partidos comunistas em África, como na luta contra o Apartheid. Braz abordou as mudanças no pensamento leninista, e os impactos que o processo russo acarretou para a Europa, e nos recordou que o Estado de Bem-Estar Social foi um subproduto, um resultado das pressões que a existência do bloco socialista impôs às burguesias europeias, bem como nos lembrou um dos maiores feitos soviéticos: a derrota sobre o nazifascismo na Segunda Guerra Mundial.

Por fim, duas notas. Durante o nosso evento ficamos a saber da perda de dois gigantes da luta socialista mundial, dois portugueses que lutaram pela liberdade em seu país e também no nosso. Primeiro, perdemos no dia 27 de maio o comunista Miguel Urbano Rodrigues, que esteve exilado no Brasil, exercendo sua profissão de jornalista, e que foi, após a queda do fascismo pela Revolução dos Cravos, em 25 de abril de 1974, chefe de redação do jornal *Avante!*, do PCP, e depois diretor de *O Diário*, tendo sido, entre outras coisas, deputado desse mesmo partido na Assembleia da República. José Paulo Netto tomou a missão de prestar a homenagem ao seu amigo, o que o fez antes da mesa da tarde do primeiro dia de debates. Já no segundo dia de debates, também ao princípio da tarde, cumpri o papel de homenagear outro herói do Brasil e de Portugal, falecido em 13 de junho, Alípio de Freitas. Este começou sua vida como padre, tendo ido para o Maranhão, onde fundou com Francisco Julião as Ligas Camponesas. Com o golpe de primeiro de abril de 1964, exilou-se no México e depois fez treinamento político-militar em Cuba. Retornando clandestinamente para participar da luta armada no Brasil, em 1966, sendo primeiro militante da Ação Popular e depois do Partido Revolucionário dos Trabalhadores. Foi preso e torturado em 1970, saindo apenas em 1979, com a anistia. Vai para Moçambique e termina por regressar em 1984 para Portugal, já há muito tendo deixado de ser padre, e trabalha como jornalista na RTP. Em 1996, recebeu a condecoração de Grande Oficial da Ordem da Liberdade da República Portuguesa. Sua relação com o Brasil o levou a fundar a Casa do Brasil de Lisboa e a Associação Mares Navegados. Criou e participou de muitas outras associações, tendo presidido a Associação José Afonso (AJA). A nossa homenagem terminou com o tocar da música de Zeca Afonso, de 1976, intitulada precisamente *Alípio de Freitas*, feita para denunciar a prisão deste no Brasil, um “homem de grande firmeza”, que sempre esteve “ao lado dos explorados / no combate à opressão”.

A outra nota é a extraordinária itinerância da exposição. Esta passou pela PUC-Rio, por escolas públicas e por outros lugares. Porém, gostaria de ressaltar a passagem pelo Instituto Benjamin Constant. Nesta instituição para cegos se fez uma adaptação, a partir do interesse dos professores, da exposição. Tive a fantástica experiência de ir falar da mesma na abertura da *Semana do Centenário da Revolução Russa*, organizada pelos professores Flávio Antônio França, Leonardo Augusto e Rafael Dutton, com a colaboração de seus colegas. Para além de envolvimento afetivo, por minha mãe ser cega, a questão da acessibilidade às exposições e na sociedade em geral é um elemento importantíssimo para garantir os direitos de uma parte enorme da população, atualmente excluída. Ainda mais quando se coloca, em processo ideológico de falseamento das concepções marxistas, uma suposta contraposição entre a equidade e a igualdade. Na verdade, a equidade, ao tratar os diferentes de forma diferente, é convergente com o princípio da igualdade marxista. O marxismo, se propõe o acesso igualitário de todos às necessidades universais de nossa espécie, pressupõe as diferenças intrínsecas nesse processo, como releva o lema de Marx que resumiria o comunismo, “de cada qual, segundo sua capacidade; a cada qual, segundo suas necessidades”.

Como se vê, os curadores desta exposição, a equipe que a realizou, assumiu uma posição, um lado no debate. Em tempos de uma campanha ideológica que pretende propor uma ciência e uma educação “neutras”, objetivo irrealizável, nossa exposição fez eco prático ao que Lênin – novamente ele – nos legou como ensinamento, explicando também a razão da hostilidade ao marxismo por parte das elites – russas, alemãs, brasileiras, de todo o mundo – e, por consequência, à Revolução Russa, seus líderes e reflexões: “A doutrina de Marx suscita em todo o mundo civilizado a maior hostilidade e o maior ódio de toda a ciência

burguesa (tanto a oficial como a liberal), que vê no marxismo uma espécie de ‘seita perniciososa’. E não se pode esperar outra atitude, pois, numa sociedade baseada na luta de classes não pode haver ciência social ‘imparcial’. De uma forma ou de outra, *toda* a ciência oficial e liberal *defende* a escravidão assalariada, enquanto o marxismo declarou uma guerra implacável a essa escravidão. Esperar que a ciência fosse imparcial numa sociedade de escravidão assalariada seria uma ingenuidade tão pueril como esperar que os fabricantes sejam imparciais quanto à questão da conveniência de aumentar os salários dos operários diminuindo os lucros do capital”¹⁰.

À toda essa vanguarda, a essa massa crítica que construiu o evento, desde a concepção à montagem da exposição; aos que participaram das mesas de debate, aos que as organizaram e aos que as assistiram e entrevistaram; aos que impulsionaram e debateram nas *Quartas Vermelhas* os filmes que representaram um pouco da história dessa revolução e de seus desdobramentos; aos bolsistas que fizeram as visitas guiadas; aos que visitaram a exposição; aos professores que trouxeram suas turmas para participarem; aos que limpam o espaço expositivo e de debates, garantindo seu funcionamento; à reitoria, à direção do CFCH e das unidades que o integram; aos jornalistas e movimentos sociais que a divulgaram; aos que tornaram possível este catálogo e memória, como Hiran Roedel, que escreveu comigo os textos que introduzem as seções de cartazes, ou Fábio Marinho, fundamental na diagramação, inclusive da exposição; a todos os que, de uma forma ou de outra, colaboraram para que tudo transcorresse da melhor maneira possível, para que a bandeira vermelha pela justiça, pela liberdade e pela igualdade fosse desfraldada novamente, como em 1917, ainda que por poucos dias, trazendo um pouco de luz às trevas que se abatem sobre nós, a todos, dedico esta brochura.

Carlos Serrano Ferreira

¹⁰ LÉNINE, V.I. As Três Fontes e as Três partes Constitutivas do Marxismo. Disponível [aqui](#). Acesso em: 1 de junho de 2019. Grifos no original.

PARTE I

SEMINÁRIO

I

A História da Revolução Russa (1917-24) 18

Graziela Schneider
Henrique Canary
Lincoln de Abreu Penna
Carlos Serrano Ferreira

II

A Revolução Russa e o Brasil 43

Anita Leocádia Prestes

III

A Revolução e o mundo 53

Marcelo Braz
Carlos Eduardo Martins
Vantuil Pereira

IV

Homenagem a Alípio de Freitas 73

Carlos Serrano Ferreira

V

Perspectivas do socialismo contemporâneo 75

Edmilson Costa
Demian Melo



CAPÍTULO I

A HISTÓRIA DA REVOLUÇÃO RUSSA (1917-24)

SCHNEIDER

CANARY

PENNA

SERRANO

GRAZIELA SCHNEIDER

Bom dia a todas e a todos, eu também queria agradecer o convite da decania e de toda a organização do evento, é uma honra estar aqui. Eu vou fazer uma fala bem informal. O objetivo principal dela é dar voz às mulheres, algumas das mulheres, e nesse espaço de tempo, quatro das que eu selecionei, que fizeram parte da história da Revolução, durante e depois das revoluções, tanto de 1905, quanto de 1917.

Eu inicio a minha fala com uma citação sobre um livro que saiu agora, recentemente, há alguns dias, porque acho que a gente pode transferir, substituir, a questão da literatura, nesse caso, pensando na história da Rússia. “O mais perturbador não é a quantidade de mulheres desconhecidas do grande público que tiveram atividade intelectual e literária no Brasil” – pensando nas inúmeras autoras russas que são desconhecidas no Ocidente como um todo, em geral, não somente no Brasil e na América Latina. “É que raramente elas permaneceram na história da literatura. Tanto em séculos anteriores como nos dias de hoje, mulheres escrevem e desaparecem, mesmo que tenham tido

uma vida dedicada”, à história, à literatura, à política etc. [...] Esse texto, de Marília Kubota – uma das organizadoras desse livro, lançado recentemente e do qual gosto muito, *Blasfêmeas: mulheres de palavra* – foi selecionado por Leila Guenther, uma das autoras. O trecho dá uma ideia bastante nítida do que aconteceu com algumas dessas mulheres que estão no livro, mas, principalmente, com as incontáveis mulheres que não estão nem nesse livro, nem em outros livros. Como eu venho repetindo, também já faz algum tempo, eu dedico não só essa mesa, não só o evento, mas o livro e, enfim, todos os nossos trabalhos e as nossas lutas, a essas incontáveis mulheres anônimas. As mulheres que lutaram antes, durante e depois da Revolução Russa, mas também as mulheres que lutam todos os dias, e que muitas vezes não são feministas declaradas, mas são feministas dessa luta diária que nós temos, em todos os combates que nós temos ainda hoje. E, como a professora Jessie [Jane] comentou, é interessante ver que nós estamos, nesse livro e nos textos das mulheres, [...] lendo as mesmas pautas. Pautas que foram escritas, algumas delas há cem ou oitenta anos, mas que poderiam ter sido escritas, infelizmente, ontem ou hoje. Vou ler alguns trechos e isso vai ficar mais claro.

O livro *A revolução das mulheres: emancipação feminina na Rússia soviética: artigos, atas, panfletos, ensaios* faz parte de uma pesquisa que eu iniciei justamente porque há 20 anos eu vejo a ausência de mulheres na literatura em geral, mas pensando mais especificamente na literatura e na cultura russa, em suas antologias, em seus eventos, onde nós conhecemos muito poucas autoras, seja de ficção, seja de ensaio, seja de história, seja de política, etc. Ao mesmo tempo, feliz e infelizmente, esse tema da mulher está na moda. Infelizmente porque ainda é tratado como mercadoria, como produto. E felizmente porque faz com que a gente tenha acesso, a possibilidade, o interesse das editoras, para que nós tenhamos acesso a essas mulheres e a esses textos. E aí eu faço mais um agradecimento, não só à editora Boitempo, por essa possibilidade, por viabilizar esse acesso aos textos, mas também às tradutoras – temos aqui uma delas presente, que é estudante da UFRJ. Nós temos também mais três tradutoras do curso de russo da UFRJ que participaram dessa tradução. Agradeço a todas as tradutoras, toda a equipe, composta exclusivamente de mulheres, também foi absolutamente proposital que nós montássemos essa equipe de tradutoras, quanto a equipe de preparação, de revisão, a capa etc., o design e todo o projeto gráfico do livro. Dedico a todas essas mulheres que fizeram isso possível, porque, também como foi dito aqui pela professora Lilia [Pougy], este é um trabalho coletivo. Então eu agradeço tanto às autoras que escreveram estes textos tão importantes, quanto às pessoas que fizeram possível que eles chegassem, 100 anos depois, por conta dessa efeméride da Revolução Russa, a nós.

Recentemente me perguntaram o que as mulheres ganharam com a Revolução Russa. E eu faço uma pergunta de volta: o que as revoluções russas ganharam com as mulheres? Vou antecipar uma das leituras de uma das autoras, porque fala um pouco sobre esse momento. Ultimamente este tema foi também trazido com mais força pela mídia brasileira e ocidental em geral, mas vou falar de forma mais específica do Brasil, [...] a questão das mulheres na Revolução de Fevereiro e de como foi emblemática sua participação porque elas iniciaram uma grande manifestação.

Daqui a pouco vou ler alguns trechinhos que falam um pouco sobre isso. Milhares de mulheres foram às ruas e fizeram esse protesto, pedindo, principalmente, o fim da Primeira Guerra [Mundial], o fim da miséria e da fome e, claro, direitos iguais. Aqui no cartaz há a mensagem: direitos iguais para as mulheres. Então eu faço a leitura da autora que, entre nós, é a mais conhecida, a Alexandra Kollontai. Ela já é traduzida no Brasil desde o fim da década de cinquenta, sempre em tradução indireta, sendo esta a primeira tradução direta do Russo da Kollontai no Brasil. Eu faço essa leitura para que a gente veja como ela, em 1927 – esse texto é de vinte e sete – coloca a participação das mulheres na Revolução de Outubro. “Para a Grande Revolução de Outubro, quem foram elas? Indivíduos? Não, uma massa, dezenas, centenas de milhares de heroínas anônimas que caminharam lado a lado com operários e camponeses em nome da bandeira vermelha, com o leme dos soviets, através das ruínas do odioso passado religioso tsarista, em direção a um novo futuro... Se olharmos para o passado, veremos essas massas de heroínas anônimas nos dias de Outubro em cidades famélicas, em vilas destituídas e espoliadas pela guerra... Paninhos na cabeça (ainda eram incomuns os lenços vermelhos), saias puídas, casacos remendados... Jovens e idosas, operárias e soldadas, camponesas e donas de casa, da camada pobre da sociedade. Mas também havia mulheres da *intelligentsia* entre aqueles que carregaram a bandeira vermelha na vitória de Outubro: professoras, funcionárias de escritórios, jovens universitárias, estudantes ginásiais, médicas. Caminhavam alegres, abnegadas, assertivas”. Claro que há uma romantização, porque de alegre não tinha nada. Mas, enfim, é a maneira com que Kollontai, que também era escritora, cria. “Para onde quer que fosse, lá iam elas. No *front*? Quepe na cabeça, e logo se tornaram soldadas do *front* vermelho. Se amarrassem uma faixa vermelha no braço, significava que estavam correndo para o posto médico para socorrer o *front* vermelho. Trabalhavam na comunicação. Quando lembrarmos os dias de Outubro, não vemos rostos individuais, mas uma massa. Sem número, como se fossem ondas de gente. E, para onde quer que se olhe, por toda parte, há mulheres: nos comícios, reuniões, manifestações...”.

Quando iniciei essa pesquisa, fiquei absolutamente espantada com o número de autoras russas que escreveram os mais variados textos. Há ao menos cem, cento e cinquenta, que poderão ser pesquisadas, traduzidas e trazidas para a leitura aqui no Brasil. Também me perguntam bastante sobre o que essas mulheres escreviam, como se elas só pudessem escrever sobre temas relativos às mulheres. Aqui a gente tem alguns recortes das suas ocupações e profissões. Acho muito interessante e engraçada essa pergunta, e evidentemente sempre respondi: “não entendi a pergunta”. Porque é óbvio que essas e todas as mulheres se interessam e escrevem sobre absolutamente tudo o que quiserem. Então, nesse livro, por exemplo, há professoras, historiadoras, jornalistas, pedagogas, escritoras, artistas etc. E que vão escrever sobre política, sobre teoria, sobre memória, sobre arte etc. Obviamente que há, tanto para essa apresentação, quanto para o livro, um recorte dessas autoras, e de vertentes dos feminismos russo e soviético, além de haver um recorte temático, temporal e também de gênero textual. A partir dos textos que separei, dos trechos dos textos que eu separei para essa fala, eu tinha em mente como são atuais, como podem ser trazidos para a nossa realidade hoje. Além desse diálogo, claro, com a revolução.

Aqui então a gente tem uma foto da Kollontai, que é bastante conhecida do nosso público. E eu passo para uma fala um pouco contextual daquela época. As primeiras manifestações de russas sobre a condição feminina já começam a aparecer a partir de meados do século XIX, e é óbvio, muito antes disso, pelo menos a partir do século XVIII, mas é claro que elas não eram publicadas. Em especial nos anos 50 e 60 do século XIX, há um marco para a questão da emancipação da mulher, para a expressão de algumas autoras. O movimento vai avançando com o estabelecimento de instituições e publicações de mulheres, e se intensifica no início do século XX, principalmente entre as revoluções de 1905 e 1917, com a participação de mulheres em organizações, congressos e reuniões, ou seja, atuando, produzindo conteúdo e lutando. Obviamente destacam-se incontáveis vozes femininas

na Rússia antes e durante as revoluções, e depois, no período soviético. Poucas são conhecidas no Ocidente em geral, como a Kollontai, a [Nadejda] Krúpskaia e a Inessa Armand. Essas vozes, dessas mulheres, representam vertentes diversas dos feminismos russo e soviético: liberais, como [Maria Ivánovna] Pokróvskaia e [Ariadna V.] Tirkóva-Williams; marxistas, como Krúpskaya, a própria Kollontai e Armand; radicais, como Anna Kalmánovitch, de origem camponesa, como Olga Chapír, e de outras origens diversas; elas vão apresentando, por meio dos seus próprios olhares de mulheres, com históricos distintos de vida e profissão, retratos dessa época. Com todas as suas contradições, certamente.

No início do século XIX, começo do XX, elas vão criando instituições. Elenco algumas das mais importantes, como a Sociedade Russa de Defesa das Mulheres, o Partido Progressista das Mulheres etc. E, já na União Soviética, o *Jenotdiél*, que seria o Departamento de Mulheres do Partido Comunista. Além disso, elas tinham periódicos em que publicavam seus textos, realizavam reuniões e congressos, em que faziam comunicações que depois eram publicadas, e organizavam encontros e outros tipos de eventos. É muito importante falar sobre isso, porque elas não [eram] apenas coadjuvantes ou apenas participantes. Elas realmente produziram conteúdo e ação. A União da Igualdade das Mulheres, por exemplo, uma das maiores dessas instituições, que surgiu após a Revolução de 1905, foi obrigada a encerrar as suas atividades em seguida, depois de 1905, durante a repressão. Sempre lembrando que elas eram sempre sufocadas em suas expressões escritas, em suas manifestações, em suas ações. Já a Liga da Igualdade de Direito das Mulheres ajudou a organizar a histórica marcha – da qual a gente viu uma foto no início da apresentação – em 8 de março de 1917 ([23 de] fevereiro no calendário Juliano). Considerado um dos primeiros passos para as revoluções de 1917, é quando milhares de operárias têxteis iniciaram uma greve geral e protestaram, um acontecimento agora já mais conhecido do público brasileiro.

Vou fazer a leitura de alguns textos. O primeiro é da Kalmánovitch, uma autora bem desconhecida do público ocidental, em geral, mas que tem um trabalho bem interessante. Já em 1907, por exemplo, falava em feminismo, que é um termo que começa a ser usado muito depois, em um certo sentido. Depois de 1905, torna-se uma feminista radical (sempre lembrando que o que era chamado de radical, na época, não é o mesmo do que hoje) e é uma das primeiras mulheres a falar publicamente sobre os direitos políticos das mulheres e de igualdade de gênero. Claro que naquela época não se denominava gênero. Ao longo da sua vida escreveu panfletos sobre o tema e contribuiu para os principais periódicos feministas da época. Dedicou-se também à realização de palestras e discursos sobre a causa da mulher. Depois de Outubro seu destino é desconhecido, tanto que não há informações precisas nem sobre a data de nascimento, nem sobre a data de falecimento, ao menos por enquanto. Vou passar para a leitura de um trecho de um texto dela, é e é perceptível que poderia mesmo ter sido escrito ontem. “Ao ingressar no partido, a mulher – se não estiver acompanhada do marido – encontra hostilidade. E se existir algum motivo para não admiti-la, o motivo não será ignorado. Caso ela, apesar de tudo, consiga entrar, faz-se o possível para que ela perca a vontade de ir às sessões. Não se sentam perto dela, não conversam com ela, e tudo que lhe é interessante, ou de seu interesse, é resolvido sem sua participação. Finalmente, se ela se destaca de alguma forma, isso provoca ódio e inveja”. Vou retomar isso daqui a pouco com o texto de outra autora, mas é importante sempre se fazer a pergunta, não só nesse momento drástico da realidade da história brasileira e dessa política completamente masculina, masculinizada, masculinizante, mas mesmo em momentos anteriores, como é difícil entrar nesses espaços. Não significa, como muitas pessoas me perguntam, o que as mulheres fizeram ou não fizeram pra não entrar, e sim

[o que] as mulheres vêm tentando fazer há muito mais do que cem anos, mas são sufocadas, [e] lhes é tirado o direito de participação e de ação. Assim como não há nada sobre datas, é muito difícil encontrar fotos dessa autora, até o momento eu não encontrei nenhuma confiável.

Parto para a segunda autora. Lerei dois trechos também, aproveitando um ensejo infeliz de algo que vem sendo tema de debate nos últimos tempos. A Krúpskaia é mais conhecida do público brasileiro. No livro, a gente procurou não falar “filha de não sei quem”, “esposa de não sei quem”, muito menos “amante de não sei quem”, mas, no caso da Krúpskaia, é impossível não mencionar que ela foi esposa do Lênin. Porém, digamos que essa não seja a Krúpskaia. Ela foi pedagoga, crítica literária, memorialista, revolucionária etc., etc. e etc. “Iniciou sua atividade revolucionária nos anos 1890[,] frequentando círculos de estudantes marxistas e operários, e logo entrou para a União da Luta pela Libertação da Classe Operária [...]. A partir de 1903 passou a atuar no Partido Operário Social-Democrata Russo como secretária da redação do *Iskra*, jornal do partido, e, em 1905, do Comitê Central. [...] Depois da Revolução [...] tornou-se deputada do Comissariado para a Educação, mais especificamente da Divisão de Educação para Adultos”. Ela tem mais ou menos dez ou onze tomos de obras sobre educação e outros temas... “Em 1920, assumiu o Comitê de Educação [...] e] entre 1929 e 1939, trabalhou como Comissária da Educação”, entre outras atividades. Óbvio que fiz um resumo. Então, por que seria ela, como recentemente até o Henrique [Canary] colocou, por que seria ela lembrada como a esposa de alguém e não como mulher plena como atestam suas atividades. Outra coisa que acontece bastante é fazerem comentários sobre a aparência das mulheres. Chegaram a fazer essa pergunta para mim, se havia algum tipo de organização em relação à estética das autoras... Eu simplesmente não respondi.

O próximo texto chega a ser meio tragicômico. Até divertido, mas meio tragicômico, no sentido de que ainda hoje a gente discute muito a divisão de tarefas. O texto tem o título *Devemos ensinar “coisas de menina” ou “coisas de mulher” para meninos?*. “Com tais objetivos é preciso ensinar aos meninos, justamente como às meninas, a costurar, fazer crochê, a remendar a roupa branca, ou seja, tudo aquilo sem o qual não se pode viver e cujo desconhecimento torna a pessoa impotente e dependente de outros. Se essa aprendizagem ocorrer como se deve, há razões para pensar que os meninos a realizem com prazer”. Ela inclusive menciona no texto algumas experiências em escolas em que os meninos, obviamente, nem preciso dizer, tinham desempenho muito bom em todas as tarefas. “Sendo assim, é preciso encarregar alternadamente as próprias crianças (sem separação do trabalho entre meninos e meninas) da tarefa de preparar o café da manhã coletivo, de lavar a louça, de arrumar as salas, de limpá-las, etc. O desejo de ser útil, de realizar bem a função que lhe foi atribuída, o entusiasmo pelo trabalho farão com que o menino logo esqueça do seu desdém pelas ‘coisas de mulher’”. De fato, a gente podia conversar sobre isso no café da manhã, infelizmente. “Na sociedade contemporânea, a vida familiar está ligada – e isso provavelmente continuará assim por muito tempo – a uma série de pequenos cuidados que se relacionam com a concretização de afazeres domésticos isolados. A futura reformulação da produção e a alteração das condições da vida em sociedade introduzirão significativas mudanças nesse âmbito” – infelizmente, isso não se concretizou como deveria – “mas enquanto a vida familiar estiver ligada a tarefas como cozinhar [...], limpar a casa, remendar o uniforme [...] etc., todo esse trabalho recairá integralmente sobre

a mulher. Nas famílias que possuem meios” – e eu entro então em uma questão que a gente vem discutindo bastante nas esquerdas – “este trabalho cabe a uma empregada contratada: cozinheira, faxineira, babá. A mulher de posses liberta-se de tais tarefas, mas encarrega outra mulher que não tem, ela mesma, chance de se libertar. De uma forma ou de outra, todo o trabalho doméstico recai exclusivamente sobre a mulher” – a gente ainda fala em ajuda [...] dos companheiros nos trabalhos domésticos, e não em divisão... – “Na imprensa burguesa (em especial no Ocidente), fala-se muito que o trabalho doméstico é um campo no qual a mulher pode empregar suas forças de maneira mais produtiva. A pessoa só cria algo verdadeiramente grandioso atuando na esfera que melhor corresponde à sua individualidade, e os pequenos cuidados domésticos são os mais apropriados à individualidade da mulher” – isso segundo a imprensa do Ocidente, mas até hoje a gente tem esse tipo de pensamento bastante manifesto – “Ela deve se preocupar em ser uma dona de casa exemplar e não se esforçar para deixar a vida familiar, nem concorrer com o homem no campo do trabalho intelectual. Não se trata de desprezar a função de tirar o pó e remendar meias-calças; são tarefas que merecem todo respeito e de forma alguma desprezo. [...] A hipocrisia desse discurso é evidente, uma vez que os homens que saem por aí anunciando o seu grande respeito pelo trabalho doméstico jamais se rebaixam a efetivamente realizá-lo. Por quê? Pois, no fundo de sua alma, desprezam essa tarefa, consideram-na coisa de seres menos evoluídos, possuidores de necessidades mais simplórias”. Parece um pouco exagerado, mas a gente sabe que no dia a dia e nos índices, não é nada exagerado¹.

¹ Na ocasião, em 2017, haviam ocorrido no Brasil alguns lamentáveis episódios: escolas propuseram atividades em que alunas e alunos utilizavam uniformes de determinadas funções ou profissões como fantasia, associando-as a fracasso, de forma depreciativa, preconceituosa e racista. Isso demonstra que, cem anos depois, esses pensamentos perduram. Krúpskaia trata da questão já em 1908, chamando a atenção para o fato de que a classe dominante menospreza tarefas, funções, profissões das quais precisa, mas não quer cumprir, e chega a ensinar que realizá-las ou exercê-las significa se rebaixar, visto que, “no fundo de sua alma, desprezam[-nas], consideram-na[s] coisa de seres menos evoluídos, possuidores de necessidades mais simplórias”. A autora russa aponta para soluções, por meio da educação emancipatória, e de um processo contínuo de conscientização, afinal, como ela assevera, “são tarefas que merecem todo respeito e de forma alguma desprezo”. É preciso combater esse tipo de visão, atitude e ação, de instituições e pessoas, em especial entre as que trabalham com educação e que deveriam justamente ensinar o contrário. Infelizmente, o texto de Krúpskaia se mostra atual, mas nos auxilia na luta pela equidade e respeito por todas as funções e profissões.

Finalmente, parto para o último trecho, que é de uma autora chamada Inessa Armand. Não havia nada dela traduzido para o português, mas há bastante material para o inglês, para o francês. “Nascida em Paris, mas tendo se mudado aos cinco anos para Moscou, Armand foi feminista e política e destacou-se por sua atuação como ativista bolchevique. Sob os pseudônimos Elena Blonina e Elena Olonina, escreveu inúmeros panfletos, em especial sobre a liberdade feminina e contra a família tradicional. Fundou [...] uma escola para camponeses em Eldiguino, nos arredores de Moscou, na qual lecionava”. Participou ativamente da Revolução de 1905, depois em meados de Fevereiro, depois da revolução, da qual ela não participou, foi para a Rússia e lutou na Revolução de Outubro também, entre outras atividades. “É claro que as trabalhadoras entre nós há tempos se empenham pelos Sovietes.” – essa também é uma provocação para as esquerdas, para nós – “Há pouco mais de dois anos, elas estavam conquistando o poder junto com os trabalhadores e agora são uma força vigorosa e ativa que luta pelos soviets. Mas são muitas as trabalhadoras dentro dos Sovietes? Não, ainda são demasiado poucas. Pois então elas devem mostrar mais uma vez sua energia e determinação e pôr isso em prática. Até então, elas foram convocadas em massa para o trabalho no soviete, principalmente nas reuniões de delegadas; agora começa o momento em que, além dessas reuniões, elas devem ter participação direta também dentro dos soviets, em todo seu trabalho. À medida que se impõe cada vez mais aos trabalhadores partir para o *front*, essa necessidade torna-se mais premente. A trabalhadora deve substituí-los na retaguarda não no discurso, mas de fato”.

Aqui faço uma provocação: porque até hoje, e inclusive também me fizeram essa pergunta, sobre o que eu achava do fato de a política, as ações de esquerda, ainda serem muito masculinas. Mas, como eu mencionei antes, não é possível separar, no sentido de não pensar que as mulheres também fazem as esquerdas. Só que não são visibilizadas, como também foi referido anteriormente. Então não é que elas não estejam presentes, não é que elas não tenham uma participação direta, ou um trabalho tão interessante quanto atuante, mas esse trabalho, como illustrei no começo com aquela citação, é esquecido. Ele não fica permanente, não fica registrado. Então eu finalizo incitando novamente que a gente leia essas mulheres, porque, durante muito tempo, em especial no Ocidente, elas foram absolutamente silenciadas, e os textos estão aqui, falando. Infelizmente, dialogando conosco agora. E o seu valor histórico, o estudo do momento anterior à Revolução, também traz bastante luz para a gente de um ponto de vista da mulher, das mulheres, sobre esses processos históricos, sociais, culturais. Obrigada. ■

▲ HENRIQUE CANARY

Lênin e Stálin: continuidade e ruptura na história da Revolução Russa

Bom dia. Eu queria, em primeiro lugar, agradecer tão gentil convite. Hoje eu sou doutorando pelo programa de Literatura e Cultura Russa da USP, mas sou historiador de profissão. Por isso, estou aqui revivendo uma velha paixão, um velho amor. Porque falar sobre a Revolução Russa é o que eu fiz desde que entrei para a faculdade. Depois de me formar, também me dediquei a esse tema. Pra mim isso é sempre muito prazeroso, muito bom, principalmente porque estamos completando essa data redonda que são os cem anos da revolução. Eu agradeço pelo convite e espero que possa contribuir um pouco com o debate aqui.

Quando eu vi o tema eu fiquei bastante apreensivo: a Revolução Russa de 1917 até 1924. A última vez que me chamaram pra falar apenas sobre a Revolução de Fevereiro, eu acabei falando três horas. Então eu fiquei muito preocupado com o que eu poderia falar sobre a enorme quantidade de eventos que ocorreram entre 1917 e 1924, para não acontecer uma palestra de sete horas, quatorze horas [risos]. Então, tive que escolher algum tema específico. Eu escolhi uma problemática para falar, que é o que poderíamos chamar de problema da “continuidade-ruptura” na Revolução Russa. Haveria muitos assuntos, mas eu escolhi esse tema porque eu acho que ele é um elemento importante que pode gerar entre nós um debate, que pode fomentar, provocar algumas discussões.

O que quer dizer isso: “continuidade-ruptura”? É um tema muito importante para o historiador. Em última instância, a tarefa do historiador é esclarecer ao longo do processo histórico quais foram os momentos de ruptura e quais foram os momentos de continuidade: em que momentos a história se desenvolveu em passos mais lentos e lineares e quando ela deu saltos para frente ou para trás. Isso nos permite racionalizar a história e compreendê-la. Não é só isso, mas isso é parte das tarefas do historiador. Então, identificar os momentos de continuidade e ruptura, onde a linearidade histórica se rompe e a história adquire realmente um novo rumo, um rumo completamente distinto do que vinha se desenvolvendo anteriormente, nos permite entender a história. Isso dá sentido aos processos que muitas vezes aparecem para nós de forma um pouco caótica, às vezes um pouco sem sentido.



Isso é particularmente importante em relação à Revolução Russa, porque ninguém nega que em 1917 houve uma enorme ruptura histórica. Nós não estaríamos aqui discutindo 1917 se não tivesse havido naquele momento uma ruptura completa de toda estrutura social, do ritmo e dos caminhos normais de desenvolvimento da sociedade. Ninguém nega que em 1917 houve um salto qualitativo. Mesmo os inimigos da Revolução Russa, aqueles que sempre a criticaram, os liberais, a direita, os fascistas – mesmo eles concordam que outubro de 1917 foi uma ruptura no ritmo da história. E ninguém nega também, eu acho, que, ao fim e ao cabo, a Revolução Russa não entregou aquilo pelo qual ela foi feita, pelo qual ela foi organizada. Ou seja, o socialismo não triunfou no mundo. A União Soviética não existe mais. Então, em algum momento ao longo da sua história, houve uma segunda ruptura, que desviou a sociedade do caminho que ela tinha começado a trilhar em 1917. Houve, aliás, muitas rupturas. Eu acho que a nossa tarefa é tentar ver onde foram essas rupturas, quais foram elas e onde houve continuidade.

Qual é o complicador no caso da Revolução Russa? Se você analisar o processo revolucionário e o período imediatamente posterior, você percebe que toda a superfície, toda a aparência do processo, se manteve. Em 1917 e depois, na década de 20, 30, 40 e mesmo mais tarde, ao longo de todo esse período se mantiveram as mesmas formas que haviam sido estabelecidas pela Revolução Russa: manteve-se o partido que se chamava Partido Bolchevique, que depois mudou de nome para Partido Comunista Russo (bolchevique). Se mantiveram a estética, as canções, as bandeiras. Tudo isso foi mantido. A aparência do fenômeno é basicamente a mesma. Então, eu acho que nós deveríamos analisar por baixo, através dessas aparências que muitas vezes se mantiveram, e tentar identificar o que realmente aconteceu ali. Por baixo das mesmas formas, houve vários momentos da Revolução Russa, rupturas de rumo dentro do processo revolucionário. Tudo era feito reivindicando Outubro,

reivindicando o legado de Lênin, reivindicando as tarefas, os propósitos da revolução, a história da revolução. Não houve – a não ser depois, na década de 90 – nenhuma reviravolta política ou militar abertamente contrária à herança de Outubro. Não houve um golpe militar que estabelecesse um regime que negasse de maneira aberta e contundente a herança da Revolução Russa. Todas as reviravoltas que aconteciam sempre reivindicavam o legado de Outubro. Então, onde está o problema?

A estratégia bolchevique

Começamos pelos objetivos estratégicos. O que queriam os bolcheviques quando, em 1917, Lênin desembarca em Petrogrado e defende a continuidade do processo revolucionário? Certamente todos lembram desse episódio. Lênin defende que a Revolução de Fevereiro não deveria ser o fim, mas o início de uma nova revolução, que era preciso avançar para um poder realmente soviético, para a instauração da ditadura do proletariado como um novo tipo de Estado. Vamos analisar melhor esse objetivo.

Em 1922, já portanto cinco anos depois da Revolução Russa, um historiador menchevique chamado Nikolai Sukhanov escreveu um livro chamado *Notas sobre a Revolução*. Sukhanov era um historiador muito capaz, um intelectual muito competente, e escreveu um livro que retomava um pouco a polêmica entre bolcheviques e mencheviques de 1917, isso já depois da Guerra Civil. Sukhanov dizia mais ou menos o seguinte: “Estão vendo? Nós, mencheviques, estávamos certos. Era errado estabelecer um poder soviético na Rússia em outubro de 1917. Nós avisamos. Não havia condições de construir o socialismo na Rússia. Por isso ocorreu a Guerra Civil, daí as dificuldades que nós estamos enfrentando, daí a fome, daí todos os problemas da economia, daí as revoltas camponesas. Nós avisamos etc etc”¹. Essa era a posição de Sukhanov em 1922.

¹ Nos casos em que aparecem aspas, mas a obra não é indicada, deve-se entender o trecho como uma reprodução aproximada do sentido, já que se tratou de uma apresentação oral.

Isso é muito interessante porque de fato esse debate não acabou nem em 1917, nem em 1922. Ele continuou na esquerda ao longo de todo o século XX. Foi correto realmente não se deter na etapa democrática da Revolução de Fevereiro e avançar para uma revolução verdadeiramente proletária, uma revolução socialista em outubro? Em 1922 Lênin já estava muito doente, mas valorizava tanto a posição de Sukhanov que considerou seu dever responder. Citando uma frase de Sukhanov no livro, Lênin fala: “A Rússia não atingiu um nível de desenvolvimento das forças produtivas que torne possível o socialismo”² – essa é a frase de Sukhanov que Lênin cita. Em seguida Lênin fecha aspas e acrescenta: “Todos os heróis da II Internacional, e entre eles, naturalmente, Sukhanov, se comportam como se tivessem descoberto a pólvora. Ruminam esta tese indiscutível de mil maneiras e parece-lhes que é decisiva para apreciar a nossa revolução”³. Eu queria chamar atenção de vocês para uma coisa. Vejam que interessante. Lênin cita Sukhanov e fala: “essa tese é indiscutível”. Portanto, Lênin *concorda* com Sukhanov. Sukhanov diz: “não havia condições de construir o socialismo na União Soviética”, e Lênin diz que essa tese é “indiscutível”. Ou seja, para Lênin essa ideia é verdadeira, mas ela não explica a Revolução Russa. E Lênin continua: “O que fazer se uma situação absolutamente sem saída, decuplicando as forças dos operários e camponeses, abriu perante nós a possibilidade de passar de maneira diferente de todos os outros países da Europa Ocidental à criação das premissas fundamentais da civilização?”⁴. Quero chamar atenção de vocês para outra coisa. Lênin considera, portanto, que a tarefa da Revolução Russa não era sequer criar a civilização, mas sim criar as *premissas* da civilização. Ou seja, as pré-condições necessárias para uma verdadeira civilização, tamanha a barbárie que existia na sociedade russa. E continua Lênin: “Se para criar o socialismo é necessário um determinado nível de cultura (ainda que ninguém possa dizer

qual é precisamente esse determinado ‘nível de cultura’, pois ele é diferente em cada um dos Estados da Europa Ocidental), por que não podemos começar primeiro pela conquista, por via revolucionária, das premissas para esse determinado nível, e, *depois*, com base no poder operário e camponês e no regime soviético, nos movermos para alcançar os outros povos?”⁵.

Então, o que quer dizer isso? Que os bolcheviques tomaram o poder em 1917, mas eles nunca pretenderam construir uma sociedade socialista isolada numa Rússia atrasada, bárbara, camponesa, que apenas emergia do terrível regime de servidão. Lênin diz: “Essa tese é indiscutível!”. Ninguém discute. É óbvio que não é possível construir o socialismo na Rússia. A Revolução de Outubro foi feita não para construir o socialismo numa sociedade isolada, numa sociedade agrária. A Revolução Russa foi feita por uma imposição da história. Não foi um desejo arbitrário dos bolcheviques. Não foi uma tentativa de enganar a história. Foi porque a própria história impôs à Rússia a realização de uma segunda revolução. Porque não se pode esquecer que houve uma revolução democrática. O programa de toda a social-democracia internacional da época, da maioria do movimento socialista da época, dos marxistas da época, era que a Rússia, por ser um país atrasado, deveria apenas fazer uma revolução democrática e isso seria o suficiente. O problema foi que essa revolução aconteceu, mas ela não resolveu nenhum dos problemas que ela mesma se propunha a resolver. Ela não deu terra para os camponeses, não deu a paz para os soldados, não deu o pão para os operários, não deu uma Assembleia Constituinte para o povo. A Revolução de Fevereiro não resolveu nenhum dos problemas fundamentais. Por isso, a Revolução de Outubro não foi um capricho bolchevique, foi uma imposição da história. Não era mais possível para a Rússia se desenvolver a não ser que se estabelecesse um regime dos soviets.

2 LENIN, Vladimir. *Últimos escritos e diário das secretárias*. São Paulo: Editora Sundermann, 2012. P. 103.

3 Ibidem.

4 Ibidem.

5 Ibidem.

A Revolução de Outubro foi imposta pela miséria, pela guerra, pela covardia da burguesia russa. Foram condições objetivas que impuseram a continuidade da Revolução. O objetivo dos bolcheviques era que, uma vez instaurado o poder operário e camponês no país, a Rússia fosse simplesmente uma ponta de lança e servisse como um impulso para a revolução europeia. A grande esperança dos bolcheviques era que triunfasse uma revolução na Alemanha, que era um país muito mais desenvolvido economicamente, com domínio da técnica e das formas mais avançadas de administração do Estado, com um proletariado muito mais culto, educado. A esperança era de que esse país pudesse então prestar ajuda à Rússia Soviética e a partir daí a revolução pudesse avançar. Os bolcheviques não tinham como objetivo construir uma sociedade isolada. O problema é que isso não se deu. A revolução na Alemanha não triunfou. Houve como mínimo três tentativas: 1918, 1921 e também, poderíamos considerar, 1923, que talvez tenha sido a pá de cal no final das contas. A Rússia se viu – sem que isso fosse o programa dos bolcheviques – isolada e obrigada a sobreviver nessas condições. O programa mudou radicalmente, por uma necessidade prática. Agora o fundamental era se manter durante algum tempo, estabelecer um regime econômico e político que permitisse a sobrevivência da revolução, na esperança de um novo levante europeu que pudesse retirar a Rússia do seu isolamento. E isso também não aconteceu, como sabemos hoje.

Algumas palavras sobre o regime leninista

A partir daí eu gostaria de discutir o seguinte: na tradição anti-stalinista – principalmente na tradição trotskista, mas não somente nela – é comum dizer que até a morte de Lênin o regime funcionava bem e que as coisas só mudaram depois que ele morreu. Isso não é bem assim. Essa ideia de que a simples presença de Lênin não permitia o avanço do processo de

burocratização e de degeneração, e que somente depois que ele morreu isso surgiu – essa visão não é correta. Mas eu digo isso não pra afirmar que Lênin é culpado da degeneração do regime ou que promoveu a burocratização do Estado. Ao contrário. É pra dizer que o isolamento da Rússia e a derrota da Revolução Alemã foram forças tão poderosas, que até mesmo durante a vida de Lênin a burocratização avançou. Mesmo ele tendo travado uma série de lutas contra a degeneração do regime, esta degeneração avançou bastante quando ele ainda estava vivo. Portanto, eu digo isso para mostrar a força do processo objetivo e para reivindicar o papel que Lênin cumpriu nesta luta.

Em 2012, eu tive a oportunidade de editar o livro *Últimos escritos e diário das secretárias*, em base à quinta edição russa das Obras Completas de Lênin. Neste livro incluímos quase todos os textos que Lênin produziu depois do primeiro AVC, em maio de 1922, além das anotações de suas secretárias, que trabalharam em estreita colaboração com ele depois desse AVC até a sua saída definitiva da cena política, em março de 1923, e mesmo até sua morte.

Lênin teve um AVC isquêmico em maio de 1922, que o afasta por dois meses da atividade política. Quando retorna, ele novamente toma contato com os temas partidários e da administração do Estado e fica chocado com a enorme velocidade do processo de burocratização no Estado e no partido. Ele comenta isso com vários dirigentes, e isso é registrado também no *Diário das secretárias*. A reação quase imediata de Lênin diante desse avanço da burocratização é lutar e escrever. Lênin entende, provavelmente, que não lhe resta muito tempo, fica muito preocupado e abre uma série de *fronts* de batalha. Eu vou só citar algumas dessas batalhas. Depois, é muito interessante procurar no livro, embora esses textos estejam também disponíveis na internet.



As últimas lutas de Lênin

Primeira preocupação de Lênin: o problema do partido. Lênin identifica que o partido bolchevique havia se tornado – por ser o partido do poder e o único partido legal – um atrativo para todo tipo de carreirismo e de gente que só queria se dar bem na vida. Naquele momento já havia uma estabilização do processo revolucionário, ninguém mais arriscava sua vida por ser membro do partido, não era como lutar contra o Tsar, era muito mais fácil. Você aderiu ao partido dirigente e em função disso subiu na vida. Lênin abre uma batalha para limpar o partido bolchevique de todos – ou do máximo possível – de carreiristas, oportunistas, elementos vindos de outras correntes oportunistas, elementos vindos inclusive da administração tsarista, enfim, de todos os membros cuja adesão ao partido bolchevique não era sincera, não tinha bases ideológicas sólidas. Eu gostaria de citar rapidamente aqui o que Lênin propõe: “Facilitar a separação” – é um eufemismo para expulsão – “do partido daqueles membros que não sejam comunistas de verdade, que não apliquem uma política proletária plenamente consciente. Eu não proponho uma nova limpeza geral no partido porque acredito que isso é, neste momento, irrealizável” – olhem que interessante: ele só não propõe uma limpeza geral porque considera irrealizável, do contrário proporía – “mas buscar os meios de limpar de fato o partido, ou seja, diminuir o seu contingente. Isso sim é indispensável. E se pensarmos bem sobre isso, estou certo de que poderemos achar uma série de medidas apropriadas”⁶.

Então, Lênin se preocupava muito em garantir que o partido permanecesse fiel ao seu próprio programa, que as pessoas que aderissem ao partido fossem comunistas sinceros, em impedir que essa adesão fosse uma forma de melhorar de vida. Adiantando um pouco a história, sabem o que acontece quando Lênin morre? O Birô Organizativo do partido, dirigido por Stálin naquele momento, lança o assim dito “Chamado de Lênin”, ou seja, uma convocatória massiva para que as pessoas se filiem, e filia ao partido 250 mil novos membros. Gente que não sabia nada de marxismo, que não tinha passado por nenhuma escola revolucionária, cuja única virtude era saber obedecer, pessoas que eram administradores antes de serem marxistas. E o partido de Lênin se enche de gente que não tinha nenhuma tradição revolucionária, que sabia muito pouca coisa sobre o porquê da existência daquele partido e qual tinha sido a luta que ele tinha travado.

Lênin abre batalhas em uma série de pequenas questões. Tem cartas aqui muito interessantes. Cartas, por exemplo, à garagem do Kremlin. Dizendo mais ou menos assim: “Queria que a garagem me desse uma explicação sobre porque tem seis carros e doze motoristas à minha disposição?”. E a garagem do Kremlin responde aproximadamente da seguinte forma: “Veja bem, nós achamos que isso é razoável, porque seis carros e doze motoristas no final das contas nem é tanta coisa...”. E Lênin faz um escândalo contra isso. Lênin escreve cartas e mais cartas contra vários comitês regionais do partido quando fica sabendo que comunistas cometiam abusos de poder e não eram punidos. Ele escreve que deveria haver punições mais duras contra os membros do partido do que contra aqueles que não são membros. Os membros do partido têm que pagar mais, ser mais duramente reprimidos quando cometem abusos de poder.

Lênin tem uma preocupação muito grande sobre a composição dos organismos soviéticos. Então ele propõe que 60% de todo e qualquer organismo soviético seja composto por pessoas sem nenhuma experiência na administração do Estado. Ou seja, pessoas que não estão acostumadas à gestão do Estado. Isso para educar uma nova camada, uma nova geração de operários administradores, de gente que conheça o aparato estatal e para diluir o poder da burocracia que já estava se acomodando na estrutura do Estado.

Existem três grandes questões que Lênin enfrenta neste momento, questões que ele próprio dá bastante importância. A primeira é o problema do aparelho do Estado, que se materializa no problema da assim chamada Inspeção Operária e Camponesa, que tinha status de ministério e era um órgão que visava formar e fornecer quadros para administração do Estado, mas também fiscalizar a gestão do Estado, fiscalizar os abusos, etc. A Inspeção Operária e Camponesa, portanto, era um elemento de democratização da gestão do Estado, de incorporação das massas trabalhadoras nessa gestão. Em 1919, a Inspeção Operária e Camponesa tinha sido entregue nas mãos de Stálin e tinha se transformado exatamente no seu contrário. Nas mãos dele, ela se tornou um instrumento de troca de favores e de promoção dos dirigentes soviéticos. Stálin a utilizava para localizar as pessoas nas estruturas de poder. Assim, começou a criar uma camada de apoiadores. Lênin é radical na discussão: faz duras críticas contra esse órgão dirigido por Stálin e propõe acabar com ele e fundi-lo com outro órgão, que era da Comissão Central de Controle, que tinha um funcionamento mais independente.

Lênin propõe reduzir o aparelho de Estado. É interessante que naquele momento, em 1922, os funcionários do Estado soviético fazem um Congresso. Lênin manda uma carta para o Congresso dizendo mais ou menos o seguinte: “a principal tarefa de vocês é diminuir o aparelho de Estado, inclusive diminuir os funcionários. Muitos de vocês não vão ter emprego no próximo período, se preparem”. Tem que ter bastante ousadia, digamos assim, para mandar uma carta com esse teor a um congresso de funcionários do Estado. Mas Lênin fez isso porque a diminuição do aparelho de Estado era decisiva. Ele propõe diminuir o exército, cortar funções repressivas de aparelhos como a Tcheka. Ele propõe que a Tcheka não tivesse direito de execuções sem julgamento, como era a prática durante a Guerra Civil. Então, tratava-se de uma série de medidas de democratização e de incorporação das massas trabalhadoras na gestão do Estado.

A outra grande questão é a questão nacional. A Rússia tem até hoje – e também naquela época – dezenas e dezenas de povos, grandes e pequenos, dezenas e dezenas de línguas. Esses povos foram historicamente oprimidos pelo regime tsarista e os bolcheviques tinham um dilema muito grande para resolver. Porque ao mesmo tempo que o programa bolchevique defendia o direito das nações à autodeterminação – portanto à escolha do seu próprio destino, inclusive o direito à separação –, ao mesmo tempo, o partido bolchevique defendia a unidade dos povos, não era a favor da fragmentação. Então, a criação da União Soviética como estado multinacional era uma operação muito delicada, que tinha que ser feita com muito cuidado. Como criar uma União Soviética que fosse realmente voluntária? Essa era a questão. Nesse momento, abre-se um debate no Birô Político entre Lênin e Stálin sobre a Geórgia. Stálin é georgiano, o que é interessante. Lá o poder soviético tinha acabado de triunfar, em 1921, e os comunistas georgianos resistem em integrar a Geórgia à União Soviética. Stálin defendia uma política dura de resolução do problema, e Lênin tem uma política mediada, uma política de diálogo com os comunistas georgianos, de ir mais devagar. Para tentar resolver o impasse, o Birô Político manda para a Geórgia um outro dirigente georgiano, Sergo Ordjonikidze [pseudônimo pelo qual era conhecido Grigori Konstantinovitch Ordjonikidze], – nome pouco pronunciável – para debater com os comunistas georgianos. Eles não entram em um acordo e resulta que na reunião entre Ordjonikidze e os representantes do Comitê Central do PC georgiano, Ordjonikidze agride fisicamente um membro do Comitê Central georgiano. Isso era um fato inédito na história do partido bolchevique, e eles criam uma comissão especial para investigar o caso, dirigida por Félix Dzerjinski, que também não é russo, é polonês, portanto também é representante de um povo oprimido pelo império tsarista. O problema é que na verdade essa comissão tem como objetivo proteger Ordjonikidze e abafar o caso. Isso deixa Lênin muito, muito angustiado. Lênin se coloca secretamente em contato com Trótski, passa para ele uma série de documentos sobre esse caso e propõe a ele o estabelecimento de um bloco político para tratar do problema das nacionalidades no próximo Congresso. É instaurada uma nova comissão, desta

vez dirigida por [Lev Borisovitch] Kamenev, que vai a Geórgia. Mas no caminho de Kamenev para a Geórgia, Lênin tem o terceiro AVC e se afasta definitivamente da política. O afastamento de Lênin deixa Stálin e seus aliados mais à vontade e por isso triunfa, digamos assim, a linha stalinista para a Geórgia. Isso deixa Lênin muito abalado. A última carta de Lênin em vida é uma carta se solidarizando com os dirigentes do PC georgiano.

As relações entre Lênin e Stálin

E, por último, para encerrar, existe uma questão que parece às vezes uma questão menor, mas eu acho que não é, porque para Lênin isso tem um significado muito grande, que é o problema das próprias relações pessoais entre Lênin e Stálin. Há o famoso testamento de Lênin, que foi uma série de pequenas notas que ele escreve também depois de doente. Ele fala de algumas questões políticas e algumas caracterizações dos membros do Comitê Central Bolchevique. Nessas notas, Lênin caracteriza muito rapidamente vários membros: [Liev Davidovich Bronstein (Leon)] Trótski, [Georgi (Iuri) Leonidovitch] Piatakov, [Nikolai Ivanovitch] Bukharin e outros, e também [Josef] Stálin. Caracteriza todos eles muito brevemente, embora toque em pontos centrais. Porém – e isso é o interessante –, depois Lênin agrega uma nota específica sobre Stálin nesse testamento, que diz o seguinte: “Stálin é grosseiro demais, e este defeito, plenamente tolerável em nosso meio e entre nós, os comunistas, se torna intolerável no cargo de Secretário Geral. Por isso proponho aos camaradas que pensem a forma de passar Stálin a outro posto e nomear a este cargo outro homem, que se diferencie do camarada Stálin em todos os demais aspectos apenas por uma vantagem, a saber: que seja mais tolerante, mais leal, mais delicado e mais atencioso com os camaradas, menos caprichoso etc. Esta circunstância pode parecer uma tolice minúscula. Porém, eu creio que, desde o ponto de vista de prevenir a ruptura e desde o ponto de vista do que escrevi anteriormente sobre as relações entre Stálin e Trótski, não é uma tolice, ou se trata de uma tolice que pode adquirir importância decisiva”⁷.

⁷ Ibidem, p. 87.

Isso é também uma das últimas notas de Lênin sobre Stálin, para conscientemente retirar Stálin do cargo de Secretário Geral.

Há também um incidente pessoal entre eles, uma agressão verbal de Stálin contra [Nadejda] Krúpskaia, esposa de Lênin. Em função dessa agressão, Lênin manda uma carta diretamente para Stálin rompendo todas as relações com ele. Isso é importante porque Lênin sabia que uma ruptura pessoal com Stálin significava também a sua destruição política dentro do partido. O problema é que esse testamento teve um destino tortuoso... Ele não foi conhecido no partido a não ser até o congresso de 1926. No congresso de 1924 ele foi lido para alguns delegados, por chefes das delegações, mas em 1926 é que ele é conhecido pelo partido, e, mesmo assim, totalmente censurado, bastante editado. Ele só foi recuperado realmente depois, muitos anos depois. Ele aparece também na quinta edição russa das obras de Lênin.

O que aconteceu depois da morte de Lênin? Há um elemento ao qual eu já me referi: foi feito um “Chamamento de Lênin”. Todas as medidas propostas por Lênin no terreno da democratização e desburocratização do Estado foram rejeitadas. A fusão da Inspeção Operária e Camponesa e sua dissolução só ocorreu muito tempo depois. Stálin permanentemente manobrou com isso, promoveu seus apoiadores. Na questão nacional também triunfou a linha de Stálin, que era uma linha dura, uma linha de integração das repúblicas à União Soviética à força. E, principalmente – o que é mais importante – essa tentativa de Lênin de proteger a velha guarda do partido, proteger o partido, a pureza teórica e programática do partido, isso também se transformou no seu contrário, não só pelo ingresso de 250 mil novos membros despolitizados no partido, mas porque toda a velha guarda do partido foi fisicamente exterminada nos Processos de Moscou. Revolucionários com décadas e décadas de prisão, de luta clandestina, foram obrigados a confessar crimes absurdos, que nunca cometeram, e foram fuzilados. Se você pegar toda a biografia dos principais dirigentes, quase sempre o ano da morte é 1936, 1937 ou 1938. Não é apenas uma ruptura, não é só uma descontinuidade entre o período realmente leninista, entre o que era o ideal leninista, e o período stalinista. É um rio de sangue que corre entre Lênin e Stálin. Há um abismo monstruoso que os separa. Não há nada em comum entre essas duas figuras, entre esses dois programas, entre essas duas estratégias, a não ser as formas, a bandeira vermelha, as canções, a estética, os hinos, o palavreado, o linguajar e o culto formal do chefe morto. Eu acho que uma visão crítica da Revolução Russa tem que partir desse fato. ■

▲ LINCOLN DE ABREU PENNA

Bom dia. Eu primeiro quero parabenizar os organizadores deste evento porque, embora o ensino e a pesquisa sejam fundamentais na Universidade, a extensão, ou seja, as atividades de reflexão, de contato permanente com a comunidade, com a sociedade e com o mundo, são fundamentais para o exercício, não só de docentes e discentes, mas da cidadania de um modo geral. Os fóruns de debate de temas como esse, por exemplo, estimulam uma perspectiva e uma prospectiva em relação ao que fazer, sobretudo em uma situação de crise, de impasses, de dilemas, de desafios que nós estamos vivendo atualmente.

Eu pensei que eu fosse o primeiro a falar, por causa da ordenação do convite, por isso mesmo imaginei tratar mais do período pré-revolucionário, já que o convite com o tema é sobre a revolução de 1917 a 1924. Então, eu imaginei que eu pudesse situar os antecedentes desse processo revolucionário. Eu acho que vale a pena fazer menção a ele, porque os dois companheiros que me antecederam trataram mais fundamentalmente de questões relativas à própria revolução. Eu entendo que esse período que antecede a revolução explica muito do próprio processo revolucionário na Rússia. E eu começarei a dizer que nós temos que pluralizar a Revolução. É um processo em que nós temos não apenas duas revoluções, mas eu diria até uma terceira, que não se concretizou, que é a de 1905, e que Lênin vai chamar de ensaio geral da revolução. Porque a tentativa de tomada do Palácio de Inverno naquele ano, de 1905, foi seguida de uma reação brutal das forças da ordem, ocasionando milhares de mortos, e isso levou inclusive a uma rápida reorganização do movimento, dando início aos primeiros soviets, aos primeiros conselhos revolucionários. Então, pelo menos essa abrangência que vai de 1905 a 1917 é interessante que a gente conheça um pouco mais, ou pelo menos reflita sobre ela, já que muitos de vocês têm conhecimento do que se passou nessa época.

Mas eu ainda recuaria um pouco mais, falando dos organismos que foram constituídos ainda na segunda metade do século XIX, particularmente a criação das entidades organizativas do proletariado. Iniciando-se com a Primeira Internacional, de 1864, a Associação Internacional dos Trabalhadores, na qual Karl Marx inclusive teve uma participação ativa, efetiva, nessa ocasião. Foi uma entidade que não prosperou. Já em 1873, 1874, ela deixa de existir, e só em 1889 é criada então a Segunda Internacional, em Paris. Marx já tinha morrido, mas de qualquer maneira o ideário marxista está muito presente nesse momento. Os russos participam, tendo à frente [Georgi Valentinovitch] Plekhanov, que é considerado inclusive o introdutor do marxismo na Rússia. Ele participa desse congresso fundador da Internacional Socialista, já mais depurada, já que a Associação Internacional dos Trabalhadores contava com diferentes tendências do movimento sindical. Em [18]89 já é um movimento mais socialista, ou pelo menos congregando revolucionários empenhados na crítica ao capitalismo. E, o Partido Operário Social-Democrata dos Trabalhadores Russos [Российская социал-демократическая рабочая партия], a social-democracia russa, ela vai começar a ter uma presença muito forte no cenário político russo.

Em 1904, há um fato que é preciso ser mencionado, que foi o início da Guerra Russo-Japonesa. Logo no início de 1904, e é uma guerra que leva mais ou menos um ano de duração, com a derrota russa. Uma particularidade, uma curiosidade, pois foi o primeiro país europeu a ser derrotado por um país não-europeu. Isso causa um abalo muito grande no Império Russo, fortalecendo os opositores ao regime czarista, e nessa ocasião começa a se destacar a figura do Lênin.

É preciso compreender porque é que ele vai entender a importância da proposição que ele faz da criação de um princípio ou de um instrumento para o partido que é o centralismo democrático. Por que o centralismo democrático? Porque Lênin defendia, já naquela época, uma proposta de um regime que vai ser caracterizado por ele como uma Ditadura Democrática do Proletariado. Ou seja, ele entendia que a revolução não seria necessariamente apenas bolchevique, já que naquela altura a social-democracia russa tinha se dividido em duas tendências: uma tendência ligeiramente majoritária, que é a dos bolcheviques, e outra tendência, a minoritária, os mencheviques. O partido praticamente rachou quase que ao meio. Mas a tendência majoritária, liderada por Lênin, por Trotsky, por Kamenev, por [Grigori Evséievitch] Zinoviev, esses dois últimos que passariam inclusive a constituir posteriormente o primeiro triunvirato ou troika, composta também por Stálin, quando da doença do Lênin e em seguida a sua morte. Essa tendência bolchevique começa a pensar seriamente na necessidade de uma alternativa política para a Rússia. A Rússia é derrotada, o Czar, em uma tentativa de pequena abertura do regime autocrático, convoca o parlamento, a Duma, e se proliferam os soviets. E é interessante porque Lênin vai ser crítico à multiplicação desordenada dos conselhos soviéticos naquela ocasião, o que reforça mais a sua tese do centralismo democrático, quer dizer, [que] é preciso unificar as forças, dar uma direção concreta a essas forças.

E quando ele propunha um governo democrático do proletariado, é importante entender que o proletariado envolve o campesinato e o operariado em uma Rússia onde o campesinato era imensamente majoritário. Até 1861, vivia o campesinato em plena servidão, e mesmo com a abolição da servidão nesse ano, na prática, o tratamento de boa parte dessa massa camponesa era ainda de total exclusão de direitos por parte do Estado, do poder político. E o operariado representava não mais do que 3% da população. Há um dado concreto do censo de 1914, primeiro ano da Primeira Grande Guerra Mundial, de que a Rússia contava com 175 milhões de habitantes e o operariado tinha cerca de 3 milhões. Isto nos dá uma idéia de como a Rússia se encontrava ainda numa fase pré-capitalista, um país de baixo desenvolvimento industrial, com uma burguesia ainda incipiente, com uma intelectualidade que se dividia entre os tradicionalistas, que cultuavam a tradição eslava, portanto defendiam muito as comunidades rurais, o Mir [мир, em russo] e, por outro lado, os ocidentalistas, aqueles que estavam mais ligados ao progresso, às transformações, ao ideário trazido, por exemplo, pela Revolução Francesa e pela própria Revolução Industrial. Então, essa divisão da sociedade russa fez com que Lênin entendesse a importância de contar com a massa camponesa, juntamente com o operariado, constituindo aí o proletariado. Trotsky, por exemplo, já defendia a exclusividade ou quase que a hegemonia absoluta do operariado. Ele acreditava muito pouco na importância, não na demográfica, que era massiva, mas na importância política do campesinato. Portanto, ele defendia uma Ditadura do Operariado. Essa divergência com o Lênin era uma divergência muito, digamos assim, cordial.

Ambos discutiram muito essa questão, assim como discutiram, por exemplo, a ideia da Revolução Permanente, que era uma tese do Trotsky, de evitar a burocratização e, por isso, ele criticava o centralismo democrático proposto pelo Lênin, que poderia levar a uma tendência à burocratização. Eles vão se acertar mais adiante. Lênin admite a ideia da Revolução Permanente, como uma revolução dentro da revolução, uma revolução progressiva, processual, quer dizer, os bolcheviques não podem apenas fazer a revolução e deixarem de lado o seu próprio processo de renovação, de auto-afirmação, de reciclagem do ponto de vista da atividade revolucionária. E, da mesma forma, o Trotsky acaba acatando a ideia do centralismo democrático. Ele, mais tarde, um pouco antes de morrer, [...] vai chegar a lamentar o fato de ter adotado o centralismo democrático porque foi esse instrumento que acabou o alijando do partido em 1927 e depois o excluindo da União Soviética em 1928 para o exílio. Mas, o fato é que essa relação entre os dois mais destacados expoentes, do ponto de vista do ideário do marxismo na Rússia, portanto do bolchevismo, é importante para destacar a construção do processo revolucionário, já que é uma construção que foi acompanhada permanentemente por ambos.

Já foi citado aqui, pelo companheiro que me antecedeu, a volta de Lênin quando ele estava fora da Rússia, em 16 de abril de 1917. No dia seguinte da chegada do Lênin, no dia 17 de abril, ele lança as famosas *Teses de Abril*, em que trata da questão do estado da Revolução. Quer dizer, ele percebe o momento ideal para a ação revolucionária, a tomada do poder, quase que marcando mês, dia e hora da revolução. E ela efetivamente acontece, e esse processo que vai de 1917 até 1924, que é a data da morte de Lênin, em janeiro de 1924, é um período realmente muito tenso. Primeiro, porque todos os revolucionários da época, e é claro que incluindo Lênin, sustentavam e defendiam a revolução social na perspectiva marxista, de uma revolução internacional. A revolução não poderia ficar isolada, por isso que Lênin dizia que a Rússia estava hospedando a revolução, porque

ele estava aguardando justamente a erupção da revolução na Alemanha, que seria o carro-chefe do processo revolucionário. Essa revolução não veio, e a Rússia teve que, evidentemente, manter-se ainda como hospedeira da Revolução, e na medida do possível, resistindo às tentativas de pressão que existiram durante todo o período da União Soviética, mas particularmente durante esse período inicial. É preciso dizer que quando Lênin cria a Terceira Internacional, a Internacional Comunista, esta vai elaborar as 21 teses a partir das quais seriam criadas as seções da Internacional Comunista no mundo inteiro. Essas seções foram o embrião dos partidos comunistas. Aqui no Brasil, a seção brasileira da Internacional Comunista, criada em 1922, deu origem ao Partido Comunista do Brasil (PCB), assim como surgiram todos os demais partidos comunistas naquela ocasião. A Internacional tinha na sua concepção original, o objetivo de promover a revolução internacional, a revolução mundial. Quer dizer, seriam, portanto, núcleos irradiadores e organizadores desse processo revolucionário. Evidentemente que quando se dá o fracasso, ou a grande decepção, que foram as derrotas do movimento revolucionário na Alemanha, a Internacional teve que se ocupar exclusivamente na solidariedade e na defesa da Revolução Soviética. Ela passa a ser não apenas um instrumento revolucionário para o mundo, mas passa a ser um instrumento de solidariedade. E, isso vai ser muito utilizado, principalmente no instante em que Stálin declara a revolução em um só país. Ou seja, a ideia de que eles estavam momentaneamente abdicando da primazia de fomentar a revolução internacional e garantir pelo menos as conquistas revolucionárias na Rússia para, talvez em um segundo momento, retomar o papel importante e estratégico da revolução internacional, da revolução mundial. Essa Internacional é desfeita em 1943, em função da necessidade de manter uma, digamos assim, coexistência com os países aliados na luta anti-nazista, anti-fascista. Muito se critica esse tipo de atitude, mas de qualquer maneira a Internacional desaparece enquanto tal em 1943.

Então eu acho que esse panorama é apenas uma forma da gente sistematizar algumas informações, muitas das quais já conhecidas, e trazer para vocês a seguinte reflexão, ou a seguinte proposta de reflexão. A primeira é mais ou menos óbvia, é a de que a Revolução Russa, a revolução sobretudo bolchevique, inaugura a transição do capitalismo para o socialismo. Essa transição está em curso. Lembre-se que a transição do feudalismo para o capitalismo levou pelo menos quatro séculos. Se a gente considerar a baixa Idade Média, do século XII até o século XVI, foram quatro séculos. Evidentemente que essa transição iniciada em 1917 não é para nossa geração, essa é uma transição longa e [que] provavelmente levará muito mais tempo. Mas, seguramente, já começam a brotar alguns sintomas ou sinais dessa transição. O primeiro dos quais o fato de que já há uma consciência cada vez maior da incompatibilidade do capitalismo com a democracia. São absolutamente incompatíveis ambas, sobretudo se nós considerarmos a democracia não formal, institucional, mas a democracia social, aquela que avança no atropelo das contradições, no avanço e no recuo, como nós estamos no momento vivenciando, mas que tem, por outro lado, produzido muitos focos, muitos núcleos de experiências não-capitalistas, de experiências comunitárias. Elas vão prosperar e, por certo, tempos virão em que essas perspectivas de transição vão se tornar ainda mais evidentes. E, por outro lado, o fato de que nós estamos também começando a perceber a impossibilidade do capitalismo de conseguir promover os avanços do ponto de vista da acumulação de capital. As crises sucessivas, e agora essa crise mais estrutural pelo qual ele está passando, apontam exatamente para as grandes dificuldades que ele enfrenta diante dessas novas realidades. Tanto que eu queria deixar esse recado aqui e mais uma vez agradecer à atenção de todos. ■

▲ CARLOS SERRANO FERREIRA

Revolução Russa: a grande ruptura histórica faz cem anos

Novamente, um bom dia. Falar por último, depois dessas importantes e interessantes contribuições que me antecederam, tem seus lados negativos e positivos. O positivo é que me poupa ter que falar de uma série de coisas. O negativo é que às vezes posso ter que me repetir, e vocês já estão cansados a essa altura.

Apresentando-me, sou Carlos Serrano, professor do Departamento de Ciência Política. Vejo aqui alguns alunos de Economia, e alguns que foram meus alunos em Relações Internacionais, e peço desculpas se falar alguma coisa que já disse em sala de aula.

Revolução: medo das elites, esperança dos povos

Queria começar dizendo que qualquer revolução traz dois aspectos: o medo e a esperança. Quero começar pelo medo, porque a cada época histórica há algum processo que traz o terror. Um pior do que os filmes de terror que tiram nosso sono à noite, para quem tenha medo, pois como fã não tenho problemas com isso [risos]. Há sempre um processo que traz terror para as elites de cada tempo. Na Antiguidade, na Roma Antiga, a palavra que assustaria a qualquer senhor de escravo era Espártaco. Essa palavra transmitia o terror para os senhores de escravos de então. Depois, durante toda a Idade Média, as revoltas camponesas, as *Jacqueries*, eram o pavor dos senhores feudais. Mais recentemente nós tivemos, então, uma primeira Revolução de fato, que foi a Revolução Francesa. Pela primeira vez na história há a consciência da ruptura total com o passado. Porque mesmo as revoluções anteriores, como as Revoluções Inglesas ou a Revolução Americana, não se colocavam como uma ruptura com o passado, mas como uma tentativa de restabelecer o que acreditavam serem os direitos desse passado. É a Revolução Francesa o primeiro grande momento de ruptura histórica, e que trouxe o pavor, o terror, não só devido às tropas napoleônicas, mas durante todo o século XIX. Tudo que acontece depois ao longo do século XIX, na Europa pelo menos, é a favor ou contra a Revolução Francesa. São acertos e ajustes de contas com ela. Era o terror das cabeças reinantes que tinham o pavor, legítimo para elas, de perderem suas cabeças.



Na América Latina tivemos o Haiti, que é muito esquecido, mas que era o pavor das elites escravocratas de todas as Américas. A Revolução Americana, que foi inclusive copiada pelas posteriores revoluções latino-americanas de independência, foi feita por senhores de escravos, então era muito palatável. Apesar da importância de ter sido a primeira revolução anti-imperialista da história, a estadunidense pode ser um modelo para as independências realizadas pelas elites continentais. Porém, o Haiti, não. Foi o pavor completo. Era a palavra-chave para espalhar o horror, do Rio de Janeiro à Bogotá. Sofrem por isso até hoje os haitianos, por terem sido a primeira e única Revolução de escravos vitoriosa da história. Por isso pagaram um preço terrível de sucessivas invasões: francesas, estadunidenses e, alerta, terrivelmente [...] o Brasil faz parte agora [dessa tradição] há alguns anos, cumprindo esse papel deplorável que outros cumpriram no passado.

Revolução Russa: o grande temor da burguesia no século XX

Mas nada traz mais terror para a burguesia do século XX do que a Revolução Russa. Há uma verdadeira satanização desta. Não a de Fevereiro, obviamente. Porque, vejam, na própria Rússia do Putin, com grandes oligarcas monopolistas, se comemorou a Revolução de Fevereiro. A Revolução de Outubro não será comemorada oficialmente pelo governo. Na academia alguns setores, inclusive, não falarão da Revolução Russa, nem mesmo da Revolução de Fevereiro, mas estarão a comemorar os 500 anos da viagem de Pedro Grande ao Ocidente. Mais negacionismo impossível! Porém, a satanização à Revolução Russa ocorreu durante todo o século

XX e em todos os cantos, em todos os momentos. Minha sogra me chamou atenção a algo que nunca tinha me dado conta e depois fui pesquisar... Ela tinha no escritório de trabalho um retrato do Lênin. Felizmente o Bolsonaro nunca foi ao Hospital em que ela trabalhava. Uma funcionária evangélica entrou e disse: “Nunca mais entro aqui, você tem um retrato do diabo”. Um retrato do diabo? Eu fui pesquisar, talvez o coroinha que habita em mim me tenha levado a isso e, realmente, se formos na Bíblia, a única descrição do diabo que existe é no livro do Apocalipse, e é um dragão. O diabo da cultura pop que nós temos, desde a pantera rosa ao pica-pau, aquela figura com cavanhaque, com rabinho vermelho, chifrinho, foi construído à imagem e semelhança de Lênin. Óbvio, Lênin não tinha chifres e nem rabo, mas o rosto foi construído posteriormente à Revolução Russa, à imagem e semelhança de Lênin. O Amaury, que está aqui [como ele disse] fazendo o papel de vaso de planta, é especialista em quadrinhos. E eu lembro, por exemplo, da segunda encarnação do Capitão América. Depois que termina a Segunda Guerra Mundial “matam-no”, por não fazer mais sentido com a queda do nazismo. Queda esta que se deveu fundamentalmente ao Exército Vermelho e às guerrilhas lideradas, principalmente, por comunistas. Os EUA tiveram papel na derrota do imperialismo nipônico, mas o nazifascismo foi derrotado pela União Soviética e as forças comunistas, sob a liderança de Josef Stálin. Deixando estes parênteses e retornando ao que importa, ao Capitão América, este voltará a “ativa” nos quadrinhos no auge do Macartismo, e terá como subtítulo de suas revistas, tal como existe com “O Homem Aranha, amigo da vizinhança”, ou “Poderosos Vingadores”, “Capitão América: o esmagador de comunistas”.

As sete rupturas históricas da Revolução Russa

Mas não é à toa que existia esse pavor em relação à Revolução Russa. Ela é um marco, uma ruptura, pegando o gancho do [Henrique] Canary. É um número mágico de sete rupturas, que na verdade explicam o terror em relação à Revolução Russa e aos seus principais líderes. A Revolução Russa é, em primeiro lugar, o fim definitivo das revoluções burguesas, que já vinham se esgotando ao longo do século XIX. Algumas das mais atrasadas burguesias, menos desenvolvidas enquanto classe, como a da Alemanha, já tinham, inclusive, pactuado com os restos feudais devido ao medo do proletariado ascendente. É a prova material e factual do encerramento da era das revoluções burguesas. Mesmo as tarefas mais claras deste tipo de revoluções, como a reforma agrária, se tornaram impossíveis, inviáveis por dentro do capitalismo e por dentro deste revolução burguesa. Aonde foram feitas depois da Revolução Russa, deveu-se aos interesses geopolíticos, com permissão, anuência e estímulo, inclusive da grande potência americana, como forma de contenção à expansão revolucionária, como no caso do Japão [...]. Na verdade, prova pelo inverso de que não existe mais, na atual etapa imperialista, um processo de desenvolvimento autônomo sem ruptura com este sistema imperialista e com o capitalismo, e essa é uma lição para os alunos de economia. Quem conseguiu isso? A Rússia, que saiu de uma posição extremamente periférica, era a última das potências imperialistas, e se tornou em uma das maiores potências. Saiu literalmente da idade da pedra. Entre os armênios, por exemplo, havia uma população que vivia até os anos setenta nas cavernas, e que só as deixaram graças ao desenvolvimento da Revolução Russa. Os outros que se desenvolveram, que se tornaram potências, como o Japão, só o conseguiram porque houve as revoluções, não no seu próprio país, mas nos seus vizinhos, o que levou a que se fizessem concessões, porque [...] poderia haver um desenvolvimento revolucionário. Então era melhor entregar os anéis do que perder os dedos. Foi assim com a Coreia do Sul, por causa da Coreia do

Norte; foi assim com o Japão, por causa da China. Foi assim com a Alemanha Ocidental, para a qual o plano inicial era destruir e desindustrializar, mas foi reconstruída, por causa da Alemanha Oriental. Então, a Revolução Russa foi o fim das revoluções burguesas e, de fato, o início, o grande marco, que mesmo tendo tido [...os seus] ensaios anteriores, como a Comuna de Paris, como o próprio 1905, será com esta que terá o início concreto e histórico da era das revoluções proletárias, das revoluções dos oprimidos e dos explorados. Essa é a primeira grande ruptura histórica que a Revolução Russa traz, e que traz o pavor e medo às elites, mas dialeticamente também traz a esperança aos explorados e oprimidos.

A segunda grande ruptura é que as massas, pela primeira vez na história, são mobilizadas, não mais para atender aos interesses de outras classes, das minorias; não mais como massa de manobra na disputa de uma classe dominante contra a outra, como foi na Revolução Francesa, por exemplo, onde as massas camponesas e proletárias de Paris foram massa de manobra da burguesia contra a nobreza proprietária decadente; mas passam, pela primeira vez, a se mobilizar organizadamente em torno aos seus próprios interesses.

Em terceiro lugar, significou a vitória definitiva do marxismo como a teoria científica da revolução, do proletariado e do socialismo. Para nós isso parece óbvio hoje, mas na época não era. Até a Revolução Russa conviviam uma série de socialismos utópicos, versões de cooperativismos, sindicalismos, anarquismos e outras vertentes de pensamento dentro do movimento dos trabalhadores, que competiam com o marxismo. É claro, isto não significou o fim de todas as ideologias. O reformismo continua vigente, nós temos uma plêiade, uma multidão de formas de reformismo, inclusive aqui no Brasil. Mas, enquanto teoria da revolução, o marxismo se firma com a Revolução Russa como a grande teoria científica da revolução.

Em quarto lugar, significou a formação pela primeira vez, em uma novidade histórica completa, de um Estado das maiorias, de um Estado dos explorados. Desde o seu surgimento o Estado tinha sido um instrumento ao serviço das minorias, dos setores dominantes e exploradores. Basicamente, foi um braço da repressão desses setores, de forma mais direta ou mais mediada, dependendo do modo de produção e do momento histórico, mas [sempre] de repressão dos setores dominantes sobre as maiorias. Pela primeira vez na história há o surgimento de um Estado que representa a maioria dos explorados e oprimidos. Isto não é qualquer coisa. Isto significa também a prova concreta dos próprios limites da democracia que vinha surgindo e se expandindo no século XIX. Demonstrando que, ao contrário do que a tradição clássica desde Aristóteles colocava, de [uma suposta] oposição entre democracia e ditadura enquanto regimes antagônicos universalmente, essa oposição não existe. Em uma sociedade de classes um regime é sempre uma ditadura sobre alguém e uma democracia para alguém. Mesmo o Antigo Regime absolutista, mesmo o Czarismo, eram, do ponto de vista social e político, democracias para um grupo, às expensas, obviamente, das maiorias. A democracia burguesa é uma democracia para a burguesia e uma ditadura sobre as demais classes. Nesse momento nós tivemos uma ditadura sobre a minoria, e exatamente porque pela primeira vez era uma ditadura sobre a minoria, era também uma democracia de massas, das maiorias. Isso apavora e aterroriza a classe dominante.

Em quinto lugar, chamo a atenção, em particular para os de economia, que o processo todo da Revolução Russa foi uma ruptura com o pensamento econômico da humanidade. Significou, primeiro, uma comprovação prática: como o próprio [Leon] Trotsky escreve em *A Revolução Traída*, a União Soviética provou, na materialidade, no concreto, literalmente no concreto

e no aço, a superioridade do sistema de plano econômico. Esse debate, que vai durar algum tempo, entre plano e livre mercado, termina, apesar de não assumirem os liberais, com uma derrota fragorosa destes. Não só porque a União Soviética, ao contrário de todo o resto do sistema capitalista, não entrou em crise em [19]29, mas continuou crescendo. Os seus retrocessos foram produtos de ações externas, de guerras, mas em períodos de normalidade cresceu e superou boa parte das nações capitalistas. Foi um dos países que mais cresceu no século XX, que mais se desenvolveu. Além disso, foram derrotados no próprio debate sobre o plano. [... A] Escola Austríaca, por exemplo, começou com essa estória da impossibilidade do plano para de forma racional alocar os fatores de produção, os recursos econômicos etc. A União Soviética e os marxistas, como [o polonês] Oskar Lange, comprovaram, por A mais B, inclusive matematicamente, que o plano é superior na alocação de recursos. A partir daí eles tem que mudar de tema para *O Caminho para a Servidão* [obra de Friedrich August von Hayek], e começam com elementos de discussão filosófica e política, que são mais doutrinas quase religiosas, semi-religiosas, do que ciência.

Mas também há um debate de desenvolvimento na esteira disso. O desenvolvimento, que é um tema muito caro a nós do Terceiro Mundo, surge principalmente a partir das polêmicas dos anos vinte sobre as alternativas para a União Soviética. E é um veio contínuo até a América Latina, porque [Ievguêni Alexeivitch] Preobrajenski, que foi uma grande figura nesse debate nos anos vinte, foi professor de Paul Baran, que depois com Paul Sweezy, nos EUA, colocam o primeiro debate sobre a questão do desenvolvimento, de forma ordenada, que será a inspiração para os debates cepalinos e da Teoria Marxista da Dependência. Se nós temos um debate sobre a questão do desenvolvimento este se deve ao exemplo prático e teórico da União Soviética.

Agora, para os meus alunos e alunas, e ex-alunos e ex-alunas de Relações Internacionais. Há uma ruptura também das relações internacionais. Múltiplas rupturas. No primeiro ano da Revolução Russa há iniciativas que assustarão e colocarão o terror também para a forma como se fazia relações internacionais entre as grandes potências imperialistas. Uma das primeiras iniciativas do governo bolchevique, pós-Revolução de Outubro, é abrir, publicizar, os tratados secretos. Mostrar, por exemplo, que com o Tratado de Sykes-Picot, feito pelas costas dos árabes, as grandes potências já dividiam o mundo árabe, descumprindo as promessas feitas. Quem gostar de filmes, um bom [...], que mostra isso, é o *Lawrence da Arábia*. Fazem pelas costas dos árabes, rompendo com as promessas feitas a eles, a divisão do espólio do desaparecido Império Otomano no mundo árabe.

Há também a questão das nacionalidades, que já foi falada aqui pelo Henrique. Uma grande mentira, que é colocada, ensinada e reproduzida, inclusive na universidade, é de que a primeira defesa da autodeterminação dos povos foi feita pelo [presidente dos EUA, Woodrow] Wilson em seus 14 pontos. Quem fala isso nunca leu os 14 pontos. Porque [...nestes] Wilson defende a “autodeterminação” dos povos dos impérios centrais europeus. Em nenhum momento trata dos povos coloniais. Não fala da África, não fala da Ásia... Não é à toa que até hoje os EUA têm Porto Rico e o próprio Havaí, também uma ocupação histórica. É a Revolução de Outubro o primeiro momento de defesa da autodeterminação dos povos, dando sequência a toda corrente teórica que o marxismo já tinha inaugurado, quando Marx, por exemplo, dizia que nenhum povo pode ser livre oprimindo outro povo e defendia a independência da Polônia e da Irlanda, inclusive como ante-sala da revolução nesses países.

A União Soviética faz a *Declaração dos Direitos dos Povos da Rússia*, em 15 de novembro de 1917. E eu lerei os quatro pontos, que é um grande programa para as relações entre nacionalidades. Falo isso enquanto filho de catalã e que sabe exatamente o que é opressão nacional. Primeiro: igualdade e soberania dos povos da Rússia. Segundo: livre direito de autodeterminação dos povos da Rússia, até o ponto da separação e formação de Estados independentes. Terceiro: supressão de todas e quaisquer prerrogativas e limitações nacionais e nacional-religiosas. Também aqui é importante chamar atenção porque, pela primeira vez na Rússia, houve liberdade religiosa, ao contrário do que se diz. Quem se opôs a isto foi a Igreja Ortodoxa Russa, que era fundida com o Estado e tinha seus privilégios. Pela primeira vez houve liberdade religiosa na Rússia. E, por fim, quarto: livre desenvolvimento das minorias nacionais e grupos etnográficos que habitam o território da Rússia. Programa que é útil para as nacionalidades e ainda vigente para a própria Rússia, hoje em dia. É vigente para o Estado Espanhol. É vigente inclusive para os povos indígenas brasileiros. É uma ruptura histórica com a Rússia “prisão dos povos”. Esta passa a entender que só é possível uma união de povos se ela é livre e justa. Como é, por exemplo, o direito ao divórcio, que a Rússia passa a dar também. É a mesma lógica: uma união só pode ser verdadeira se ela é feita de forma livre. E não é à toa que a Finlândia, que se separou da Rússia Soviética por decisão própria, e com anuência e concordância dos Sovietes e do Comissariado do Povo que surgiu após Outubro, até hoje tem estátuas do Lênin. Lênin é um verdadeiro herói nacional.

Em sétimo lugar, como sétima ruptura, a Revolução Russa significou a prova prática, material, real, do que o marxismo vinha afirmando contra todas as outras correntes de pensamento: que o poder político e o poder econômico não estão separados. Isto é uma coisa que um camponês na Idade Média perceberia claramente. Mas que muitos dos nossos contemporâneos não. Quer dizer, com as atuais discussões sobre as JBSs, Odebrechts e afins, as pessoas descobriram o poder econômico e sua fusão com o poder político. Uma grande descoberta! Descobriram a pólvora! E a Rússia mostrou isso, que não é possível a construção de um poder político democrático sem uma radical democratização do econômico. A democracia, enquanto um aspecto meramente formal, é apenas isso, formal. E este é o programa para as democracias feito pelas elites dominantes em todo o mundo. Mas se você não tem a democratização dos meios de produção, das máquinas, das terras, dos meios de comunicação... Não será nunca uma democracia real. Vejam. Como é possível falar em liberdade de expressão no Brasil quando apenas cinco famílias controlam todos os meios de comunicação do país? Isso acontece pelo mundo todo, mas é muito grave no Brasil. Em Portugal, por exemplo, quando morei lá... Eu estudava em Lisboa, morei no Porto e militei em Braga... circulei pelo país. É muito pequeno. Caso aconteça alguma coisa em Braga, mesmo que por telefone chega [a informação] em Lisboa, as pessoas vão saber. No Brasil, não. O Brasil é um continente, é do tamanho da Europa. Os mapas são distorcidos, mas na verdade o território [europeu] cabe dentro do Brasil. Se uma coisa acontece em Belém, as massas nunca ficarão sabendo no Rio de Janeiro, se isto não interessar,

se não passar pelo filtro e o crivo dessas cinco famílias. Que democracia é essa? Como é possível falar na igualdade [política] quando, como já falava Rousseau, muito antes inclusive das possibilidades de [concretização do] socialismo, que “é necessário que ninguém seja rico o suficiente para poder comprar o outro e ninguém pobre o suficiente para querer se vender”, mas vivemos numa sociedade onde há ricos cada vez mais ricos, e pobres cada vez mais pobres? Como se impedirá a infiltração e o controle dos grandes monopólios internacionais se, e eu não lembro agora com precisão se são 60 ou 80, mas isso não muda o argumento, 60 ou 80 pessoas, indivíduos, têm a mesma riqueza que a metade mais pobre da Humanidade? Qual é a possibilidade de interferência que nós, indivíduos comuns, que mal conseguimos manter uma poupança, temos de interferir na política, pelo voto, pela participação no Congresso Nacional, se há de 60 a 80 pessoas que detêm uma riqueza igual a da metade da população mais pobre? Em que 1% da população tem o mesmo que os 99% restante da população? Esses são limites concretos da democracia. E aí, inclusive, o exemplo da União Soviética, também pelo seu retrocesso, demonstra isso. Porque vejam, concordo com os argumentos que foram colocados pelos que me antecederam, os problemas, etc. Mas, talvez, mesmo que Lênin tivesse continuado, talvez [seguindo o argumento de alguns,] mesmo que Trotsky tivesse vencido a batalha contra Stálin, os problemas seriam os mesmos. Não é só a derrota, a destruição da classe operária [...] a causa dos retrocessos, talvez houvesse [outros] elementos materiais importantes. E eu pergunto: qual elemento material importante?

Em toda revolução surgem espontaneamente conselhos operários, conselhos populares, [como os] soviets, na Rússia. Até na Revolução Iraniana apareceram as *shoras* [...]. O problema é que isso acontece em um período de ruptura, em um processo revolucionário, onde tudo se suspende. Mas quando se volta pra casa e se vai para a estabilização do regime, há um problema. Se você não tem uma radical redução da jornada de trabalho colocada de imediato, as pessoas são tão absorvidas pela vida cotidiana, pelo seu trabalho, que elas não podem participar, e a burocratização nasce disso. Mas isto coloca também o contrário: se isso foi um problema na Rússia, hoje é uma possibilidade completa no mundo atual. A Revolução Científico-Técnica, a partir dos anos cinquenta, colocou a possibilidade de superação do trabalho material. E não dizem isso apenas os marxistas. Peguemos a Consultoria McKinsey, por exemplo, falando do medo da automação e do que se perderá do trabalho [...]. Ora, podemos reler aquele relatório que ela fez e demonstrar que hoje seria possível reduzir a jornada de trabalho no Brasil, que não é das maiores produtividades do mundo, pela metade. Imaginemos a radicalidade e a democracia que poderia surgir com esta mínima medida: reduzir a jornada de trabalho, sem prejuízo na produção de riqueza e sem redução de salários, pela metade. O quê significa[ria] socializar o trabalho doméstico, por exemplo. Por este elemento, a Revolução Russa prova, tanto pela sua vitória, quanto pelos seus retrocessos, que não há como se dividir a questão do poder econômico da questão do poder político. E que a grande tarefa é democratizar o poder político e o poder econômico. Significa dar tempo livre às pessoas para [a] participação democrática e real.

Para concluir. Fala-se do sucesso do capitalismo e do fracasso do socialismo. Se isto que nós estamos vendo é sucesso, eu não quero ver o fracasso. E que fracasso é esse que tirou a Rússia do lugar de país mais atrasado e a tornou em um dos mais avançados? De um país que tinha uma taxa de analfabetismo de 90% de camponeses, e de um terço entre os cidadãos urbanos, e em 1935 já tinha menos de 10%. Que garantiu uma série de direitos que eram inexistentes, como o direito ao aborto, por exemplo. Foi o primeiro país a garantir o direito ao aborto. Que fracasso é esse que mandou o homem pela primeira vez ao espaço? Se isto é fracasso e o que nós temos é sucesso, então eu acho que nós temos uma inversão e eu estou compreendendo errado o significado das palavras. ■

CAPÍTULO II

A REVOLUÇÃO RUSSA E O BRASIL

ANITA LEOCÁDIA PRESTES

Boa tarde a todos. Queria começar agradecendo o convite da comissão que organizou esse evento na UFRJ, que pelo que eu estou sabendo está tendo grande sucesso. Em particular, quero congratular-me com a professora Ludmila [Fontenele Cavalcanti], que foi quem presidiu toda essa organização, esse evento, sem dúvida muito importante, principalmente em um momento em que o anticomunismo e o antissovietismo estão bastante presentes no mundo, na Europa, e aqui no Brasil não fica atrás. Eu acho muito importante a realização desse evento. E agradecer também a presença dos meus companheiros de mesa e, em particular, o público, principalmente a esses jovens. Acho muito importante que os jovens se atualizem e conheçam um pouco da verdade, digamos assim, porque a deturpação, a falsificação da história, é algo em que as classes dominantes são mestres em realizar. Assistimos agora que a falsificação da história da Revolução Russa acontece todos os dias, isso na França está muito presente, mas aqui no Brasil também.

Bom, eu preparei um texto, que eu achei que assim era a forma de trazer da maneira mais compacta para vocês minhas considerações sobre o tema. O tema escolhido é a Revolução Russa de Outubro de 1917 e a fundação do partido comunista no Brasil. Segundo Eric Hobsbawm, a Revolução de Outubro

produziu de longe o mais formidável movimento revolucionário organizado da história moderna, pois teve repercussões muito mais profundas e globais que a Revolução Francesa de 1789. Se as ideias desta última, ainda segundo Hobsbawm, duraram mais do que o bolchevismo, as consequências práticas de 1917 foram muito maiores e mais duradouras que as de 1789. O historiador inglês destaca que apenas trinta ou quarenta anos após a chegada de Lênin à estação Finlândia, em Petrogrado, um terço da humanidade se achava vivendo sob regimes diretamente derivados d'*Os dez dias que abalaram o mundo* (a obra de John Reed), com o modelo organizacional de Lênin, o partido comunista. A maioria seguiu a URSS na segunda onda de revoluções surgida da segunda fase da longa guerra mundial de 1914 a 1945, que Hobsbawm chama de “a longa guerra mundial”. A partir de outubro de 1917, uma onda de revoluções espalhou-se por grande parte do planeta. Ainda citando Hobsbawm, “em suma, a Revolução de Outubro foi universalmente reconhecida como um acontecimento que abalou o mundo” e os acontecimentos na Rússia inspiraram não só revolucionários, porém, mais importante, revoluções, como foi o caso da Revolução Alemã de 1918.



Ainda que a revolução mundial, na qual apostara Lênin e os bolcheviques, não se tenha concretizado, até o início da década de 1920 eram alimentadas esperanças na sua realização, e a história do século XX, como afirma também Hobsbawm, “não pode ser entendida sem a Revolução Russa e seus efeitos diretos e indiretos”. A América Latina, e o Brasil em particular, não deixariam de ser atingidos pelas repercussões desse grande acontecimento mundial. No Brasil, desde o início do século XX, o movimento operário estava sob a influência de correntes anarquistas, o anarco-sindicalismo, a mais importante aqui no Brasil. Sob a direção de suas lideranças, os sindicatos operários em várias das maiores cidades brasileiras se mobilizaram contra as condições de trabalho impostas aos trabalhadores pelos patrões, e realizaram grandes greves; promoveram assembleias de trabalhadores e organizaram congressos operários, criando entidades, como federações e confederações representativas dos seus anseios. A imprensa operária desempenhou papel significativo na divulgação das ideias das lideranças anarco-sindicalistas e na luta pelos interesses dos trabalhadores. Os sindicatos dirigidos pelos anarco-sindicalistas se destacaram na organização de atos públicos dedicados à data do 1º de maio, dia mundial de luta dos trabalhadores, ocasião em que a partir, como sabemos, do sacrifício dos mártires de Chicago, em 1886, eram cultivadas as tradições internacionalistas do movimento operário mundial. A partir de 1915, após a deflagração da Primeira Guerra Mundial, o movimento operário no Brasil se mobilizou na luta contra a guerra e pela paz. Ao combater a guerra e a invocação do patriotismo para combater as lutas burguesas, como se dizia na imprensa anarquista, essa imprensa afirmava: não temos pátria, porque não temos direito à vida na sociedade. Delegados de organizações sindicais e de representantes de jornais operários, em assembleia realizada no dia 26 de março de 1915 – como está longe – em 1915, criaram uma comissão popular de agitação contra a guerra. No mesmo ano foi organizado o Congresso da Paz – e nas palavras de Astrojildo Pereira, que veio a ser depois fundador do PCB – apesar de suas enormes debilidades de organização e orientação. Segundo Astrojildo, esse congresso marcou com incontestável relevo uma posição decidida de luta contra a guerra imperialista e em defesa da paz e da liberdade. Outras manifestações tiveram lugar em diversos pontos do Brasil, registrando a posição de recusa à guerra e da defesa da paz mundial por parte do movimento operário no Brasil, liderado pelos sindicatos anarco-sindicalistas.

Nos anos 1917 a 1920, registrou-se no Brasil o ascenso das lutas operárias sob a direção dessas lideranças. Dois momentos foram marcantes nesse sentido: a greve de 1917 e a insurreição de novembro de 1918 no Rio de Janeiro, sufocada com violência, logo de início, devido à ação de agente policial infiltrado. Segundo Carlos Augusto Addor – que deve estar aqui em nossa mesa – pesquisador desta insurreição de 1918, tratou-se da primeira tentativa organizada empreendida por setores do movimento operário no Brasil de realizar a revolução social almejada pelos anarquistas. Da mesma forma, John Foster Dulles, o brasilianista americano, destaca que “as lideranças do movimento estavam dispostas a repetir os acontecimentos russos, pois acreditavam que a revolução social iniciada na Rússia se expandiria pelo mundo de maneira inevitável”. Inegavelmente a Revolução Russa repercutira junto ao movimento operário brasileiro.

A obra *O ano vermelho* [de Luiz Alberto Moniz Bandeira], que talvez alguns aqui conheçam, publicada por ocasião do 50º aniversário da Revolução Russa, é reveladora, pois apresenta uma seleção cuidadosa de documentos da época, em particular da imprensa anarquista daqueles anos. O primeiro número do ano de 1918 do jornal anarquista *O Cosmopolita*, um jornal importante da época, registrava: “Em 1917, instalou prenhe de ansiadas esperanças a soberba Revolução Russa, que viu abrir aos povos a porta inflama das reivindicações integrais. E assim, magnífico, surge este 1918, trazendo em si as mais belas e tímidas promessas de realizações emancipadoras. Aos pioneiros da nova era – escrevia o jornal – aos batalhadores da ideia em marcha, um amplexo comovido nosso, nesse dealbar maravilhoso da anarquia”. Vocês vejam o palavreado de um jornal anarquista em 1918. Um mês depois,

o mesmo jornal, que era um jornal muito atuante, publicou um artigo de Astrojildo Pereira intitulado *Apelo aos anarquistas*, em que ele afirmava: “A revolução bate em nossa porta, e é nosso dever pormo-nos de guarda atilados e prontos ao que der e vier. E, alguém haverá ainda de olhos fechados que não veja o que vai pelo mundo – perguntava Astrojildo – a não falar da Revolução Russa!?”. A seguir, o próprio Astrojildo caracterizava a Revolução Russa. Ele dizia: “Fundamentalmente econômica na sua origem e nos seus fins, acentuadamente libertária nos seus meios e processos e na sua direção, que veio ensinar aos revolucionários, aos povos de todas as nações, a única fórmula moderna de eficácia destrutiva, capaz de realmente operar uma transformação social profunda”.

Na realidade, segundo a visão dos dirigentes anarco-sindicalistas brasileiros, a Revolução Russa era anticapitalista do ponto de vista econômico, e libertária – como eles diziam – do ponto de vista dos meios empregados, enquadrando-se, portanto, nos marcos das concepções anarquistas contrárias à luta política e à conquista do poder político pelos trabalhadores. De acordo com essa visão, então professada por Astrojildo Pereira também, na Rússia fora seguido um programa anárquico que sintetizava velhas aspirações populares. Considerem que naquela época as informações demoravam muito para chegar e eram muito difíceis. Não só porque não havia internet, mas como o correio era muito difícil, e o telefone também não funcionava. Podem imaginar!? A Rússia era, assim, algo muito distante e muito difícil de se saber o que estava acontecendo por lá. [Com] toda [a] imprensa mundial furiosamente contra o movimento revolucionário russo, então a desinformação era muito grande aqui no Brasil.

Em Março de 1919, foi fundado na capital da República – aqui no Rio de Janeiro – por dirigentes anarquistas como Astrojildo Pereira e José Oiticica – outro dirigente importante [...] – um partido denominado Partido Comunista do Brasil, em cuja primeira circular destinada às organizações operárias de todo o Brasil, dizia: “Diante do entusiasmo ferrenho das classes trabalhadoras e no povo em geral pelos movimentos que se desenvolvem no mundo tendentes a uma transformação social e amplamente baseadas nas ideias comunistas, os libertários do Rio de Janeiro acordaram fundar o Partido Comunista do Brasil”. Verificamos que para os fundadores deste partido o reconhecimento das ideias comunistas como diretriz do processo revolucionário na Rússia não contradizia suas convicções libertárias, ou seja, anarquistas. A pesquisadora Fábila Marchon, que foi minha aluna, destaca que “de acordo com os dirigentes desse PCB, o Partido Comunista Russo era responsável pelas transformações sociais que os anarco-sindicalistas almejavam”. Portanto, “nada mais justo – escreve ela – do que seguir os passos russos e fundar um partido comunista”. Acrescentando que fica explícita a influência que a Revolução Russa exerce sobre a movimentação operária.

Embora o recém-criado PCB adotasse um discurso permeado de declarações de adesão ao comunismo, sua atuação continuava seguindo os princípios anarco-sindicalistas, como a recusa da luta pelo poder político e a defesa da extinção imediata do Estado. A mesma autora assinala que “naquele momento não havia base teórica para compreender que a Revolução Russa e a sua direção, o Partido Comunista Russo, estava baseado no marxismo e não no anarquismo, como imaginavam os militantes brasileiros”. Anos mais tarde, o Astrojildo Pereira, que já era um dirigente do Partido Comunista Brasileiro, destacou que “se tratava, na realidade, de uma organização tipicamente anarquista, e a sua denominação de ‘Partido Comunista’ era um puro reflexo, nos meios operários brasileiros, da poderosa influência exercida pela Revolução proletária triunfante na Rússia, que

se sabia dirigida pelos comunistas daquele país”. “O que não se sabia – continua Astrojildo – ao certo é que os comunistas que se achavam à frente da Revolução Russa eram marxistas e não anarquistas. Só mais tarde essas diferenças se esclareceram, produzindo-se então a ruptura entre os anarquistas ditos ‘puros’ e ‘intransigentes’, que passaram a fazer críticas e restrições aos comunistas russos, chegando por fim a luta aberta contra o Estado Soviético, e os anarquistas que permaneceram fiéis à classe operária, dos quais chegariam finalmente a compreender que no marxismo é que se encontra a definição teórica e justa de ideologia do proletariado”.

O novo partido, o Partido Comunista do Brasil (PCB), desenvolveu intensa atividade, cabendo destacar a organização das manifestações de 1º de Maio de 1919, considerado pelo Dulles, aquele autor norte-americano, o 1º de Maio mais brilhante do Brasil. O jornal *A Razão* estimou em cerca de 60 mil pessoas o número de presentes no comício-monstro realizado na Praça Mauá, no Rio de Janeiro. Vocês podem imaginar em 1919 uma manifestação de 1º de Maio com 60 mil pessoas? O ano de 1919 foi marcado pela crise do primeiro pós-guerra, que custou uma nova vaga de greves operárias, assim como grandes lutas, contra as quais a repressão policial era cada vez mais violenta.

A partir da virada dos anos vinte, com a repressão desenfreada desencadeada contra os trabalhadores e suas entidades pelas classes dominantes representadas pelas autoridades governamentais, empenhadas em impedir a reorganização do movimento operário, este ingressou em período de sério e duradouro descenso. Ao mesmo tempo contribuiu para tal retrocesso a crise deflagrada no interior dos setores anarco-sindicalistas, para os quais começaram a se evidenciar a verdadeira face da Revolução Russa, uma revolução guiada pelas concepções marxistas, opostas, portanto, às dos teóricos do anarquismo, como [Mikhail] Bakunin e [Piotr] Kropotkin.

Como escreveu Astrojildo Pereira, “os anarquistas que permaneceram fiéis à classe operária e compreenderam que o marxismo era a definição teórica justa da ideologia do proletariado foram os que viriam a fundar, em 1922, o verdadeiro Partido Comunista do Brasil”. O PCB foi fundado em março de 1922, ocasião em que se realizou o seu primeiro congresso, com a presença de 9 delegados, representando um total de 73 membros em todo o país – então vocês vejam como um país como o Brasil eram [apenas] 73 membros. Sua debilidade revelava-se não só no restrito número de militantes, como na sua inconsistência ideológica e política.

O atraso cultural do Brasil, proveniente em grande medida do processo de sua formação histórica: Império escravocrata até o final do século XIX, em que os proprietários de escravos e de terras puderam derrotar todas as tentativas de insurgência popular, e que impediu o avanço de qualquer tipo de organização dos setores populares, constituiu forte empecilho ao surgimento de um movimento operário sob a égide das ideias socialistas, marxistas e revolucionárias. Em países vizinhos do Brasil, como a Argentina e o Chile, já no final do século XIX, havia partidos socialistas e, embora sob a influência das tendências reformistas que vieram a predominar no movimento socialista europeu da época, contribuíram para a organização do movimento operário em seus países e para a difusão do pensamento marxista, ainda que em grande medida marcado pelo reformismo de Eduard Bernstein. Há que destacar o prestígio do Partido Social Democrata (SPD) alemão, cujo êxito na luta parlamentar não podem deixar de ser registrados, influência que repercutiria também no Brasil com a criação de alguns partidos socialistas, cuja existência, entretanto, jamais conseguiu se consolidar.

Neste país inexistiu à época condições para os trabalhadores conquistarem algum sucesso através da luta parlamentar, pois o Congresso Nacional, amplamente controlado pelas oligarquias agrárias que dirigiam a nação com mãos de ferro, mostrava-se insensível a qualquer pressão advinda de baixo, do movimento operário. Por essa razão, o sindicalismo no Brasil avançaria sob a influência de trabalhadores que vieram do sul da Europa e imigraram, principalmente para São Paulo, mas também para o Rio de Janeiro e outros pontos do país. Entre eles, destacavam-se os adeptos das correntes anarquistas seguidoras das teorias de Bakunin, Kropotkin e [Pierre-Joseph] Proudhon e outros teóricos que disputavam com os seguidores de Marx a liderança do movimento operário no continente europeu. No Brasil, sua proposta de conduzir a luta dos trabalhadores através dos sindicatos, organizando greves e tendo como objetivo a chamada ação direta, sem recorrer a partidos políticos e condenando a luta pelo poder político e a conquista do Estado, os distinguiu claramente das correntes defensoras das ideias de Marx. Mas, por outro lado, esta orientação foi capaz de atrair setores consideráveis do operariado infenso aos apelos das lideranças dos partidos socialistas, que tiveram presença limitada no cenário nacional. Não havia como no Brasil através da luta parlamentar assegurar conquistas para os trabalhadores, por isso os socialistas também não conseguiam maior repercussão e esse espaço foi ocupado pelos anarco-sindicalistas.

A debilidade ideológica e política do PCB – criado em 1922 – ficou evidente desde sua fundação: seu primeiro congresso sequer discutiu um programa para a nova entidade, limitando-se a aprovar as 21 condições de admissão na III internacional, a Internacional Comunista, criada em 1919 por Lênin, em oposição à II internacional, cujas lideranças haviam aderido ao reformismo e apoiado os seus governos burgueses durante a Primeira Guerra Mundial. A preocupação principal dos delegados do Primeiro Congresso do PCB foi obter sua admissão na Internacional Comunista e ao mesmo tempo participar do movimento de socorro aos flagelados do Volga, que atravessavam grandes dificuldades na URSS com a seca que assolava a região.

Como foi assinalado por Astrojildo Pereira, o movimento operário brasileiro não possuía nenhuma tradição marxista, razão, se não decisiva, pelo menos explicável, das insuficiências teóricas da direção do partido. Em 1925, realizou-se o segundo congresso do PCB, ocasião em que pela primeira vez os comunistas discutiram e aprovaram teses sobre a situação política e nacional, baseada na concepção dualista agrarismo e industrialismo dominante na direção do partido, segundo Astrojildo Pereira, seu secretário-geral e liderança mais destacada do PCB na época. Teses inspiradas no livro *Agrarismo e Industrialismo*, recém-produzido por Octávio Brandão, outro dirigente destacado do partido. Anos mais tarde, Astrojildo reconheceria que se tratava da primeira tentativa feita no Brasil de análise marxista da situação nacional. Falava-se aí em luta entre o capitalismo agrário semi-feudal e o capitalismo industrial moderno, como sendo a contradição fundamental da sociedade brasileira após a República. Dando procedimento à sua análise sucinta, mas consistente, Astrojildo registrava: “Partindo de tais concepções, que resultavam de uma aplicação mecânica e arbitraria do método dialético na análise da situação brasileira, os movimentos que desembocaram no 5 de julho de 1922 e no 5 de julho de 1924” – movimentos tenentistas, revoltas tenentistas – “são simplesmente enquadrados no esquema ‘agrarismo-industrialismo’, e dentro desse enquadramento isolado do contexto vivo da situação política”. A partir da análise da economia brasileira feita por Octávio Brandão, chegava-se no referido livro à conclusão que também foi incluída nas teses do II Congresso do PCB: o imperialismo inglês apoiaria o agrarismo e o imperialismo americano o industrialismo. Fazia-se uma tentativa de análise das classes da sociedade brasileira, cuja conseqüência, para o PCB, era tentar aproximar-se das lideranças tenentistas, expressão, segundo eles, da pequena-burguesia revolucionária, e para preparar-se para a chamada terceira revolta tenentista, buscando alcançar a hegemonia do proletariado, do qual o partido, PCB, pretendia ser a vanguarda na luta contra a oligarquia agrária entrancada contra a oligarquia financeira. Hoje podemos observar que, não obstante a visão mecanicista da análise nacional então realizada pelo PCB, reflexo da indigência teórica do pensamento marxista no Brasil da época, era justa a tentativa de alcançar uma aliança com os líderes tenentistas, em particular, com Luiz Carlos Prestes, uma vez que durante os anos vinte o tenentismo desempenhou o papel de liderança das forças de oposição ao poder das oligarquias agrárias que governavam o país.



Nos anos vinte, o pequeno PCB enfrentou, por um lado, a repressão dos governos oligárquicos, que o levou a manter-se na clandestinidade durante a maior parte do tempo e, por outro lado, o embate com os anarco-sindicalistas, dentre os quais se destacavam o professor José Oiticica. Embora essa corrente estivesse em declínio no meio operário sindical brasileiro, no plano internacional travou luta persistente contra o Estado soviético e a experiência soviética, e no plano nacional contra os comunistas e o PCB. E o PCB combateu com coragem e muita audácia seus inimigos e alcançou êxitos importantes, como a criação do Bloco Operário e do Bloco Operário Camponês no final da década, chegando a eleger Octávio Brandão e Minervino de Oliveira intendentes – era o nome que levavam os vereadores – intendentes municipais na capital da República, ambos lideranças combativas pelos interesses dos trabalhadores. Mas, as insuficiências teóricas e políticas da direção do PCB contribuíram para que o partido não tivesse condições de resistir à imposição das diretrizes dogmáticas e sectárias aprovadas no VI Congresso da Internacional Comunista, realizada em 1928, e confirmada na I Conferência dos Partidos Comunistas da América Latina, que teve lugar em meados de 1929 em Buenos Aires. Se no III Congresso do PCB, realizado nos últimos dias de 1928 e primeiros dias de 1929, ainda prevalecera a orientação de buscar aliança com os tenentes, empenhando-se ao mesmo tempo pela conquista da hegemonia do proletariado na luta contra o poder oligárquico aliado dos setores principalmente do imperialismo inglês, como se dizia no documento, no III Pleno do Comitê Central do PCB, realizado em outubro 1929, a direção do PCB capitulou diante das determinações da Internacional Comunista, adotando a política obrerista de classe contra classe, rejeitando qualquer tentativa de aliança com setores burgueses ou pequeno-burgueses. Segundo

o modelo aprovado pela Internacional Comunista para os países ditos coloniais e semi-coloniais, dentre os quais o Brasil estaria incluído, passava-se a considerar que existiria uma situação revolucionária no país e a política dos comunistas deveria ser uma preparação imediata da etapa democrática burguesa da revolução, caracterizada como agrária e anti-imperialista, com o estabelecimento de – nas palavras deles – “governo operário e camponês baseado nos soviets, isto é, nos Conselhos de Operários e Camponeses, Soldados e Marinheiros”. Veja-se que nem a palavra soviets era traduzida para conselho. Era uma cópia da Revolução Russa. Tratava-se de orientação estreita e desligada da realidade brasileira, e levou o PCB ao isolamento político e a sucessivas derrotas. O desconhecimento da realidade brasileira aliado à débil assimilação da teoria marxista por partes dos dirigentes comunistas, em grande medida reflexo do atraso cultural do país, tinha como consequência a cópia de modelos, e naquele período o único modelo existente era a Revolução Russa, cuja inegável revolução provocava nos revolucionários o anseio de repetir essa experiência. Todo mundo queria fazer a sua Revolução Russa.

Astrojildo Pereira reconheceria mais tarde que “não compreendíamos sequer o sentido exato da verdade segundo a qual sem teoria revolucionária não pode haver ação revolucionária. Teoria revolucionária significava, para nós, aplicar – mecanicamente, livrescamente – a linha política e experiência revolucionária de outros povos”. O PCB seguindo a orientação do VI Congresso da Internacional Comunista, ao aplicar mecanicamente à realidade brasileira os ensinamentos provenientes do modelo da Revolução Russa, partia da assimilação dogmática das concepções leninistas sobre a Rússia Czarista e o caráter da revolução nesse país. Em texto que eu publiquei em 1980, adverti “que teses analisadas por Lênin ao analisar a Rússia no início do século XX foram transpostas acriticamente para a realidade latino-americana e, em particular, a brasileira existente nas décadas de 1920 e 1930”. O líder da Revolução Russa, Lênin, escrevia: “Em países tais como a Rússia, a classe operária sofre menos em consequência do capitalismo do que pela insuficiência do desenvolvimento desse último.

Por isso, a classe operária está absolutamente interessada no mais vasto, mais livre, mais rápido desenvolvimento do capitalismo. [...] A revolução burguesa é, exatamente, a revolução que mais decididamente varre os restos do que é antiquado, as reminiscências do feudalismo [...] e garante, de modo mais completo, o desenvolvimento mais amplo, mais livre, mais rápido do capitalismo”. Ao mesmo tempo, Lênin mostrava que nas condições da Rússia na época do imperialismo, isso [...] sobre a Revolução de 1905, a burguesia só seria a favor da revolução de uma “forma inconsequente, interesseira e covarde”. A única classe, segundo Lênin, capaz de levar a revolução burguesa até o fim, era o proletariado, em aliança com os camponeses. Essa a razão do caráter democrático-burguês da revolução e da necessidade do proletariado alcançar a hegemonia no processo revolucionário para assegurar seu procedimento rumo à revolução socialista. Repito: Lênin escrevia isso no início do século XX, tendo em vista a experiência inclusive da Revolução de 1905 na Rússia, derrotada.

No caso brasileiro, ao não se dispor naqueles anos de pesquisas voltadas para a realidade nacional, tornava-se difícil a análise concreta do processo de desenvolvimento capitalista no país. A cópia das teses de Lênin para uma situação inteiramente distinta induziu ao PCB a identificar um suposto feudalismo no campo que, junto com imperialismo, desempenhariam o papel de entraves ao capitalismo. Enquanto na realidade o capitalismo encontrava novas formas de progredir, nas condições de dependência do imperialismo e de manutenção de determinados tipos de relações de produção não-capitalistas, os comunistas consideravam que seria necessário realizar a revolução agrária e anti-imperialista, a forma específica no Brasil da revolução democrático-burguesa sob a hegemonia da classe operária, garantindo a ampliação do mercado interno e o avanço das relações capitalistas, visando assegurar o sucesso de uma

primeira etapa da revolução socialista. Adotava-se o chamado esquema etapista da revolução. Ou seja, para os países ditos coloniais ou semicoloniais, a estratégia da revolução passava a ser dividida em duas etapas: a primeira democrático-burguesa e a segunda socialista. Esquema esse que se manteve durante décadas da história do PCB.

Na prática, o PCB transformou-se em um partido nacional-libertador, participante ativo da luta por todas as causas justas do povo brasileiro, mas sem conseguir transformar-se no organizador e condutor da revolução socialista no Brasil. Essa falsa visão estratégica tinha um conteúdo de direita, pois dela resultava a busca de um objetivo ultrapassado pelo próprio processo histórico brasileiro: desenvolver o capitalismo. Na Rússia czarista e feudal realizar a revolução burguesa para desenvolver o capitalismo era uma tarefa progressista, como mostrou Lênin. No Brasil, a revolução burguesa por si, nas condições históricas do país, teve um lugar num processo distinto das revoluções burguesas nos países centrais, conforme revelou o sociólogo Florestan Fernandes. No caso brasileiro, para os comunistas, seria necessário romper com a dependência, golpear com o capitalismo e avançar rumo à revolução socialista. Como tive a oportunidade de assinalar em trabalhos anteriores, uma estratégia errônea teria como consequência a adoção de táticas que também seriam errôneas, em vagas de vacilações e atitudes contraditórias. Na ausência de uma análise concreta da burguesia brasileira, dos seus diferentes setores e das suas correspondentes posições políticas, o PCB recorria à tese da existência de uma suposta burguesia nacional, categoria importada de modelos aplicados em outros países, que ora estaria subordinada aos interesses do imperialismo e ora poderia ser considerada uma força revolucionária. Posicionamento [que] influenciava a política de alianças do partido, prejudicando seriamente a prática política dos comunistas.

Ao mesmo tempo, de longa data no Brasil, a questão nacional esteve presente no debate intelectual, e nos momentos de crise passaria, segundo as palavras de Lúcia Lippi Oliveira, “a englobar, sintetizar as demais”, contribuindo para que o nacionalismo se transformasse em um “conceito inclusivo”. Da mesma maneira, é possível afirmar que historicamente a construção do nacionalismo se constituiu em uma das preocupações fundamentais dos intelectuais. Contudo, é no período da Primeira Guerra Mundial, nas palavras do pesquisador Daniel Pécaut, [que] “o nacionalismo invadiu a cultura brasileira” e, segundo Renato Ortiz, ocorreu a “emergência de um espírito nacionalista que procura se desvencilhar das teorias raciais e ambientais características do início da República Velha”.

Dessa maneira, as concepções nacional-libertadoras adotadas pelo PCB frutificaram no Brasil graças à sua aceitação por amplos setores sociais influenciados pelo pensamento nacionalista. Se as teses defendidas pelos comunistas encontraram repercussão em diversos setores da sociedade brasileira, isso se deveu, em grande parte, à circunstância de tais posições tenderem a convergir com os sentimentos nacionalistas amplamente difundidos na sociedade civil do país, dentre os quais se destacava a preocupação com a garantia da soberania nacional. Evidencia-se, pois, que a política do PCB não consistiu num mero reflexo de supostas imposições da Internacional Comunista ou do Movimento Comunista Internacional, como frequentemente se afirma. Como procurei mostrar em trabalhos anteriores, dadas as condições adversas em que o PCB foi fundado, de grande atraso cultural no país e de inexistência de um movimento operário com tradições marxistas, a repercussão da Revolução Russa mostrou-se decisiva para que um pequeno grupo de lideranças anarco-sindicalistas, tendo à frente Astrojildo Pereira,

tomasse a iniciativa de criar um partido comunista no Brasil. Contudo, a débil presença do marxismo junto à intelectualidade brasileira, aliada à grande influência do pensamento nacionalista, contribuiu decisivamente para que o PCB, na minha opinião, se transformasse em um partido nacional-libertador. Como advertiu Eric Hobsbawm, numa frase que eu acho muito interessante, chamo atenção para ela, dizia: “O perigo real para os marxistas é o de aceitar o nacionalismo como ideologia e programa, ao invés de encará-lo realisticamente como um fato, uma condição de sua luta com o socialismo”.

Bom, [...] então agradeço a atenção. Como vocês seguramente perceberam esse texto é bastante polêmico, não é? Reflete a minha opinião, a minha análise. Há alguns anos eu venho trabalhando essa temática, a preocupação, inclusive que eu tenho já há bastante tempo, de tentar explicar o fracasso da política do PCB. Por que o PCB fracassou? Chegando nos anos 80, Prestes, o secretário-geral, a se ver obrigado a romper com o PCB, embora tenha tentado vários anos conciliar. Porque se chegou à conclusão, [que] ele chegou, eu também e outras pessoas, de que aquela direção do PCB tinha traído os interesses da classe operária, não tinha mais nada que ver com o socialismo. Era um grupo de pessoas totalmente preocupadas só com a sua própria sobrevivência e, principalmente, com a manutenção do *status quo* daquele Comitê Central. Não queriam fazer mudança nenhuma, não queriam fazer autocrítica nenhuma, coisa que o Prestes tratou de fazer. Então, a minha preocupação foi explicar o porquê de se ter chegado a esse ponto. Porquê o PCB fracassou? [...] O principal fator foi efetivamente o tipo de formação histórica que houve no Brasil, [...] diferente até de outros países latino-americanos, não é? O fato do atraso cultural brasileiro ser muito grande, do [atraso do] pensamento marxista...

No final dos anos 20, Prestes chegou à Buenos Aires com outras pessoas. Buenos Aires tinha livrarias onde podia se comprar *O Capital* de Marx, onde se podia comprar toda literatura marxista. Foi o que fez Prestes quando ele leu *O Capital*. Aqui no Brasil, *O Capital* só foi traduzido para o português em 1968. Antes disso, quem queria, o português ou o brasileiro que quisesse ler *O Capital*, tinha que ler em espanhol, francês, inglês, ou enfim, em alemão no original, não é? Então, aqui no Brasil a literatura marxista desses anos 20 e 30 circulava de mão em mão, não se vendia em livraria, era no mimeógrafo. *O Manifesto [do Partido Comunista]* de Marx foi traduzido pela primeira vez, em 1924, pelo Octávio Brandão, e circulava assim, em impressão doméstica, de mão em mão. Então, você vê que realmente o atraso era muito grande. A dificuldade de penetração do pensamento marxista era muito grande. Vocês vejam, quando a Comuna de Paris foi derrotada em 1871, e muitos intelectuais foram para o exílio, foram para os Estados Unidos, foram para a Argentina, mas para o Brasil, que eu saiba, não veio ninguém. O Brasil era realmente o foco de atraso, de reacionarismo, de conservadorismo. Vocês vejam que em 1500 e pouco, no Peru, em Lima, já havia universidade, e no Brasil, a universidade, essa que nós estamos, foi criada na década de 20 do século passado, do século XX.

Então, por aí nós vemos todo esse atraso cultural. O desconhecimento do Brasil e o desconhecimento do marxismo é que [...], por um lado, a repercussão da Revolução Russa levou a que heroicamente um pequeno grupo de anarquistas criasse um partido comunista. Queriam fazer uma Revolução Russa aqui no Brasil. Mas, por outro lado, as condições eram muito mais adversas, e essa adversidade toda levou a que o PCB, ao meu ver, não conseguisse se transformar realmente em um partido comunista, embora tivesse esse nome, era muito mais um partido nacional-libertador, e essa orientação nacional-libertadora tinha um limite e fracassou. Isso não quer dizer que não se deva continuar lutando contra o imperialismo, mas não se vai derrotar o imperialismo sem articular isso com a luta pelo socialismo, isto eu tenho clareza hoje em dia. Ao lutar pelo socialismo, se luta para derrotar o imperialismo. O imperialismo hoje em dia é o principal obstáculo para se avançar rumo ao socialismo. Então, a conjugação desses dois problemas me parece que é algo necessário e importantíssimo, e não foi bem articulado, bem resolvido pelo PCB até os anos 80, que se estilhaçou. E, hoje em dia, existe um PCB novo, que eu até respeito, o pessoal faz um esforço, mas é pequeno e com pouquíssima influência na realidade brasileira. Agradeço a atenção de vocês e estou aqui à disposição, inclusive para contestações e opiniões diversas. ■

CAPÍTULO III

A REVOLUÇÃO E O MUNDO

BRAZ MARTINS PEREIRA

MARCELO BRAZ

Queria cumprimentar meus colegas da mesa, Vantuil, meu querido colega; ao professor Carlos Eduardo e ao professor Ricardo Figueiredo.

No dia que estamos falando da revolução, nesse tema gigantesco, mastodôntico, a revolução e o mundo, a gente tem que escolher um “pedacinho”, e olha que pedacinho, a Revolução Russa e a Europa. É muito bom trazer os estudantes do ensino médio para cá. Até porque, sendo um pouco atrevido, eu gostaria de propor para algum outro evento, não os duzentos anos da revolução, pois não estaremos lá nesse momento, mas para um evento bem próximo, como este, que ocorra também fora dos espaços da universidade, fora do campus, fora dos muros da universidade, para que possamos falar para mais gente que não só para aqueles que já são de alguma maneira simpáticos ao tema. Porque esse tema não é “simpático”. Na universidade ele pode ser, mas falar de Revolução em qualquer outro espaço não é simpático.

Na universidade até tem alguma aceitação. Dependendo do ângulo de análise você tomará pancadas aqui, outra ali, vai ter um debate, uma crítica. Mas, se você sair da universidade, são poucos os espaços que vão acolher esse debate e é aí que a gente tem que botar a cara à tapa e debater o legado dos 100 anos da Revolução Russa. Um legado que está presente, que não se esgotou com a crise do movimento comunista e com a crise no seu estágio terminal em 1989, com a queda do Muro que caiu, pesando em nossas costas, ou com o fim da União Soviética, ali já no início da década de 90. É um legado duradouro que resistiu e resiste à hegemonia e ao dilúvio neoliberal. Se nós olharmos – e eu quero começar pelo fim, falando um pouco da atualidade – para a Europa hoje, veremos que há movimentos de esquerda, socialistas, movimentos de alguma tradição comunista que, mesmo que critiquem o legado da Revolução Russa, do que se tornou a Revolução Russa, sobretudo depois do final da década de 20 e o início da década de 30, sob a hegemonia de Stálin, mesmo estes, seja criticando, seja ponderando, reivindicam as bandeiras que a Revolução Russa levantou.

Se nós olharmos, por exemplo, para a Ucrânia, que tem um governo que precisa proibir o partido comunista no país. Para a Grécia, que vive a tragédia da austeridade e onde existe um partido comunista (o KKE) extremamente organizado na classe trabalhadora, com assentos significativos no Parlamento. Para a Espanha, onde se vê uma interessante renovação do movimento socialista e comunista e uma nova esquerda, muitos saídos da grande árvore da tradição comunista edificada no século XX, iniciativas que vêm sacudindo a hegemonia do partido conservador (PP) e do partido social-democrata (de nome socialista, o PSOE). Se olharmos para Portugal, onde o partido comunista (PCP), que é uma verdadeira fortaleza histórica e sólida, tem assentos em torno de 10% do Parlamento, cerca de 18 deputados, e outro partido que também vem do tronco da esquerda do século XX, mesmo que em crítica no que resultou a União Soviética, o Bloco de Esquerda, tem cerca de 20 deputados. Os dois somam 20% da Assembleia da República [...]. Se nós pensarmos por aí, veremos que a Revolução Russa, o seu legado, é atual.



Ela já foi mais influente na Europa, no sentido de funcionar como um dique de contenção para os avanços mais ferozes das políticas capitalistas. É evidente que o que se construiu, ainda que em uma parte da humanidade, em uma parte reduzida, mas muito significativa, importante, com repercussões internacionais, na Europa Ocidental, com a construção do *Welfare State*, do Estado de Bem-Estar Social, seguramente mostrou que a Revolução Russa já teve impacto maior. Ou, pelo menos, os resultados da Revolução Russa tiveram impacto maior na configuração do movimento europeu, inclusive no posicionamento das burguesias europeias.

Entretanto, para falarmos da Revolução Russa, é impossível não falar de Lênin. Vladimir Lênin é esse espírito, no sentido da ideia, no sentido cultural do termo, que se nega a morrer. De alguma maneira, está presente no debate atual, mesmo considerando que ele não tenha audiência na universidade, onde é pouco estudado. Lênin é, entre os grandes marxistas clássicos, seguramente, o que vive o maior exílio acadêmico. Por isso, pouquíssimo discutido na academia. Lênin tem uma característica que muitos estudos, inclusive acadêmicos, mas sobretudo estudos de matriz mais liberal, de pensadores mais liberais, identificam como um teórico pragmático limitado à *realpolitik*. Seguramente, essa é uma forma de reduzir o pensamento de Lênin a uma coisa mais voltada para uma prática política imediata e pragmatista. Essa *realpolitik* de Lênin, na verdade expressa, em uma formulação seguramente mais simpática a ele, que é a de [György] Lukács, em um opúsculo que saiu na década de 20 – *Lênin: estudo sobre a unidade de seu pensamento* –, [onde] o filósofo húngaro afirmou que o dirigente e teórico russo encarnou nele mesmo a própria dialética. Para Lukács, Lênin foi um “operador da dialética”; um pensador que materializou a décima primeira tese sobre Feuerbach, que encarnou a unidade teoria e ação. Isto porque seu pensamento girava o tempo todo em torno das necessidades práticas, especialmente da prática política, inclusive das necessidades imediatas. Se tivermos o cuidado de examinar a obra de Lênin, veremos que há momentos entediantes, em que Lênin está já como dirigente de Estado: faz discursos, comícios sobre o que fazer diante da fome; ou dá orientações à juventude; fala da formação política revolucionária; da necessidade de combater os maus elementos no movimento bolchevique, no movimento comunista... Gostemos ou não desses momentos, aí o nosso dirigente está a expressar a vinculação de seu pensamento à prática política concreta das massas.

Mas, o mais importante, é que seu pensamento era mutante, como é a própria realidade. Se lembrarmos de três giros importantes do pensamento de Lênin, a gente vai ter clareza disso.

O primeiro e o mais importante é o giro em torno da estratégia da revolução – que no pensamento, o tempo todo dialético, de um operador da dialética que encarna a décima primeira tese sobre Feuerbach – que se mostrará também mutante. Ela se adapta às condições reais, objetivas e subjetivas que podem favorecer à Revolução. Lênin, quando retorna para a Rússia em abril, sai-se com as *Teses de Abril*. E lá ele sai com uma tese central que expressa a *dualidade de poderes*. Ora, a dualidade de poderes não estava no horizonte do pensamento de Lênin. Ele pode ter buscado inspiração lá no texto de Marx, de março de 1850, *Mensagem do Comitê Central à Liga dos Comunistas*, onde Marx vai falar dessa dualidade. Mas há controvérsia em torno disso, se Lênin se referia a esse importante documento que é, aliás, objeto de muita polêmica e às vezes muito mal interpretado e lido. A dualidade de poderes, fundamentalmente, é o seguinte: Lênin estava olhando para a realidade russa, [onde] havia um poder oficial, encarnado no Parlamento, dirigido por Alexander Kerensky; e havia um poder efetivo, um poder popular, fora do

poder oficial. Um não sobreviveria sem suprimir o outro. Um poder só pode triunfar superando o outro. Essa dualidade de poderes, Lênin levantou essa bandeira em abril. Ali Lênin não está falando de insurreição, ou de qualquer movimento insurrecional de tomada de poder. Eis que em setembro ele já fala de insurreição. E isto nós vemos em *O Marxismo e a Insurreição*, que sai em agosto de 1917, texto importantíssimo onde Lênin coloca de lado qualquer tara insurrecional por parte dos comunistas, qualquer obsessão com a insurreição por parte dos comunistas, e põe de lado também qualquer obsessão pela democracia, qualquer tara democrática por parte dos comunistas. No texto *Os bolcheviques devem tomar o poder* e em *As tarefas dos bolcheviques na Revolução*, Lênin vai dizer, claramente, que há condições objetivas e subjetivas para o movimento insurrecional, criadas pela fome, pelo descontentamento massivo com a guerra e pela incapacidade absoluta do governo de Kerensky de dar respostas mínimas às necessidades mais objetivas e mais prementes da massa russa. Então, Lênin gira sua estratégia para a insurreição ali, porque as condições objetivas e subjetivas assim favoreciam. E há outros eventos, como o golpe tentado pelo General Kornilov, que coloca a massa a favor dos bolcheviques e coloca também os soldados mais próximos aos bolcheviques.

Outro giro do pensamento de Lênin se deu na questão agrária. Os bolcheviques tinham defendido a nacionalização da terra. Mas os bolcheviques não podiam fazer a Revolução a sós, eles precisavam de apoio e precisavam reduzir a oposição de esquerda. Então, para reduzir a oposição de esquerda e para fortalecer a união operário e camponesa, eles cedem no princípio da nacionalização das terras e vão apoiar a distribuição de terras, que depois vai dar outros problemas em torno da questão agrária.

E um outro giro do pensamento é em torno da questão da Europa. A Rússia, o papel da Revolução Russa no continente europeu, as consequências da Revolução Russa na Europa. O pensamento de Lênin em relação a isso é um ziguezague que não se limita à *realpolitik*, pois que é um ziguezague da *dialética da própria realidade*. A questão central é: qual é o centro irradiador da Revolução? Por exemplo, se nós fizermos um estudo sobre o que mais prevalece no pensamento de Marx, de Engels e de Lênin, o centro irradiador da Revolução só pode ser o centro do capitalismo desenvolvido, dos países mais desenvolvidos, e os países mais desenvolvidos da Europa. Mas, Lênin já está mergulhado nos seus estudos sobre o novo caráter do capitalismo, o imperialismo, o capitalismo dos monopólios, bastante influenciado por outros pensadores, camaradas que estão a estudar as novas características do capitalismo imperialista: Rudolf Hilferding, Rosa Luxemburgo, Nikolai Bukharin. Lênin, então, já está a definir as características essenciais e as diretrizes fundamentais do desenvolvimento do imperialismo: a divisão territorial e econômica do mundo; a exportação de capitais; a união, o enlace entre grandes monopólios industriais e grandes monopólios bancários, criando o protagonismo de um novo tipo de capital, o capital financeiro; a exportação de capitais e a partilha territorial e econômica do mundo, que criam novas relações entre os países capitalistas, que não tem que ver apenas com aquilo que, nos seus limites, Karl Kautsky havia estudado como a anexação de territórios. É mais do que supunha o pensamento kautskiano. O que estava em questão, e essa era a novidade histórico-estrutural do novo estágio do capitalismo: trata-se agora, como asseverou Lênin, de se criar zonas de influência para a expansão dos monopólios. E agora as contradições imperialistas, na medida em que há exportação de capitais, tanto capital produtivo quanto capital de empréstimo, essas zonas de influência agora transferem também as contradições do centro imperialista para a periferia.

De alguma maneira, Rosa Luxemburgo também já se aproximava disso com a tese sub-consumista e o mecanismo de compensação para redução das taxas de lucro das taxas de mais-valia no centro para a periferia. Mas a Rosa não foi tão longe na política. O grande avanço do Lênin em relação ao imperialismo não é apenas mostrar a nova economia do imperialismo. Ele tratou da política do imperialismo que iria modificar o mundo e a Europa. Então, esse giro de Lênin significa que há uma possibilidade histórica da revolução arrebentar no elo mais fraco da cadeia, justamente a Rússia. E essa possibilidade histórica não era nenhuma invenção de Lênin, pois que estava colocada pelas contradições imperialistas e não apenas pelas questões internas que favoreceram a revolução. Lênin pensou que o centro irradiador da revolução poderia ser, como possibilidade histórica, a Rússia. Mas, com uma observação central: a Rússia como prólogo da revolução europeia, o que na verdade significava dizer a Revolução Russa como prólogo da revolução na Alemanha. E, mais ainda: a revolução na Rússia como prelúdio da Revolução Mundial. Isto faz toda diferença. Isto não exclui, antes supõe, a revolução na Europa, a revolução a começar pela Alemanha.

Se nós pensarmos um pouco mais para trás, esse problema do centro irradiador da Revolução estava colocado já no último Marx. Este já está a pensar, olhando ali para a Rússia, olhando para os problemas na própria Europa, dos partidos que ali estão surgindo, inclusive na Alemanha, e nos avanços e nos limites desses partidos, uma certa estabilização dos regimes. O último Marx já está ali a refletir essa questão desde meados da década de 1860. O último Engels, sobretudo numa leitura mais atenta do seu “testamento”, assim chamado, de 1895, que é a introdução que ele preparou à reedição de *As lutas de classes na França*, uma obra lá do início dos anos 1850 (1851-52), o parceiro de Marx estava ali, de alguma maneira, ao analisar as contradições e os limites da Revolução na Europa, contando inclusive com a experiência da Comuna de Paris, a enxergar também possibilidades que se colocavam para processos revolucionários na periferia, fora do centro irradiador do desenvolvimento capitalista.

No pensamento de Lênin, vê-se, então, a Revolução Russa como prelúdio, como prólogo, como um ponto de partida de uma necessária Revolução Mundial, irradiando-se a partir da Alemanha. Para a gente também continuar fazendo esse paralelo, lembrando que em condições de desenvolvimento capitalista muito diferentes, já que estávamos falando do capitalismo imperialista dos monopólios e, em 1848, estamos no capitalismo concorrencial, Marx e Engels, de alguma maneira lá no *Manifesto*, na sua parte mais programática, estão pensando na Revolução Alemã como uma revolução democrática e como prelúdio de uma revolução de maior amplitude. Então, esse paralelo da revolução europeia, do polo menos desenvolvido para o mais desenvolvido, já está colocado na parte mais programática do *Manifesto do Partido Comunista* em 1848. Depois, isso se mostrou equivocado. E não exatamente pela análise de Marx, ainda que de alguma maneira ela também estivesse equivocada, porque apostava muitas fichas em uma débil burguesia alemã, pouco desenvolvida, fraca e até covarde. Mas, se mostrou equivocada porque o proletariado não estava maduro ainda para desenvolver um projeto societário que o permitisse ir além de ser carreado pelo projeto da burguesia.

Gerações marxistas russas e ocidentais tinham a convicção que as nações avançadas e industrializadas da Europa seriam as primeiras a realizar o socialismo. O próprio Lênin partilhou dessa crença até pouco tempo antes da Revolução arrebentar na Rússia. Depois que ela irrompeu nos soviets ele passa apostar e defender a possibilidade concreta de poder popular apresentada pelos conselhos.

No entanto, sempre teve clareza dos limites da revolução. Já no pós-1917 afirmara que o socialismo já era uma realidade material, mas as suas metades estavam separadas: as condições políticas foram criadas na Rússia, enquanto que a outra metade – os pré-requisitos materiais, culturais, do desenvolvimento capitalista – se achassem na Alemanha naquela altura. Até o fim dos seus dias, Lênin esperou que a Revolução Alemã reunisse as duas metades. Essa reflexão, que é a de Isaac Deutscher, sintetiza o que tentamos discutir aqui. Essa expectativa da revolução na Europa, unindo as duas metades, também estava lá no pensamento de Marx. Ainda o jovem Marx, e depois o Marx já maduro, está olhando para a Alemanha e, junto com seu amigo Arnold Ruge, criaram uma revista chamada *Anais Franco-Alemães*, um periódico que tinha a ideia de juntar a “cabeça alemã” e o “coração francês”. Ou seja, a filosofia clássica do pensamento alemão, incapaz de se transladar para além da mera especulação filosófica para a luta política, aliada à crítica social dos socialistas utópicos, herdeiros anacrônicos da Revolução Francesa.

Então, essa ideia de juntar as duas metades já aparece no Marx em 1844, nos *Anais Franco-Alemães*, e depois, inclusive, nas aproximações de Marx a Pierre-Joseph Proudhon (um dos pais do anarquismo). Até quando essa aproximação foi possível? Pois, depois que Marx escreveu a *Miséria da Filosofia* como resposta à obra proudhniana *Filosofia da Miséria*, evidentemente que com aquela “cacetada”, bem dada e necessária, que Marx deu em Proudhon, nenhuma aproximação foi possível. Marx tentara alguma aproximação porque precisava de Proudhon, porque estava organizando os revolucionários da França, da Alemanha e da Bélgica em torno dos Comitês de Correspondência dos Comunistas, e convidou o teórico francês para ser o correspondente principal em seu país, o que Proudhon recusou. Mas isso tudo foi antes de 1846, antes da *Miséria da Filosofia*, que acabou encerrando qualquer possibilidade de aproximação.

Por fim, voltando ao século XX: a Revolução Russa não foi o prelúdio de uma Revolução Europeia, porque ela não foi o prelúdio de uma Revolução na Alemanha, como vimos. Entre 1917 e 1920, apesar disso, o processo revolucionário se amplia, o que aumentou o entusiasmo revolucionário de Lênin. Seja pelo *biennio rosso*, na Itália, seja pelos levantes operários na Áustria, seja pela comuna húngara de 1919, esses eventos acionaram uma expectativa revolucionária em Lênin. Foram duas as razões que entusiasmaram Lênin, ainda que a história o tenha derrotado. Primeiro, Lênin superestimou as condições subjetivas a partir das reais contradições objetivas postas na Europa; e depois, também superestimou o movimento operário europeu, que já indicava o fenômeno da aristocracia operária, já muito desenvolvido ali.

Não há como apagar a era soviética da Rússia, da Europa e do mundo. A Revolução Russa legou consequências diretas ou indiretas aos países capitalistas europeus, tais como: o avanço dos direitos sociais nos países centrais da Europa Ocidental e os movimentos anticoloniais que, em muitas vezes, assumiram contornos revolucionários. Os anos após a Revolução Russa introduziram também contrarrevoluções na Europa, expressando-se na ascensão do fascismo e de outros movimentos reacionários. Graças à Revolução Russa desenvolveram-se políticas de caráter social-democrata na Europa. Tivemos as primeiras coalizões social-democratas na Finlândia, na Bélgica, na Dinamarca. E, após a Segunda Guerra Mundial, em que uma segunda onda de revoluções tomou conta da Europa, a expansão do Estado de Bem-Estar Social entre países na Europa Ocidental é mais um legado da revolução de 1917. Enfim, a Revolução Russa não foi o prelúdio da Revolução Alemã, Europeia e Mundial. Ela acabou sendo para todos, paradoxalmente, a salvadora do regime liberal-democrático, e acabou libertando a humanidade do horror do nazismo durante a Segunda Guerra Mundial, com a histórica vitória na Batalha de Stalingrado. Justamente, por não ter sido prólogo da Revolução Mundial, é preciso tomá-la como lição, aprendendo com seus acertos e seus erros e para fazermos outra revolução que nos sirva como prólogo para uma urgente revolução mundial. ■

▲ CARLOS EDUARDO MARTINS

Obrigado aos organizadores pelo convite, e gostaria, primeiramente, de parabenizá-los pela iniciativa. A Revolução Russa continua ainda, mesmo após o fim da União Soviética, como uma referência importante de processo de transformação revolucionária e uma referência importante no campo do marxismo. Ela vai incidir sobre a concepção de revolução desenvolvida por Marx e reelaborá-la parcialmente. Marx pensava a revolução como um processo de contradição entre forças produtivas e relações de produção. No *Prefácio à Crítica da Economia Política*, Marx afirma que uma era revolucionária é aquela em que forças produtivas e relações de produção se chocam radicalmente, abrindo-se o espaço para a redefinição dessas relações de produção. Mas isto só é possível com a redefinição do Estado, que ao transformá-las pelas lutas de classe modifica-se profundamente. Na concepção de Marx está presente a ideia de que a contradição entre forças produtivas e as relações de produção são o elemento central de um processo revolucionário e que a revolução se faz através do Estado.

Essa ideia colocada de forma muito abstrata, levou Marx a desenvolver a conclusão de que o país mais maduro para o processo revolucionário seria a Inglaterra, porque seria aquele em que as forças produtivas estariam mais avançadas, portanto, onde as contradições do capitalismo seriam mais prementes. Essa ideia era a ideia prevalecente, embora Marx, em alguns momentos, matizasse essa visão, em escritos onde apontava a Rússia como um país que poderia seguir a trajetória para o socialismo sem passar pela experiência do desenvolvimento capitalista tal como se estruturava na Inglaterra, em razão da forte presença das tradições comunais russas.

Mas essa ideia era a que prevalecia inclusive entre os bolcheviques, que se vêem surpreendidos diante da necessidade de, para introduzir certas reformas, confrontarem não apenas o czarismo, mas a burguesia russa e a burguesia internacional a ela associada. Então, a questão da Revolução Russa vai trazer como evidência o fato de que o processo revolucionário está atravessado não apenas pela contradição capital-trabalho, impulsionada pelo desenvolvimento das forças produtivas, mas por outra contradição, que é a contradição imperialismo-Estado-nacional. A Revolução Russa vai trazer muito fortemente essa questão de que países de capitalismo tardio, países que sofreram processos de desenvolvimento desigual e combinado, onde os elementos de ponta do capitalismo não se generalizam porque se combinam com forte nível de atraso e relações mais arcaicas, que esses países seriam muito mais propícios a processos revolucionários do que os países centrais onde o capitalismo se estrutura de forma mais organizada, mas exercendo sobre os países semi-coloniais, coloniais ou atrasados, um processo de exploração internacional. Um processo de exploração em que repartem parte da mais-valia apropriada nas relações internacionais com suas classes operárias para impedir o desenvolvimento do internacionalismo, ou bloquear ou restringir o internacionalismo como uma força política capaz de impulsionar a revolução socialista nos países onde as forças produtivas são mais desenvolvidas.

Esta vai ser uma primeira elaboração importante da Revolução Russa, que rompe a visão predominante sobre revolução no marxismo e dá lugar, na geração revolucionária bolchevique, à ideia de que essa revolução que ocorreria nos países atrasados, coloniais e semi-coloniais seria incompleta. Isto acarreta como consequência duas teses inicialmente convergentes, mas que se separam posteriormente: a) a de que a revolução nos países atrasados deveria cumprir tarefas que o capitalismo não cumpriu, como a industrialização, e b) a de que para o pleno avanço do socialismo nesses países seria necessário que a revolução alcançasse os países centrais. Os bolcheviques colocavam muita ênfase e apostavam muito que a revolução pudesse chegar à Alemanha, motivada pelo aprofundamento das contradições inter-imperialistas trazidas pela guerra. Essa aposta fracassou. E, no lugar dessa visão internacionalista que os bolcheviques inicialmente defendiam, vai acabar predominando na Revolução Russa a visão stalinista que desvincula os avanços da Revolução Russa da internacionalização da revolução, liderando uma ofensiva mundial para moderá-la, enquanto Trotsky apontava as deformações em que incorria o socialismo soviético em situação de escassez, indicando a sua desvinculação do internacionalismo como expressão do surgimento de uma burocracia termidoriana que pretendia paralisar a Revolução e transformá-la num Estado Operário em degenerescência, podendo, no limite, restituir o capitalismo a longo prazo.

Outra ideia chave que a Revolução Russa vai trazer é a ideia de que o partido político é um elemento fundamental do processo revolucionário e que os intelectuais jogam nele um papel destacado. Se o Estado é um elemento de mediação indispensável para a existência da Revolução, é necessário haver um partido político para a conquista do Estado. Foi Lênin, sobretudo, quem desenvolveu a concepção de que os intelectuais têm um papel fundamental na organização de um partido político revolucionário, e que um partido político revolucionário não surge apenas da consciência em si da classe operária. A classe operária, no seu dia a dia, busca se organizar sobretudo para defender melhores condições da venda da sua força de trabalho e, portanto, os sindicatos têm uma missão fundamentalmente econômica. A transformação social exigiria transcender esta visão estritamente econômica e corporativa, exigiria uma estratégia nacional e internacional de controle do Estado, cabendo aos intelectuais esse papel inicial de desenvolver a concepção de um novo sistema. Mas o partido revolucionário não pode ser só um partido de intelectuais. Sem um partido de massas, a revolução não pode ser feita. Na conversão do partido revolucionário de quadros em um partido de massas, os intelectuais têm um papel fundamental na organização de um processo dialético aonde a classe operária, a classe trabalhadora, transforma sua consciência de *consciência em si* em *consciência para si*, transformando-se em sujeito consciente da mudança histórica. Mas nesse processo os próprios conceitos que guiam os processos históricos se redefinem, assim como a base social dos intelectuais e suas ideias originais, pois o desenvolvimento dos processos históricos rumo a uma concretude mais ampla redefine as bases originais na qual ele havia sido constituído. É o caso, por exemplo, da concepção da Revolução Russa de revolução que, como vimos, se redefine no processo histórico.

Outra novidade que a Revolução Russa traz é a renovação da concepção da ditadura do proletariado, tal como havia sido estabelecida por Marx em seus escritos sobre a Comuna de Paris, a partir de uma experiência concreta que havia demorado aproximadamente 70 dias. Lênin, em agosto de 1917, em *O Estado e a Revolução*, vai reforçar certas ideias centrais do pensamento marxista, mostrando que se a revolução é um processo de modificação jurídico-política da propriedade, e se implica a estatização da propriedade privada, é ainda mais do que isso, significando um processo de socialização do Estado. Para Lênin, o eixo fundamental da ditadura do proletariado é a destruição da burocracia, o controle do Estado pelo proletariado, pelas classes trabalhadoras, e um processo de socialização desse Estado na sociedade, que culminaria ao longo do tempo na extinção do Estado, na medida que a sociedade fosse cada vez mais assumindo a sua capacidade de se auto-dirigir. A destruição da burocracia implicaria inicialmente na eleição de todos os cargos de direção do Estado; na capacidade de os eleitores deporem os mandatários durante o mandato, se considerassem que não estavam cumprindo adequadamente suas funções. Se o proletariado é proprietário do Estado, ele deve tratar o seu representante da mesma forma que um capitalista trata um funcionário, demitindo-o quando não alcança bom desempenho. Finalmente, cada dirigente ou empregado público deveria ter um salário equivalente a um salário médio de um operário.

A concepção do socialismo como socialização das forças produtivas vai se aprofundar no contexto de escassez na palavra de ordem “soviets + eletrificação rural”, que se torna central para defender a Revolução Russa e combater a escassez que a ameaçava. Lênin tinha consciência do baixo grau de desenvolvimento das forças produtivas na Rússia e na União Soviética, e de que a guerra a tinha aprofundado, e vai postular a NEP [*Novaya Ekonomiceskaya Politika* em russo, em português, Nova Política Econômica)], onde se buscava a presença do

investimento estrangeiro na URSS para impulsionar as forças produtivas, fazendo um acordo de concessão temporário com as empresas internacionais, onde uma vez terminada, estas passariam ao controle do Estado. A construção do socialismo em um país atrasado como era a União Soviética, evidenciaria uma concepção historicamente flexível onde o socialismo não significa sobretudo estatização dos meios de produção, mas principalmente socialização dos meios de produção e, inclusive, convivência dessa socialização com a presença de mercado e de processos capitalistas que estariam subordinados à direção socialista. Tais formulações vão ao encontro de Marx, quando este afirma o socialismo não como um modo de produção, mas como uma formação social de transição que conjuga elementos de capitalismo e elementos de comunismo, onde os elementos de comunismo têm a função de direção.

A NEP não foi bem sucedida, pois a reação do capitalismo internacional não foi de colaboração e acabou se aprofundando aquilo que o Trotsky temia como uma possível consequência da revolução nesses países atrasados do capitalismo internacional. Que seria a de que, se por um lado, esses países ao fazerem a revolução estatizam os meios de produção e criam um novo marco jurídico-político para a propriedade, colocando a propriedade estatal como elemento central; por outro lado, não conseguem socializar a direção do Estado, criando-se, portanto, uma burocracia [que] passa a ter interesses próprios. E a posição do Trotsky, em um livro chamado *A Revolução Traída*, vai ser a de que a União Soviética estaria frente a um dilema que seria a de que a burocracia, que seria na verdade uma característica de gestão típica do capitalismo, típica da Revolução Industrial, que essa burocracia iria desenvolvendo seus interesses próprios a ponto de se chocar com a própria estrutura de propriedade pública dos meios de produção e, em um determinado momento, essa burocracia colocaria a transição ao capitalismo como um eixo contra-revolucionário que desmontaria a revolução na União Soviética.

Trotsky, então, colocava como alternativa a isso uma mobilização da classe trabalhadora contra essa tentativa da burocracia de destruir ao longo do tempo o processo revolucionário. Trotsky dizia que esse processo de maturação das tendências contra-revolucionárias dentro da burocracia soviética seria algo que demoraria um certo tempo, não seria algo imediato, mas a história mostrou que o socialismo soviético caiu sobretudo por determinação interna. A transição para a Perestroika e para a propriedade privada foi uma determinação interna da burocracia soviética.

A Revolução Russa traz também uma discussão importante sobre o papel da guerra no contexto revolucionário. Lênin e a direção da Terceira Internacional colocavam a luta pela paz como elemento fundamental. A Terceira Internacional vai ser criada rompendo com o chauvinismo da Segunda Internacional, que apoia as estratégias imperialistas de suas burguesias. Mas, por outro lado, Lênin apontava que a guerra acelerava as contradições. Então, os revolucionários devem lutar contra a guerra, mas uma vez desenvolvida e estabelecida a guerra, os revolucionários devem responsabilizar a burguesia pela guerra, e fazer disso mais um elemento de mobilização da classe trabalhadora. Se pode avaliar a presença da guerra nas relações internacionais como um forte elemento de agravamento das contradições do capitalismo no mundo, em particular quando impõe um jogo de soma zero aos nacionalismos.

Um elemento central para a estabilidade política da burguesia é o nacionalismo. O nacionalismo foi e é um instrumento fundamental para justamente eliminar a solidariedade internacionalista e neutralizar o chamado às maiorias sociais. Através do nacionalismo, o liberalismo conseguiu vencer em algumas regiões o apelo que os socialistas faziam às maiorias de uma sociedade nacional contra a expansão burguesa. O nacionalismo foi um recurso ideológico importante da burguesia, porque contrapôs um discurso que apelava não apenas ao indivíduo liberal, mas ao conjunto da sociedade, contra outro que apelava a maioria. Então, onde a burguesia conseguiu assentar o nacionalismo de maneira importante, sobretudo a partir da exploração de países atrasados ou países da periferia ou semiperiferia do mundo, a contrapartida foi o alinhamento ideológico da classe operária à sua direção burguesa. Se nós tomarmos, por exemplo, o caso dos principais países imperialistas do mundo, como a Grã-Bretanha ou os Estados Unidos, não há um partido comunista importante, mas uma classe trabalhadora organizada em um sindicalismo que não se desdobrou em uma alternativa ideológica ao sistema, e isso tem que ver com um nacionalismo estruturado em poderosos imperialismos que atuam nas relações internacionais. Entretanto, quando as guerras se generalizam e atingem os centros do sistema, as ilusões nacionalistas são profundamente destruídas, impondo jogos de soma zero entre Estados capitalistas estratégicos e suas zonas geopolíticas de influência. E o que se observa a partir da Revolução Russa e da crise de 1945-50 é que uma espiral revolucionária se espalhou nos países derrotados ou profundamente afetados por ela.



Tudo isto nos leva à relação entre revoluções e caos sistêmicos. As revoluções se articulam a conjunturas específicas que são mais propícias ao seu desenvolvimento. Se pensarmos nos processos revolucionários, veremos que eles estão muito concentrados em certos períodos históricos: períodos de desorganização sistêmica do capitalismo mundial, períodos aonde uma liderança hegemônica colapsa e abre-se um período de guerras e rivalidades para a reorganização do sistema mundial. Se tomarmos, por exemplo, o caso da América Latina, as revoluções que estabeleceram sua independência e a ruptura do sistema colonial estão quase que integralmente situadas no período do caos sistêmico que vai entre 1792 e 1815-20, marcado pelas guerras napoleônicas. Outro período, de forte concentração de revoluções é o período que vai de 1914 a 1945-50, mediados pela Primeira e a Segunda Grandes Guerras. Aí temos a Revolução Mexicana, a Revolução Russa e a Revolução Chinesa.

Uma reflexão também importante a fazer é sobre o fim da União Soviética. O fim da União Soviética é uma derrota do socialismo ou não? Alguns intelectuais não consideram assim. Um intelectual importante que é Immanuel Wallerstein vai, pelo contrário, ver 1989 e 1991 como elementos-chave do fim da hegemonia norte-americana. Por quê? Por duas razões. Porque a reorganização da economia mundial sob a hegemonia norte-americana só foi possível com a existência da Guerra Fria e presença da URSS. Com o rechaço pelo Congresso Americano da proposta unimundista de Franklin [Delano] Roosevelt de estender o *New Deal* para os países destruídos pela Segunda Grande Guerra, foi exatamente a partir da Guerra Fria que os EUA realizaram um processo de descentralização de recursos para a economia mundial, que não se deu principalmente através de programas de desenvolvimento como o Plano Marshall, mas desde um processo de ocupação e de financiamento de tropas militares em regiões que os Estados Unidos consideravam estratégicas para seu domínio internacional. Sem o pretexto criado pela existência da União Soviética não haveria a reconstrução da economia mundial, e uma trajetória de retomada de desenvolvimento capitalista expressiva que dela tomou parcialmente as experiências de planejamento estatal. O fim da URSS atinge assim as bases da própria economia política que fundamentou o êxito da hegemonia estadunidense no mundo, alterando as relações de financiamento dos EUA com os seus aliados estratégicos, sua capacidade de estabelecer objetivos consensuais, e os padrões de desenvolvimento na Europa e no Japão.

Por outro lado, a União Soviética se ajustou a esse período da Guerra Fria, sobretudo, com a assinatura do Tratado de Ialta, buscando controlar os movimentos revolucionários no mundo, buscando moderar a sua radicalidade dentro dos limites burgueses. A proposta da União Soviética para América Latina e os países coloniais ou semi-coloniais era a de que constituíam regiões atrasadas, feudais, semi-feudais, devendo-se buscar neles o estabelecimento de uma revolução burguesa. Como as burguesias nacionais não tinham consciência de seu papel, a classe trabalhadora, os partidos operários, os camponeses, alinhados nos partidos comunistas, deveriam impulsioná-las nessa direção, assumindo a condução política do processo. O inimigo era o imperialismo, o latifúndio feudal, contra uma burguesia industrial que não tinha consciência da importância do mercado interno, e caberia então aos partidos comunistas darem consciência a essa burguesia, articulando a mobilização operária e camponesa nesse sentido. Esse tipo de estratégia fracassou. Não tivemos na América Latina uma burguesia que buscasse confrontar o imperialismo. Pelo contrário, o que a teoria da dependência vai mostrar é que nós tivemos aqui uma burguesia dependente e associada, que nunca rompeu com o latifúndio, nunca quis formar um mercado interno expressivo, e que se baseia na superexploração do trabalho como forma de compensar a apropriação de mais-valia que sofre pelo fato de se inserir na Divisão Internacional do Trabalho em uma estrutura produtiva complementar. Isto apartou os movimentos revolucionários na América Latina dos partidos comunistas, com quem tiveram pouca relação. Tiveram muito mais ligação com o nacionalismo revolucionário do que propriamente com os partidos comunistas orientados pela União Soviética.

O fim da União Soviética também traz o fim da falsa polarização que se criou, sobretudo com o stalinismo, de que o socialismo é sociedade sem mercado e que capitalismo é uma sociedade de Estado mínimo. Se olharmos com atenção a história não corrobora isto. Qual era o gasto público no início do século XX nos principais países capitalistas? Algo em torno de 5-10% do PIB. Qual era o gasto público dos principais países capitalistas no pós-guerra? 30% do PIB. Qual é o gasto público hoje? 50% do PIB. Então, não é mais ou menos Estado que vai definir se uma sociedade é capitalista ou não, da mesma forma que não é a ausência ou presença de mercado que vai definir se uma sociedade é socialista ou não. A supressão do mercado deve ser entendida muito mais como uma situação de fragilidade daquele socialismo assentado em baixo nível de forças produtivas, do que propriamente como uma expressão da sua força.

Finalmente, a reflexão que eu faria para terminar, é que se a Revolução Russa foi feita em condições de escassez de forças produtivas, hoje nós nos encontramos muito mais no contexto que Marx colocava a Revolução no Prefácio da *Crítica da Economia Política*. No capitalismo internacional já foi ultrapassada a era da Revolução Industrial, que foi a era que impulsionou a civilização capitalista no mundo e teve a mais-valia como seu grande instrumento organizacional. Com a Revolução Industrial, a máquina entrava no processo de trabalho e desvalorizava relativamente a força de trabalho frente à tecnologia. O trabalhador se transformava em um mero apêndice da maquinaria e tinha sua força de trabalho desqualificada em relação à complexidade dos processos tecnológicos que movia. A mais-valia relativa se baseava nessa combinação que é a introdução de tecnologia com a desvalorização da força de trabalho. Mas nós entramos agora em outra era, que é a era da Revolução Científico-Técnica, onde o trabalho definido principalmente pela forma manual está em processo de desaparecimento pelo desenvolvimento dos processos automáticos. A Revolução Científico-Técnica tende a fazer com o trabalho manual a mesma coisa que a Revolução Industrial fez com o trabalho no campo. E, qual é a consequência disso? A consequência é que o conteúdo da força de trabalho passa a ser definido pelo conhecimento e a informação. A produtividade deixa de estar vinculada à desvalorização da força de trabalho e se vincula ao aumento do seu valor. E o capitalismo não pode suportar esta situação em condições de pleno emprego. Por isso vai abandonando relativamente o sistema de produção e recorrendo à financeirização, pois não pode mais pagar ao trabalhador o valor da sua força de trabalho, já que o limite de conhecimento não existe mais e estabelece um valor crescente à força de trabalho. A superexploração no século XXI, leva ao capitalismo mundial aquilo que era específico da América Latina e das periferias dependentes, tal como dito pelo Ruy Mauro Marini, a superexploração do trabalho. Neste cenário em que nós estamos, onde o capitalismo se torna um travão do desenvolvimento das forças produtivas. ■

▲ VANTUIL PEREIRA

Primeiramente, bom dia a todos. Eu queria agradecer o convite feito pela professora Ludmila e pelos organizadores. Saudar meus colegas: o Marcelo, o Cadu, o professor Ricardo [Castro], colega de história. E, sobretudo, falar do tema, o impacto da Revolução Russa na África, tentando pensar inicialmente a simbologia que a Revolução tem. Aquilo que Eric Hobsbawm vai apontar, a revolução como filha da guerra, por um lado, e a simbologia que vai ter, pelo sentido simbólico, a Revolução Francesa, e pelo sentido prático, a Revolução Russa, o sentido de construir. Se a Revolução Francesa construiu um ideal, um imaginário de liberdade, a Revolução Russa chegou ao extremo de pensar a liberdade e a emancipação enquanto processo histórico real. E aí, o legado da Revolução Russa, um pouco o que falava o Marcelo [Braz] ao final, é o legado do século XX. [...] É impossível se falar na história do século XX sem falar na Revolução Russa e no seu impacto no mundo, no ideal. Lembro eu, com os meus quinze anos, o que significava lá nos anos oitenta o ideário da Revolução Russa para um jovem e para jovens da pós-geração da ditadura [no Brasil], e me parece que o ideal da revolução continua vivo como ideal prático, como experiência histórica. Portanto, é a primeira coisa que eu colocaria como questão geral para se pensar a Revolução Russa.

A segunda coisa que é preciso falar nesse impacto, [em] uma reflexão sobre a Revolução Russa e o próprio continente africano, um pouco [como se fazia] nos anos 70 aqui no Brasil, na discussão em torno do processo histórico brasileiro, e me parece importante remetê-lo para o processo histórico africano, é o papel que tem os movimentos exteriores, a exterioridade, os fatores externos que impulsionam transformações. No caso, especificamente, nós sabemos, o processo de independência brasileira no século XIX tem fatores internos, mas há uma discussão historiográfica para se pensar o impacto dos fatores externos para impulsionar transformações no âmbito local, ou na experiência histórica específica brasileira. E no caso africano, me parece importante colocar dois elementos determinantes para pensar o impulso externo que vai motivar, que vai dar substância, a movimentos internos. Eu vou falar mais adiante nos internos para pensar os processos revolucionários.



O primeiro é o pan-africanismo, que surge nos EUA, um movimento muito forte na década de 20 e 30, que vai ter impacto central nos processos africanos a partir dos anos 30, 40 e 60. Esse pan-africanismo que, no primeiro momento, é aquela defesa de alguns norte-americanos do retorno para África. E outros movimentos que, a partir da influência tanto do pan-africanismo como do chamado movimento da negritude, vão fazer começar a pensar a história da África e a situação colonial e a situação do racismo. Esse é o elemento central, que eu também vou tocar, ainda que rapidamente, pois não é uma questão central aqui, mas é importante fazer referência ao racismo.

E o segundo elemento, obviamente, é a Revolução Russa. O fator externo é o elemento da forma de organização que a Revolução vai impactar no continente africano.

Outra questão para se pensar esse pressuposto historiográfico, para pensar a história da Revolução Russa e o seu impacto no processo africano, ou nos processos africanos, aí já é preciso colocar um plural, é o fato colonial. O que é o fato colonial? É a percepção que os países, as populações, os povos dominados na África vão ter do próprio processo colonial que se inicia no final do século XIX, e que, embora tivéssemos resistências desde a chegada do europeu, especificamente na partilha da África no Congresso de Berlim em [18]81, até cinquenta anos depois da chegada do europeu, a percepção do impacto que vai ter sobre os povos e sobre a história desses povos africanos. Esse impacto tem dois desdobramentos: um é o racismo, as teorias raciais, a ideia de uma separação de povos por cor, por cultura; e a segunda, como consequência disso, é o aprofundamento da miséria, da desgraça africana. Então, a percepção, o chamado fato colonial, vai ser o aspecto central junto com o fator externo, que tem que ver com teorias e com a percepção de transformação que vem de fora, o imaginário de transformação, o ouvir falar, para muitos,

das transformações ocorridas na Europa como, por exemplo, o caso da Revolução Russa, e no impacto que a revolução terá para os vizinhos da Rússia e depois da União Soviética, para a Europa Ocidental. O outro é o fato colonial de você perceber que está em colônia. É claro que essa percepção, no caso europeu, nem sempre teve o mesmo tamanho, porque os processos de colonização dos países africanos são processos distintos. A forma de chegada do inglês nos territórios dominados pela Grã-Bretanha é uma forma muito diversificada, e a forma como chegaram os belgas, os franceses e os portugueses no território são formas distintas e, de certa forma, a própria percepção do fato colonial vai ser determinante, basta notar como foi a dominação francesa, embora dura, mas de assimilação de elementos coloniais na representação, por exemplo, em um dado momento. O inglês, em várias situações, construiu relações de proximidade com as elites locais, pulverizando resistências, esse é outro fator determinante que vou apontar mais adiante.

O terceiro elemento, que me parece importante como pressuposto a se pensar o processo histórico africano e o impacto da Revolução Russa, diz respeito à resistência anterior à revolução. Como eu disse, desde pelo menos o Congresso de Berlim, com a chegada dos europeus com mais contundência, tanto no território africano como no asiático, há uma resistência dura dos povos. Uma resistência pela insurreição, pela defesa das culturas, portanto a história africana ou mesmo asiática não são um papel em branco. Um pouco como o Marcelo falava, as condições subjetivas e objetivas são determinantes, e a percepção delas, desses dois fatores, para se pensar em libertação e como vai se dar o processo de libertação e a influência da revolução e das lutas nacionais, poderão ser determinantes para pensar como os processos são distintos, a saída dos países, os recursos usados, são completamente distintos em função dos fatores objetivos e em função do próprio processo histórico de cada região.

Pensar não como um papel em branco, também é pensar, portanto, que os povos africanos têm história, e têm histórias de resistência, de luta contra a colonização, contra a presença do elemento branco, contra o racismo e contra todo um processo histórico, econômico, cultural e político que se montou a partir da chegada do europeu. Eu falo isso, mas não deixo de reconhecer e perceber a importância central, por exemplo, das teorias revolucionárias no processo histórico africano. Vou apontá-la mais adiante. Não tive a preocupação aqui de fazer uma narrativa específica para cada país, para cada processo histórico africano. Parece-me importante apontar alguns caminhos para pensarmos a questão.

Para pensar a influência da Revolução Russa no processo africano, eu já citei o fato colonial, mas outro elemento importante, muito específico também dos países da América Latina e da Ásia, é o tempo de repercussão do impacto da Revolução Russa no caso da Europa, que o Marcelo falou, e o impacto que isso teria na Ásia, na América e na África. Ou seja, entre a Revolução Russa e o processo que vai se construir, isso vai levar mais ou menos uns vinte anos. No caso africano, isso vai levar um pouco mais de tempo. Mas, desde pelo menos os anos 30, na África, já se tem a percepção do fato colonial, a percepção do impacto do imperialismo e o processo de construção de saídas, de movimentos, que vão defender em alguns países a ruptura, a saída da situação colonial. Agora, o fato é que um elemento foi central no processo, aquilo que Hobsbawm vai dizer sobre a revolução ser filha da guerra, o papel que teria a Segunda Guerra Mundial. Mas, sobretudo, anterior a isto, é o papel de frente da própria Revolução Russa. Talvez entre a Terceira Internacional e o desaguar dela no final do século XX, com o papel que Stálin terá, ainda que eu seja um daqueles que tenha uma crítica contundente ao Stálin, mas não posso negar o papel histórico dele quando aponta para as frentes nacionais, o ideal de frente anti-fascista, e como isso vai impactar e ser readaptado no processo histórico africano. Eu vou apontar como isto se materializa na África.

Parece-me importante notar que a Segunda Guerra Mundial vai ser determinante, porque ela vai criar as condições objetivas, de fato, para o processo de independência africano. As condições subjetivas, talvez, já estivessem dadas desde a chegada dos europeus na África no século XIX. Mas as condições objetivas foram dadas com o desmoronar dos impérios, o enfraquecimento das potências coloniais na África com a Segunda Guerra Mundial e, por outro lado, ela cria [uma] contradição muito forte do discurso europeu contrário à expansão nazi-fascista, e a contradição de como se pode colocar a questão contrária à expansão fascista e ao mesmo tempo manter o jugo colonial. Essa contradição será explorada, muito bem explorada, pelos movimentos de libertação nacional africanos, e vai ser determinante para construir um caminho, uma saída.

Parece-me importante apontar também o papel que irão ter as Segunda e Terceira Internacionais, em especial a defesa da autodeterminação dos povos, que voltará na declaração da ONU, que será um elemento central do ponto de vista do direito internacional. Mas, do ponto de vista do aspecto prático-político, a defesa da autodeterminação, o direito dos povos de escolherem o seu caminho, é o elemento central já no processo dos anos 30 e 40, anterior à Segunda Guerra Mundial, anterior ao processo revolucionário de independência dos países africanos, no sentido do direito de escolha do nosso destino. Isso vai criar uma amálgama fundamental entre a própria contradição do socialismo, já apontada pelo Lênin, que será fundamental na África, que fará surgir uma composição entre a saída nacionalista e o papel que terão os movimentos socialistas e revolucionários na África para alguns países.

Mas, em especial, eu quero apontar como é que surge, a partir da autodeterminação dos povos, um novo conceito, no caso africano e no caso asiático, do nacionalismo: a defesa da saída nacional, da escolha nacional, do caminho nacional. Obviamente, estamos já falando aqui de um aspecto que é crucial para pensarmos a África. A África, aquilo que conhecemos de África hoje, é uma partilha que, em vários países, foi feita com esquadro, em linha reta. Essa partilha, muitas vezes, não expressa, por exemplo, a linguagem e as etnias africanas. Isso vai ter um impacto para pensarmos a questão nacional. Vários problemas africanos hoje, cito especificamente Ruanda e os Sudão do Sul e do Norte, tem uma coisa crucial que tem que ver como é que a geografia não foi levada em conta, mas foram muito mais [levadas em conta] os pactos e as forças internas europeias. Mas, o que eu quero apontar aqui é o papel que vai ter a autodeterminação e o papel que vai ter a crítica de Lênin ao imperialismo, [ainda que] ele esteja pensando no aspecto econômico, mas logo em seguida ocorrerá um desdobramento disso no aspecto político e geográfico, no caso olhando para a África. O papel que vai ter a crítica ao imperialismo acrescentou no movimento pan-africanista e no movimento de autodeterminação dos povos um caldo ideológico, um discurso político, que vai sustentar os argumentos dos processos de emancipações na África.

Junto com isso, me parece importante, já nos anos 30 e 40, próximo ao grande processo de independência africana, grande parte vai acontecer em meados dos anos 60, sobretudo em territórios franceses e territórios ingleses, é perceber que a denúncia do imperialismo é um aspecto central que vai começar a juntar o pan-africanismo e os movimentos revolucionários africanos no sentido mais lato. E aí já vou apontar um aspecto que me parece fundamental, junto com o pan-africanismo, que é a presença em grande parte dos processos africanos dos chamados intelectuais, aqueles negros que são parte da elite africana e parte de jovens promissores que vão estudar na Europa, ter contato com as teorias revolucionárias, com as teorias marxistas, e vários deles vão se filiar nos partidos comunistas na França e na Inglaterra. E eles vão, a partir de sua formação, voltarem para seus países, e vários serão presidentes e líderes de processos revolucionários de independência africanos, muito em função de um discurso pan-africano e o contato com as teorias marxistas, leninistas, revolucionárias que vão ser centrais para a construção de caminhos de independência.

Outro elemento importante para nós indicarmos, diz respeito ao papel que vão ter os partidos comunistas, tanto no norte da África quanto mesmo no sul da África. De ponta a ponta da África, você terá a presença, com maior ou menor grau, de partidos comunistas no processo de discussão e construção da crítica colonial e no processo de organização das frentes de libertação. Este me parece ser o grande ganho da revolução dos processos de emancipação africanos: a criação de frentes nacionais. Todos os processos revolucionários de independência insurrecionais na África vão conhecer as chamadas frentes de libertação nacional, com maior ou menor grau, e a presença dos partidos comunistas vai ser central nesse processo. Especificamente falando no caso da Nigéria, da Argélia, que talvez sejam os maiores processos revolucionários de independência, de mudar de ponta cabeça a estrutura colonial. A Argélia é um grande exemplo. Ela vai juntar grandes intelectuais, especificamente cito o Frantz Fanon, em um processo que vai juntar experiências e tradições históricas de libertação e o papel que vai ter o partido comunista nesse processo de construção de frentes. De certo modo, sem secundarizar o papel do partido comunista, no caso da Argélia, ele vai abrir mão de parte de seu programa para integrar a frente nacional. O outro grande processo, não em escala, mas em simbologia, que são os três processos: o angolano, o moçambicano e o de Guiné-Bissau, que vão ter o papel central dos partidos comunistas. E no caso destes três momentos, especificamente Angola, como vai ser central a construção de uma via socialista, aqui muito acoplada à presença de movimentos latino-americanos e, especialmente, da figura de Che Guevara e de toda solidariedade mobilizada na América Latina em torno dessas três experiências, Angola, Moçambique e Guiné-Bissau.

Eu fecharia minha fala, justamente, pensando o papel que a revolução vai ter na forma de organização dos movimentos. A forma não foi a mesma, assim como no próprio processo revolucionário mundial, expresso pela Revolução Russa e depois pela Revolução Chinesa, os caminhos não foram idênticos. E nem sempre os caminhos, as opções adotadas, resultaram em sucesso, no sentido de modelo. Especificamente falando, o modelo de insurreição e guerrilha, já experimentado por várias resistências na África, anterior ao movimento revolucionário russo, se mostrou pouco efetivo. Então, a historiografia africana hoje tem apontado que os movimentos africanos tentaram insurreições, tentaram saídas de movimentos insurrecionais, e não deram resultados. O movimento de guerrilhas, que é outro caminho, às vezes com um aspecto maoísta, mas que tem um papel central na saída revolucionária, também foi experimentado. Os dois grandes sucessos foram Moçambique e Angola, que resultaram em um processo profícuo e de sucesso da revolução, do caminho revolucionário, ainda que isso tenha garantido o caminho de uma guerra civil quase sem fim, no caso angolano, que agora no final do século XX e início do século XXI, tem um resultado mais prático no final da guerra civil, muito em função da resistência e do papel que vai ter a contra-revolução de Moçambique, e da UNITA e o papel dos EUA e da África do Sul de resistência, de contra-revolução, no caso de Angola. E, especificamente falando de processos revolucionários, os três são grandes exemplos, mas especificamente o exemplo mais promissor é o de Angola.

E eu já passo a fechar a minha fala no sentido de apontar a influência da Revolução Russa no processo africano, de pensar que o processo africano não se deu de maneira linear. Dá pra se pensar em fases do processo de libertação africano. Uma primeira fase, que começa com a própria crise econômica de 30, que vai começar a desorganizar o sistema colonial, sobretudo inglês e alemão (apesar de uma presença incipiente de alemães na África). Cito o exemplo nos anos 30, um elemento determinante do fato colonial é a ocupação da Etiópia em [19]35. Até então a Etiópia ([na época,] Abissínia) e a Libéria eram os dois únicos territórios da África que eram independentes, porque não tinham colonizadores. E em [19]35 a Itália invade a Etiópia, fechando o ciclo da presença imperialista na África. E esse fato impulsiona o processo de unidade africana. A Etiópia, durante muito tempo, se recusou “a se ver como África”, em função da não presença colonizadora. E, em 35 [...], com a chegada da Itália [...] com o apoio do movimento nazi-fascista, do apoio de Hitler, vai ser fundamental para fechar o ciclo e criar uma resistência, uma unidade africana.

E em [19]45, no final da Segunda Guerra Mundial, em [19]48, [anos] 50 e [anos] 60 é que vai ser o grande boom do movimento africano pela libertação. Em especial o francês. A França defendeu com unhas e dentes as suas colônias, e na saída no caso da Argélia foi central a luta de guerra de guerrilha, de luta nacional, de luta de frente nacional pela independência. É uma saída cruenta, cruel e sangrenta. Onde vai ter que ser central o papel e o ideário, a forma de organização já inspirada na Revolução Russa. Por fim, já nos anos 70, o final da Revolução dos Cravos e a desconstrução do processo de dominação portuguesa na África vai ser fundamental para a criação das condições de luta de independência. Os grilhões portugueses começam a cair em Portugal e nas colônias portuguesas. Vai ter papel central o Partido Comunista Português [PCP].

É preciso notar essa percepção de luta, de solidariedade do Partido Comunista Português pela independência dos territórios coloniais portugueses e a saída revolucionária que vai resultar, talvez, no modelo mais promissor, inspirado no modelo de revolução soviético, ainda [que] com suas nuances, o papel de organização de um Estado socialista na África, que vai durar até pelo menos o final do próprio desmoronar do socialismo real.

Eu quero fechar, estendendo para além disso, para a gente pensar se existe uma influência determinante no processo revolucionário russo no continente africano. Ou seja, o processo da Revolução Russa, o processo de criação do ideário de emancipação, de autodeterminação dos povos, que me parece ser o maior legado da Revolução Russa para os países africanos, se isso é importante, é preciso olhar para o outro lado do continente. Eu citei aqui o pan-africanismo, mas quero fazer referência determinante ao papel que vai ter o ideário e o imaginário da Revolução Russa para o próprio processo norte-americano. Em especial, o surgimento, já no final dos anos [19]60, e especificamente nos anos [19]70, do chamado [Partido dos] Panteras Negras. Esse é outro capítulo que vai abrir no caso africano outro cenário que é a ida de vários intelectuais norte-americanos para a África, e estes serão inspirados pelo próprio continente africano. Mas, por outro lado, com a derrota nos anos [19]50 do movimento comunista norte-americano pelo Macartismo, é fundamental o surgimento, no final dos anos 60, 70, da figura dos panteras negras, que vão ter em suas fileiras uma representação variada, heterogênea, algumas figuras centrais, dentre elas a Angela Davis e o programa do [Stokely] Carmichael, que vai ser fundamental. É o programa dos panteras negras, que é a defesa de uma sociedade não-capitalista.

A crítica dele contundente ao sistema capitalista, a idéia de que o capitalismo não vai responder, que não é resposta ao racismo. O Carmichael vai defender a idéia de uma saída (um pouco utópica, idealizada) de uma sociedade emancipacionista, no sentido amplo, humanista, do humanismo como saída do racismo. Mas, eu quero apontar o papel que vai ter essa inspiração comunista, inspiração revolucionária de organização em um movimento norte-americano racial que vai ter estreita ligação com a África. [Com] a defesa da necessidade de uma articulação sem precedentes, sem questionamento, à cultura africana, à exploração africana e à luta contra o racismo, que me parece ser o elemento central que vai juntar então o movimento pan-africano nos EUA e o movimento pan-africano na África, como saída, como ruptura do processo de dominação europeia no continente africano, e como saída aquilo que alguns historiadores africanos vão chamar a saída “classista” para um processo de emancipação africano. Isto é, a junção de classe e raça no sentido de uma crítica ao racismo, e como essa crítica produz uma crítica no sentido racial da saída da emancipação dos países africanos inspirados no processo de autodeterminação dos povos iniciado pela Revolução Russa, que me parece ser o seu grande legado: o legado da libertação igual à emancipação política. ■

CAPÍTULO IV

HOMENAGEM A ALÍPIO DE FREITAS

CARLOS SERRANO FERREIRA

No dia 7 já fizemos uma homenagem a um revolucionário luso-brasileiro, Miguel Urbano Rodrigues. Infelizmente, nós acabamos fazendo homenagem aos nossos só quando eles falecem. No meio tempo, entre a outra mesa e esta, nos deixou outro revolucionário luso-brasileiro, conhecido por muitos como padre Alípio de Freitas, que faleceu semana passada aos oitenta e oito anos. O padre Alípio de Freitas, que não era mais padre, o companheiro Alípio de Freitas, foi um militante que demonstrou ao longo de sua história um total compromisso com a revolução e com os setores mais pobres e explorados da sociedade, tanto no Brasil quanto em Portugal. Foi um revolucionário até mesmo enquanto padre. Ordenado em 1952, em 1955, a convite, vem ao Maranhão, aonde terá toda uma atividade entre os setores pobres desse estado. E quando instado a fazer missas, foi como já dito um revolucionário inclusive do ponto de vista religioso: antes [mesmo] do Concílio Vaticano II, que estabeleceu as missas nas línguas locais, não mais em latim, que ninguém compreendia, por seu compromisso com os trabalhadores Alípio já rezava, inclusive contra o que era a doutrina da Igreja, em português.

Vai depois, em 1962, à Moscou, para o Congresso Mundial da Paz, onde encontra outros gigantes, como Pablo Neruda, La Pasionaria [Isidora Dolores Ibárruri Gómez] e outros. E no seu retorno ao Brasil finalmente rompe com a hierarquia da Igreja e fará a campanha de Miguel Arraes [para o governo de Pernambuco], o que lhe custou a primeira prisão pelo exército, durante quarenta dias. Depois, morará nas favelas. Junto de Francisco Julião construirá as Ligas Camponesas, procurando fazer “na lei ou na marra” a reforma agrária, demanda que não foi cumprida até hoje.

Toda a sua história foi ligada aos setores populares. Quando vem o golpe [de 1964] pede exílio no México. Passa por Cuba, onde tem treinamento de guerrilha. Nessa altura já não é mais padre. Em 1970 é preso pela ditadura e sofre todos os tipos de tortura que se possa imaginar... trinta dias de privação de sono, e outras das mais brutais. Junto com muitos outros sairá apenas em 1979, com a anistia. Algumas pessoas, como a minha sogra que está aqui, chegaram a conhecê-lo como preso político.

Retorna depois disso à Portugal, que inclusive já tinha passado a própria onda revolucionário de 1974, da Revolução dos Cravos. Atuará como jornalista e como militante até o fim dos seus dias. Eu tive o prazer de conhecê-lo, nem que fosse por uma noite, mas esta mostrou muito do que era o Alípio. Ele, aos 85 anos, em 2014, abriu as portas para vários companheiros, entre eles eu, para uma reunião de um movimento de esquerda em um dos vários “filhos” do Alípio, a Associação José Afonso em Lisboa. Ficou até meia-noite conosco, já cego, participando da reunião, discutindo com a gente, com uma vitalidade, uma aposta, apesar de seus mais de 85 anos, na possibilidade da construção do socialismo e das lutas dos explorados.

Não podia deixar de prestar aqui essa homenagem. E quero terminá-la colocando no ar um pouquinho, são menos de três minutos, de uma homenagem feita por outro gigante da nossa classe, da classe trabalhadora, da revolução, que foi o Zeca Afonso, o cantor da Revolução Portuguesa. Foi inclusive uma de suas músicas a senha final para o início da revolução, *Grândola, Vila Morena*. Quando Alípio de Freitas estava preso aqui no Brasil ele fez uma música em homenagem a ele.

Eu queria terminar esta homenagem já chamando o Marco Aurélio para vir compor a mesa, mas não poderíamos falar de perspectivas do socialismo contemporâneo perdendo esse momento de falar de um militante que, apesar de seus oitenta e poucos anos, faleceu na luta e junto dos trabalhadores. Queria só pedir uma salva de palmas ao Alípio e deixar esta música em homenagem. ■

CAPÍTULO V

PERSPECTIVAS DO SOCIALISMO CONTEMPORÂNEO

COSTA MELO

EDMILSON COSTA

Boa tarde, antes eu gostaria de agradecer a oportunidade de dividir com vocês um conjunto de reflexões sobre as perspectivas do socialismo, que é o tema central da nossa intervenção hoje. Mas, eu vou cometer uma heresia aqui, porque eu vou vincular a questão da perspectiva do socialismo com o país em que nós estamos vivendo e, particularmente, com a crise completa que o Brasil está envolvido. Espero que consiga, disciplinadamente, nesses trinta minutos.

Todas as grandes revoluções e insurreições que ocorreram na história da Humanidade sempre foram resultados de grandes crises. Portanto, se nós observarmos a insurreição de Spartacus, por exemplo, você verá que foi resultado da crise e da decadência do Império Romano. Se nós olharmos a Revolução Inglesa e a Revolução Francesa, elas foram resultado da crise do feudalismo naquele período. Se olharmos ainda a Revolução Russa, ela foi resultado da grande crise provocada pela Primeira Guerra Mundial. Portanto, os revolucionários não devem temer as crises, porque são exatamente nelas que se apresentam as janelas de oportunidades para as grandes transformações. Os momentos de calma não produzem grandes mudanças na sociedade. Os momentos de calma produzem mudanças muito pequenas. E nas crises, quanto maior a crise, maior a possibilidade de mudanças.

Nós estamos vivendo um momento muito especial de crise no sistema capitalista, ou seja, o sistema capitalista está sendo castigado, há mais de dez anos, por uma crise sistêmica global em que até agora os gestores do capital não conseguiram proporcionar [nem] a estabilidade da economia, nem a retomada do crescimento. Isso porque a crise que nós estamos vivendo é uma crise muito diferente das crises cíclicas normais do sistema capitalista. De tanto o sistema capitalista conviver com as crises cíclicas, passou a administrá-la de uma maneira bastante eficiente com as políticas keynesianas e a intervenção do Estado na economia. No entanto, as crises sistêmicas têm um caráter diferente, porque representam o esgotamento de um longo ciclo de acumulação, e quando se apresentam no sistema econômico, político e social, reclamam mudanças de fundo e só terminam com transformações profundas na maneira de gerir o sistema. Se observarmos a história do capitalismo, vamos ver que só existiram três grandes crises sistêmicas no capitalismo e, portanto, três grandes mudanças. A primeira, ocorreu entre 1873 e 1896, portanto uma crise que durou 23 anos. E o resultado dessa crise foi a passagem do capitalismo concorrencial para o capitalismo monopolista, ou seja, uma mudança de qualidade, uma mudança de fundo na gestão do sistema. A segunda grande crise sistêmica, ocorreu entre 1929 e 1945, e a consequência dessa crise foi a Segunda Guerra Mundial, a divisão do mundo em dois sistemas, o sistema capitalista e o sistema socialista e, no interior do sistema capitalista, a conquista do Estado do bem-estar social pelos trabalhadores da Europa.

Isso foi resultado do fato de que as burguesias europeias, quase todas, se aliaram ao Nazismo. Por sua vez os trabalhadores, particularmente os partidos comunistas, foram os grandes protagonistas da resistência e, portanto, eles emergiram da Segunda Guerra Mundial com muita força e impuseram um conjunto de conquistas à burguesia. Portanto, a crise que estamos vivendo agora no sistema capitalista só vai terminar quando todos os problemas que ela levantou forem solucionados. E até agora nenhum desses problemas foi resolvido. Estamos diante de um processo muito complexo, muito difícil. De um lado, os capitalistas estão colocando todo o ônus da crise na conta dos trabalhadores. E, por outro lado, os trabalhadores começam a reagir em várias partes do mundo contra a ofensiva geral do Capital.

Essa introdução é só para nós vincularmos essa questão ao Brasil. Como o Brasil é parte do sistema capitalista mundial, não poderia ficar por fora dessa crise. Portanto, a crise que nós estamos atravessando, tem a particularidade da ligação com a crise sistêmica global, mas também tem um conjunto de outras questões que lhe dão uma enorme singularidade e que ao final dessa minha intervenção vou vincular à questão da revolução brasileira e das possibilidades do socialismo.

Primeiro, nós estamos vivendo uma crise completa: uma crise econômica, uma crise social, uma crise ética e uma crise política. A crise econômica é expressa na maior recessão da nossa história econômica moderna. A crise social também se expressa em cerca de 14,5 milhões de trabalhadores desempregados e mais de 7 milhões de trabalhadores que já estão desalentados, ou seja, já não estão mais procurando emprego. Se nós fizermos uma conta rápida, vamos ver que temos algo em torno de 21 milhões de trabalhadores, multiplicados por três, um trabalhador, mais a sua companheira e um filho, nós temos aí cerca de 50/60 milhões de pessoas sem trabalho, fruto da crise que se instalou no País.

Nós estamos vivendo uma crise ética profunda, onde o desenrolar dos acontecimentos revelou para o Brasil, da maneira mais explícita possível, a podridão das instituições brasileiras, a maneira como essas instituições, particularmente, o Parlamento e o Executivo, se estruturavam para manter o domínio da burguesia. E que, portanto, se nós observarmos esse pessoal, tanto do Senado e da Câmara Federal, quanto do Executivo, nós podemos dizer que esta crise foi profundamente didática para que nós pudéssemos observar como a burguesia estruturou o sistema político brasileiro e como passou a dominar esse sistema político através do poder econômico.

Além disso, nós estarmos vivendo ainda o fim de um longo ciclo de lutas que se iniciou com as greves operárias em São Bernardo, em 1978, e que se fechou com o impeachment da presidente Dilma. Ou seja, o final desse ciclo se encerrou de uma maneira dramática porque revelou didaticamente alguns elementos fundamentais para a nossa reflexão. O primeiro deles é o fracasso e a desmoralização da política de conciliação de classe, e o segundo, como eu já falei, é a podridão das instituições brasileiras.

Ao mesmo tempo, também estamos vivendo outro processo importante para a nossa reflexão, que é a entrada de um novo ciclo, que ainda não está consolidado. Este novo ciclo se inicia com as Jornadas de Junho de 2013, com milhões de pessoas nas ruas em mais de 600 cidades, lutando por melhores condições de vida. Ao mesmo tempo podemos verificar a tentativa de vários setores do Capital tentando manipular essas lutas e direcioná-las contra a esquerda, justamente aqueles que ao longo da resistência à ditadura se bateram contra tudo isso o que está aí. E esse ciclo está em ascensão e nós vamos ver um pouco mais para frente como isso aí pode levar à questão das perspectivas da revolução brasileira e, quiçá, de uma perspectiva socialista.

Mas uma pergunta importante desta crise política precisa ser feita: por que a burguesia descartou o PT, se eles viveram durante treze anos de uma maneira muito amigável, de uma maneira quase enamorada. Os principais dirigentes dessa instituição se gabavam de que nunca a burguesia ganhou tanto dinheiro quanto nesse período e, ao mesmo tempo, afirmavam que nunca o povo mais pobre teve tanta assistência social através do Bolsa Família, Prouni e um conjunto de políticas de compensação social. Então, por que, se tudo ia dando certo, por que de uma hora para outra há um rompimento brusco nesse noivado? Essa é uma pergunta muito importante para nós refletirmos.

Vou levantar aqui duas hipóteses para nós discutirmos. A primeira é a seguinte: nos dois primeiros mandatos do presidente Lula o governo surfou numa conjuntura internacional favorável. Mesmo com a crise sistêmica global, ocorreu a emergência da China como grande importadora de insumos e matérias-primas, e o Brasil engatou a sua política de exportação neste processo. Isso possibilitou que a crise econômica mundial impactasse de maneira menos agressiva no Brasil e que o governo pudesse realizar essas políticas de compensação. No entanto, com o aprofundamento da crise, a queda do comércio mundial, a redução do crescimento da China e, em consequência, a redução do preço das *commodities*, então a crise atingiu em cheio no Brasil.

Isso fez com que a burguesia começasse a exigir do seu aliado uma nova política econômica, porque com a crise, veio a recessão e, em consequência o aumento do desemprego, a tensão social e particularmente a redução dos lucros da burguesia. Então, era necessária outra política, e a burguesia jogou muito pesado no sentido de construir essa nova política. Dessa forma, exigiu do seu aliado as mudanças de rumo. Acontece que o aliado começou a realizar essas mudanças de uma forma lenta e gradual em função de suas bases sociais, mas a burguesia necessitava de um ajuste muito mais rápido e muito mais profundo do que aquele que o governo estava realizando.

O segundo elemento é que as Jornadas de Junho de 2013 acontecem por fora das instituições, ou seja, por fora da CUT, da Central dos Movimentos Populares, por fora do PT, e isso vai acender a luz vermelha para a burguesia. Ora, se você tem um aliado que antes proporcionava enormes lucros para o capital e agora não está proporcionando na mesma intensidade; se você tem um aliado que estava administrando bem o capitalismo e agora não está administrando de maneira satisfatória; e se você tem um aliado que não controla mais o movimento social, então esse aliado deixa de ser funcional, e é esse elemento, em minha opinião, que vai fazer com que a burguesia descarte o PT e procure construir um governo puro sangue, que vem realizando um ataque brutal contra os trabalhadores da maneira mais rápida e intensa possível e buscar se rearticular para retomar as taxas de lucro.

Acontece que a burguesia, ao dar o golpe, ela o faz de uma maneira muito atabalhoada. Primeiro, mostra didaticamente para a população de que as regras da institucionalidade só servem para as classes dominantes quando estão de acordo com os seus interesses, quando não servem mais, a burguesia rasga os próprios documentos que elaborou. E, dessa forma, desencadeia um processo político tão radical que passa a não ter mais o controle pleno. Ou seja, este governo vai rapidamente se desmoralizando em função das denúncias de corrupção e cada vez fica mais claro aos olhos da população que esse governo, na sua quase totalidade, é um dos mais corruptos da História do Brasil e que está fazendo tudo para evitar um aprofundamento das investigações.

THE COMMUNIST INTERNATIONAL

O terceiro elemento da conjuntura é que, diante dessas enormes denúncias de corrupção envolvendo tanto o parlamento, quanto praticamente todo o Executivo, a direita perdeu as ruas, ou seja, a direita perdeu o discurso contra a corrupção. Portanto, nessas circunstâncias é que se verifica uma rejeição cada vez mais profunda da população a esse governo. E a burguesia começa a ver que a continuidade desse governo pode desencadear um processo que ela talvez não possa controlar, em função da dinâmica social e da dinâmica da crise. É isso que vai explicar, neste momento, a divisão da burguesia. A burguesia está dividida porque ela não tem consenso sobre o que fazer com o Temer e o que fazer depois do Temer – ela está com uma batata quente na mão. É só olharmos os grandes jornais da burguesia, *Valor Econômico*, *O Globo*, *O Estado de São Paulo*, que você vê a dinâmica dos conflitos interburgueses e que a burguesia não está conseguindo o mesmo consenso que ela conseguiu durante o impeachment da presidente Dilma.

Diante desse processo, nós podemos agora pensar quais são as perspectivas da crise, quais as possibilidades de desfecho dessa crise e a possibilidade da revolução brasileira. Ainda dentro dessa reflexão, podemos identificar algumas contradições de fundo, para localizarmos essas contradições dentro daquilo que eu vou tentar vincular ao tema da palestra, com a crise brasileira. A primeira coisa é que nós temos um país que está maduro para o socialismo. É um país que tem um capitalismo completo. Capitalismo completo não significa que ele não vai ter possibilidades de desenvolvimento ou que ele não tenha singularidades, mas aqui você tem toda a cadeia produtiva montada, toda a cadeia produtiva que tem a capacidade de suprir a sociedade de bens e serviços. Você tem um Estado burguês funcionando, tem as instituições burguesas funcionando, portanto tem um país plenamente hegemônico pela burguesia e, ao contrário dos países que realizaram as revoluções socialistas, como a China e a Rússia, para falar das duas maiores, onde as revoluções foram realizadas a partir de uma base social camponesa, aqui no Brasil o capitalismo é hegemônico em todas as áreas. É hegemônico na área da indústria, é hegemônico na área dos serviços, é hegemônico na área do comércio e é hegemônico na área do agronegócio. Portanto, as possibilidades objetivas de uma transformação socialista estão dadas. O nosso problema, e é o problema de toda revolução, são as condições subjetivas, que não dependem da evolução concreta dos acontecimentos, mas do ânimo das massas e da capacidade de sua vanguarda de dirigir a revolução.

Qual é o outro elemento para nós refletirmos? É que o Brasil é a oitava potência do mundo do ponto de vista da economia capitalista, mas temos índices de desenvolvimento humano muito piores do que vários países da África. Essa é uma contradição que em algum momento vai chegar à superfície. Um país com elevadíssimo nível de desenvolvimento econômico, forças produtivas avançadas e um nível social semelhante a dos países mais pobres do mundo é um barril de pólvora prestes a explodir.

Então, visto desta forma, podemos já ir introduzindo alguns elementos para encadearmos a nossa intervenção. Há, na sociedade, uma enorme insatisfação e um enorme descontentamento com o estado das coisas. Essa enorme insatisfação e enorme descontentamento se expressaram de uma maneira quase que totalmente espontânea em junho de 2013, com as Jornadas de Junho. Só que nenhum dos problemas levantados pelas Jornadas de Junho foi resolvido. Pelo contrário, o estoque de problemas aumentou de maneira dramática. Um deles eu já falei, são os vinte e poucos milhões de pessoas sem trabalho e suas famílias. Juntando esse estoque a um serviço público de péssima qualidade; ao caos urbano; aos baixos salários e às precárias condições de vida nas periferias das grandes metrópoles, aí então podemos pensar no imenso caldeirão social fervente que é a sociedade brasileira.

Ou seja, nós estamos numa sociedade à beira de um ataque de nervos. E, dessa forma, podemos dizer que este ciclo que se abriu até agora está em ascensão e as lutas iniciadas nesse ciclo não foram derrotadas. E um ciclo social quando se abre tem três possibilidades: a primeira é ser derrotado; a segunda é ser cooptado; e a terceira, é vencer. Nós já tivemos no Brasil os três exemplos de ciclos nesse sentido. O ciclo que se abriu na década de 60, foi derrotado pelo golpe militar. O ciclo que se abriu em 1978 com as greves do ABC foi cooptado pelo governo do PT; e o ciclo que se abriu com a greve geral de 1917 e que passou pelas lutas dos anos 20, pelo tenentismo, Coluna Prestes, foi vitorioso com a Revolução de 1930. Portanto, nós estamos diante agora de uma obra aberta onde qualquer das possibilidades pode acontecer.

Vamos aos exemplos concretos do desenvolvimento da luta social nesse novo ciclo. Primeiro ocorreu as Jornadas de Junho, no qual todo mundo tomou conhecimento dos milhões de pessoas que foram para a rua. Algum tempo depois, houve as ocupações secundaristas em São Paulo. Se uma pessoa dissesse que aqueles garotos de 13 a 17 anos iriam impor a maior derrota ao PSDB em São Paulo, que está há mais de 20 anos no poder, essa pessoa poderia ser internada como louca. E os garotos, sem nenhuma experiência na luta de classe, sem nenhuma experiência organizativa, ocuparam mais de duzentas escolas e impuseram uma derrota profunda ao governo do PSDB. Portanto, essas ocupações são filhas legítimas do processo que se abriu em 2013.

Posteriormente, ocorreram outras ocupações pelo Brasil a fora, aí já contra o governo Temer, ocupações de universidades, escolas e institutos federais. Em seguida ocorre um conjunto de manifestações dispersas porque não encontraram ainda uma referência organizativa, como a grande vaia ao Temer nas Olimpíadas; tem o carnaval rebelde, no qual se gritava o “Fora Temer” em praticamente todas as cidades do Brasil. Tudo isso são coisas que vão se colocando no imaginário popular, para em algum momento emergir de forma explosiva.

E, posteriormente, ocorrem os dias nacionais de paralisações e mobilizações. Essas mobilizações já tem um caráter diferente das lutas anteriores que eu falei. Esses dias nacionais de paralisações já possuem um comando diferente. Já está ali o pessoal do movimento sindical, o pessoal da esquerda mais organizada, a direita já não consegue mais levar ninguém para as ruas. E aí ocorre a síntese deste processo que é a greve do dia 28 de abril. A greve do dia 28 de abril dá um salto de qualidade, porque coloca um novo personagem em cena que é o movimento sindical e o proletariado, que vai impor os seus métodos de luta. Acabaram-se os jograis, aquela coisa do movimento autonomista e tal. A partir desse momento quem passa a dar o tom são as centrais sindicais e os movimentos sociais. Depois nós temos a manifestação de Brasília de 24 de abril, tudo isso acumulando no sentido da tentativa de buscar uma referência organizativa.

Então, diante disso que eu falei, acho que a burguesia no Brasil tem três saídas: a primeira saída é buscar o ajuste, a reforma trabalhista, a reforma da previdência, a reforma do ensino médio com o Temer. Conseguir o que for possível com esse governo. A burguesia não tem nenhum escrúpulo: se der para continuar, ela continua com o Temer. A segunda saída da burguesia pode ser tirar o Temer e colocar outra pessoa no lugar. Tudo isso preservando o elemento central que são as reformas e o ajuste fiscal. Esse é o centro da luta da burguesia. E a terceira saída são as eleições gerais, no qual a burguesia vai procurar alguém que represente o pacto social. E tem gente doidinha para cumprir esse papel, e gente que já cumpriu esse papel no passado. E, como a história quando se repete é farsa, então poderemos ter uma nova farsa mais para a frente. Em última instância, não se surpreenda se a burguesia for buscar esse personagem até mesmo entre as forças progressistas para cumprir esse papel. Quem não se lembra de Fernando Henrique Cardoso. A questão de quem pessoalmente vai representar os interesses da burguesia não tem muita importância para o capital. O importante é preservar seus interesses econômicos e políticos.

Bom, e quais são as perspectivas para os trabalhadores? O conjunto de contradições que levantei aqui pode nos informar que continua este processo de luta que se abriu em 2013 ainda de forma desorganizada, afinal de contas ninguém vai querer que depois de duas décadas de apassivamento e despolitização levada pelo pessoal que estava no governo e que antes já dirigia governos estaduais e municipais pudesse produzir uma conjuntura e uma militância politizada como os velhos calejados militantes da esquerda. A outra coisa é de que essa imensa massa e esse imenso descontentamento que nós temos no Brasil, ela está buscando uma referência organizativa.

Eu acho que o pulo do gato para um processo de transformação social e o processo de revolução brasileira está agora está em construir uma frente unitária com um programa alternativo que transforme esse imenso descontentamento em referência organizativa. Por que o Brasil é o elo débil do sistema imperialista das grandes potências mundiais. E, nos elos débeis, o processo da luta social e política e o processo do acirramento da luta de classe é mais difícil de controlar do que nos países de longa tradição de democracia, longa tradição de movimento operário mais acomodado. Aqui está tudo em disputa. E se está tudo em disputa, então eu acho que esse é o pulo do gato, o encontro dessa referência organizativa.

E a outra coisa: o desfecho dessa crise pode levar a um levante social, e isso não deve ser descartado, um levante social nesse processo pode ser realizado de duas formas: um levante social desorganizado, como foi o levante social de 2013, ou um levante social com certo grau de organização, conduzido por uma frente de esquerda com programa unitário, de forma a intensificar a luta pelas transformações no Brasil. Mas a luta pelas transformações no Brasil vai ser muito dura porque o imperialismo vai fazer tudo para não perder o Brasil, porque caindo o Brasil cairá boa parte da América Latina. Então, a luta aqui pela revolução brasileira, na perspectiva do socialismo, não vai ser moleza. Vai ser uma luta com muita repressão, com muita brutalidade, porque a burguesia internacional e o imperialismo, não querem perder o gigante abaixo da linha do Equador. E, dessa forma, eu acho que a nossa perspectiva e a nossa atuação devem ser no sentido de organizar a população, costurar essa frente para que ela possa construir esse programa alternativo e que isso vire referência para a grande insatisfação que nós temos no Brasil hoje. Essa é a nossa tarefa! ■

▲ DEMIAN MELO

Em primeiro lugar, boa tarde a todos. Fui convidado de última hora, mas aceitei prontamente o convite. [...]. E eu vou fazer algumas reflexões que eu tenho acumulado no último período, que tem que ver tanto com a questão do centenário da Revolução de 1917 como com o pensar as respectivas do socialismo hoje.

Penso que em primeiro lugar a gente tinha que refletir – e eu tenho uma formação de historiador e então esse é meu vício – na longa duração, no contexto histórico que a gente está vivendo aqui e colocando em perspectiva a própria revolução e [...] inclusive antes dela, outro importante ciclo revolucionário que é o ciclo da revolução burguesa que tem, digamos assim, o seu momento mais emblemático com a Revolução Francesa. E, penso isso, para a gente localizar um pouco qual o horizonte de expectativas que se abre hoje nas lutas do mundo inteiro em perspectiva com esses dois outros grandes ciclos históricos inaugurados por grandes movimentos revolucionários. 1789, o contexto da Revolução Francesa, que obviamente é um período de revoluções como ensina o Eric Hobsbawm, uma era de revoluções, que se inscreveu no horizonte de expectativas do século XIX, que [...] segundo o próprio Hobsbawm, é inaugurado com esse ciclo revolucionário do final do século XVIII. Então, é

por isso que além do breve século XX, o Hobsbawm fala do longo século XIX, que inicia com a Revolução Francesa e termina com a Primeira Guerra Mundial. 1789 inaugura e inscreve no horizonte de possibilidades a revolução, o tema da revolução, a expectativa da revolução. E a expectativa não só do ponto de vista dos revolucionários, mas também dos contra-revolucionários. O pânico da possibilidade da revolução também está inscrito naquele século. Uma revolução com aquele desenho inaugurado – não inaugurado, mas digamos consolidado – em 1789, e em todo o processo revolucionário francês, que tem que ver com a instauração das condições de possibilidade e desenvolvimento ótimas para o próprio capitalismo. A revolução burguesa é burguesa, não a partir de uma visão mais vulgarizada de que supostamente a burguesia liderou o movimento revolucionário e tomou o poder, e sim porque ela modifica a estrutura do Estado para torná-lo um Estado capitalista que vai instituir o sujeito de direito necessário ao pleno funcionamento da lei do valor. É isso que torna aquele movimento o movimento da revolução burguesa. É por isso que a Revolução burguesa em outras formações sociais vai se realizar não necessariamente recorrendo àquele método explosivo, do grande cataclisma, que foi 1789, especialmente 1792-1794. Entretanto, o tema da revolução está muito ligado àquela forma social.

Pouco mais de um século depois, 1917 vai instituir no horizonte de possibilidades uma nova característica ao processo revolucionário que é a revolução socialista, ainda que esta tenha sido anunciada em 1848 e 1871 em Paris. É só em 1917 que se vai inscrever esse horizonte de possibilidades no século que é inaugurado com a Primeira Guerra Mundial – mas que vai ter sua cara política definida a partir de outubro de 1917 – o projeto do socialismo, não só mais como era até então, um programa dos revolucionários, um programa de agitação, opinião intelectual, e sim como uma possibilidade efetiva de concretização. Então, Outubro de 1917 inscreve essa época com a tomada do Palácio de Inverno e todos os desdobramentos ao longo do século XX que vai provocar. Não só na Rússia, com a tentativa de construção do socialismo na União Soviética, mas também com os outros processos revolucionários que vão acontecer na periferia do mundo capitalista, e não como Marx tinha expectativa de que ocorresse nos países mais avançados do capitalismo. E aí uma nota importante a pensar da Revolução Russa: como os grandes autores, grandes marxistas russos, foram capazes de fazer uma revisão do marxismo, ou seja, de colocar em questão algumas afirmações do próprio Marx, para conseguir reelaborar uma teoria revolucionária adequada às condições efetivas de desenvolvimento do capitalismo na Rússia. [...] como o próprio Lênin, que vai produzir um tratado importante sobre o desenvolvimento do capitalismo na Rússia. E, depois da Revolução de 1905, Trotsky vai escrever um importante texto chamado *Balancos e Perspectivas*, onde vai problematizar a questão da natureza da revolução que estava colocada na ordem do dia na Rússia e já afirmando o caráter socialista dela. [...] É totalmente estéril a polêmica se Lênin aderiu à posição do Trotsky. Acho que não seria o mais adequado entrar nesses termos, mas de fato, as teses de abril e as posições que o Lênin vai tomar ao longo de 1917, digamos assim, têm uma grande afinidade com as posições que Trotsky estava defendendo desde 1907 e [este], inclusive, [...] em outra organização política.

[...] Eu consegui pegar uma grande parte da fala do Edmilson, e tive muito acordo em tudo que ele falou, mas digamos assim, tem aquele 1% que a gente vai conversar... Eu penso que a Rússia em [19]17 era o elo fraco da corrente porque era onde as contradições estavam mais aguçadas, e entre essas contradições há a possibilidade de uma organização. Ou seja, a potência de uma organização revolucionária efetivamente existente na realidade russa, embora saibamos que o Partido Bolchevique vai só se tornar um partido com mais influência ao longo de [19]17 – em fevereiro ainda era um partido mais minoritário nos soviets – isso é também o que torna a Rússia o elo fraco da corrente. Porque, quando se coloca que as contradições estão mais maduras por ser o elo fraco, entre elas essa também, o fator subjetivo, ele está dentro desse processo porque a separação entre objetividade e subjetividade não é metafísica, ela tem uma relação dialética, tanto que quando os fatores subjetivos estão muito atrasados, eles interferem na objetividade. Se tem forças capazes de conduzir o processo rumo ao socialismo, ou seja, com esse entendimento, isso faz toda a diferença. Então, [é] só pensar porque países que tinham o movimento operário muito mais organizado, muito mais tradicional, como era o caso da Alemanha, efetivamente não tinham essa potência organizativa interessada numa transição ao socialismo. Pelo contrário, a social-democracia fez de tudo para ser coveira da revolução.

Pensando isso para jogar agora para o contexto do século XXI. Ou seja, o horizonte de expectativas aberto em 1789 era, como já falei, o horizonte da perspectiva da possibilidade da revolução ainda no ciclo das revoluções burguesas. E [19]17 inaugura, no terreno efetivo da história, a possibilidade do socialismo, a partir de um exemplo, de um processo claro, com esse signo, que vai se inscrever na consciência da época. 1991, fim da União Soviética, é o novo século que se inaugura, não com a revolução, [...mas] com a derrota de uma revolução, com o final de um processo de uma derrota de uma revolução. Sei que tem gente que pensa que teve uma revolução no Leste Europeu no final da década de 1980, mas eu considero isso um delírio. Ou seja, se inaugura ali na verdade uma derrota, um processo de derrota. Não é porque tem movimentos de massas que necessariamente isso vai ser positivo. E não é difícil constatar que o que se inscreve no horizonte de expectativas no século XXI não é nada otimista.

Vamos pensar aqui, mais uma vez, um paralelo histórico importante. Tem um filme muito legal (não tão legal assim) sobre a Rosa Luxemburgo, da Margarethe von Trotta, dos anos 1970. E tem uma cena desse filme que o Daniel Bensaïd sempre lembrava e eu acho legal retomar para esta nossa conversa. É a cena da virada de século, o réveillon da social-democracia, todo mundo comemorando a virada de século, novo século... 1901, a virada de 1900 e 1901. E tem o discurso de August Bebel, que era o grande dirigente da social-democracia. Ele dizia que o século que se inaugura vai ser o século da vitória do proletariado, do socialismo, fazendo um discurso de agitação... Olha a expectativa, o horizonte que estava colocado. E estou falando da social-democracia alemã, não estou falando da russa. A expectativa era a melhor possível pelos próprios avanços que a própria social-democracia vinha conquistando, tanto no terreno eleitoral, quanto no terreno da influência de massas, tanto dentro da Alemanha como internacionalmente, [pois] a grande referência do movimento socialista internacional era a social-democracia alemã.

Quem ousaria, exceto alguém muito delirante, acreditar que em 1991 se inaugurou um horizonte de expectativa positivo para o socialismo? A expectativa é totalmente contrária. Tentando capturar um pouco esse espírito da nova época que se inaugura ali em 1991, o importante crítico cultural marxista americano Fredric Jameson escreveu um pequeno ensaio, que hoje está publicado no livro *A virada cultural: reflexões sobre o pós-modernismo*, mas o texto é de 91, e nele diz o seguinte: hoje é mais fácil imaginar o fim da Humanidade, provocada por uma hecatombe nuclear, por problemas ambientais, por algum tipo de catástrofe, que o fim do capitalismo. É como se ele fosse o negativo da visão apologética pregada pelo conservador Francis Fukuyama sobre o fim da história, segundo o qual, como o socialismo saiu do horizonte, o capitalismo triunfou e o máximo que a gente pode ter agora como o melhor mundo possível é a economia de mercado e a democracia liberal. E a gente sabe que esse mundo é um inferno, que é o mundo que a gente está, que é uma porcaria. Só que do ponto de vista da esquerda também tem esse pessimismo que está inscrito pela derrota do chamado socialismo real. E uma derrota que atinge a todos, inclusive à boa parte da esquerda que já tinha abandonado seu encanto pelo mundo soviético, que já o vinha criticando há muito tempo. Afinal de contas, para não voltar atrás à crítica do Trotsky [sobre] a burocratização soviética, mas pelo menos desde o final da década de 50 a crítica ao stalinismo já é mais ou menos generalizada em outras esquerdas que vão emergindo [e] que continuam comprometidas com o marxismo, mas criticando aquele modelo soviético e [...] pensando em outras possibilidades do socialismo. Sendo que o que ocorre em 91 é que isso tudo cai sobre os ombros de todo mundo da esquerda.

E aí temos a década de 90, década de muito retrocesso do ponto de vista das lutas sociais, mas também do ponto de vista ideológico – e esse ponto de vista ideológico tem um elemento de objetividade. Há ali uma profusão de discursos de condenação de qualquer coisa que venha a se apresentar como alternativa ao mundo capitalista. E aí você tem no plano da historiografia dois grandes monumentos dessa anatemização da possibilidade da revolução socialista e uma certa comemoração mórbida do fim do socialismo. O livro do François Furet, *O passado de uma ilusão*, que é de 1995, é um livro de um historiador que era um ex-comunista e que já tinha feito a sua carreira como detrator da Revolução Francesa e agora vai se dedicar a fazer a detração do comunismo. O que na verdade era o que o que o movia desde sempre, do seu ajuste de contas com o passado de militante no Partido Comunista Francês. E depois, em 1997, *O Livro Negro do Comunismo*, que é outro monumento escrito, é importante lembrar isso, por gente profissional da academia, historiadores. Obviamente a academia não é um lugar neutro. “Neutro é detergente”, como ironicamente se refere uma amiga historiadora marxista. Então, no *Livro Negro do Comunismo* seus autores eram todos historiadores anticomunistas escrevendo ali um grande tratado, tentando chegar à conta de quantas foram as vítimas do comunismo. O propósito de um trabalho como esse era produzir um “novo Nuremberg”, como àquela altura reivindicou o neofascista francês Jean-Marie Le Pen. Ou seja, um tribunal, tal como tinha ocorrido no final da Segunda Guerra Mundial, de condenação do comunismo.

O Livro Negro do Comunismo não consegue isso, apesar de ter tido enorme apelo ideológico, no sentido de desqualificação da ideia de socialismo, de desqualificação do comunismo e da revolução. Mas concretamente não se gera um novo Nuremberg, um grande tribunal para julgar os “crimes do comunismo”. Nada disso ocorre. E há algumas explicações para isso. Porque o fim do nazismo foi resultado de uma ação concreta, direta, na qual teve um papel muito importante e indiscutível a União Soviética, que era o Estado resultante daquele processo revolucionário que inaugura o século XX. Ainda estava inscrito no horizonte de expectativa a possibilidade de um outro mundo no fim da Segunda Guerra Mundial. Agora não. Agora esses que comemoram o mundo realmente existente só tem isso para comemorar. Eles não apresentam nenhum projeto alternativo, pois o que eles querem é esse mundo, e esse mundo é uma porcaria, e ele vai ficando claro que é isso. Então eles conseguem ter essa autoridade moral para fazer essa crítica, a execração pública do comunismo, mas como não tem um projeto alternativo que desperte nenhum tipo de esperança, eles também não conseguem fazer esse grande tribunal que era o grande propósito disso.

Pois bem, em que momento histórico a gente se encontra quando aquelas certezas de que a sociedade de mercado ia gerar prosperidade para todo mundo, como era o que se dizia, do ponto de vista dos capitalistas no início dos anos 90, diante da hecatombe que é a crise internacional do capitalismo aberta em 2008? Ou seja, no epicentro do capitalismo, no país mais importante, nos Estados Unidos, a crise é devastadora e todas aquelas certezas e aqueles discursos ideológicos sobre o melhor mundo possível, o mundo do mercado, [que] tinha que tirar o Estado da economia... Que é obviamente sempre uma ideologia neoliberal. Ou seja, [n]o neoliberalismo realmente existente, não existe capitalismo sem Estado, não é? Só na cabeça de gente meio maluca, que aprende política pelo YouTube, aí vê lá anarcocapitalismo e acredita nessas besteiras... Não existe capitalismo sem Estado.

O Estado mínimo também é uma grande bobagem, mas é o discurso ideológico. Aí veio 2008 e coloca isso tudo em xeque. [...] Surge de várias latitudes do espectro político gente falando do fim do neoliberalismo. Sarkozy em 2009 fala de fim do neoliberalismo. Já no final do governo Bush, início do governo Obama, eles elaboram lá um grande programa de salvamento das grandes empresas e aí já chega um monte de gente falando “está vendo, aí acabou o neoliberalismo, porque agora o Estado está salvando a economia”... Quando foi que não fez isso? Na história do neoliberalismo isso não é novidade nenhuma. Ou seja, a teoria é uma coisa, a prática sempre foi outra. Então, essa pressa em decretar o fim do neoliberalismo ela [...] não se sustenta em poucos anos. É só ver todo o ciclo de planos de austeridade que foram implementados em várias economias do mundo capitalista desenvolvido para resolver o problema da dívida pública, que segue o mesmo script da ideia do neoliberalismo, essa nova forma do capitalismo contemporâneo que [...] triunfa lá com o fim da Guerra Fria.

E aí eu acho que para pensar as perspectivas do socialismo hoje é importante aprender algumas lições desse processo. Primeiro, é que ao contrário do que muitas vezes a gente acredita, estou falando “a gente” enquanto socialista, pois eu não sou um historiador neutro, estou aqui no meu lugar de socialista para falar o que eu estou falando, como a gente cai sempre na estoriuzinha de que a crise vai gerar revolução. É como se o capitalismo fosse fazer esse favor para a gente. As crises de superacumulação de capital, inclusive as crises estruturais, como o Edmilson colocou muito bem. Ou seja, se a gente pensar as três grandes crises estruturais do capitalismo, no final do século XIX; no período da grande depressão; [e n]o período da década de 1970 e agora, ou seja, a potência da superação do capitalismo não está inscrita nela só porque ela é uma crise estrutural. Ela é estrutural porque ela é da estrutura do sistema, é a forma do capitalismo resolver os seus excessos, é um mecanismo interno, de saneamento das economias capitalistas. A primeira grande depressão, do final do século XIX, gerou o imperialismo como resposta, como o Edmilson colocou muito bem. A grande depressão gerou o fascismo. A crise estrutural

da década de setenta gerou como resposta o neoliberalismo. E essa atual, gerou o quê? Até agora, mais neoliberalismo. Apesar de “ah, o Trump não é neoliberal, tem uma retórica...”. O neoliberalismo nunca é uma coisa quimicamente pura, ele é sempre misturado com outras coisas. Então, nesse sentido, eu acredito que esse prognóstico de fim do neoliberalismo, ele não se confirma. Pessoalmente falando de Brasil, tanto na experiência do lulismo, principalmente agora no pós-lulismo, onde “o baile é sem máscaras”, para citar aqui meu amigo Felipe Demier, que sempre usa essa metáfora do Florestan Fernandes, agora os caras perderam a vergonha e estão fazendo isso que eles estão falando.

Pois bem, o que eu estou dizendo é que o problema hoje efetivo dessa crise que a gente está metido agora, cujas dimensões foram muito bem expostas pelo Edmilson, a crise como situação objetiva, não vai fazer esse favor para a gente de colocar no horizonte a perspectiva do socialismo, não vai. Pelo contrário. Ela é um mecanismo de saneamento interno do próprio sistema. Entre outras coisas, porque qual é o nosso projeto socialista? [...] Ao longo da década de 90, mais de uma vez, por exemplo, o meu queridíssimo historiador Eric Hobsbawm falou do fim do neoliberalismo, [ele] morreu falando do fim do neoliberalismo [...] e o neoliberalismo não acabou. Isso não compromete toda a obra dele, pois o historiador tem mais compromisso em interpretar o passado do que em prever o futuro, ou mesmo fazer análise de conjuntura. Então, posso estar falando aqui um monte de bobagem para vocês, mas eu tenho um *habeas corpus* preventivo que é a minha profissão ser mais olhar para o passado, onde é mais fácil ter certeza.

Pois bem, no início dos anos 2000 surge na América Latina um movimento de reação a esse predomínio do capitalismo neoliberal, que vai gerar as experiências de uma série de governos que serão chamados de bolivarianos, [sendo] o mais importante o governo venezuelano de Hugo Chávez, que em determinada altura do campeonato apresentou a ideia de que era o *socialismo do século XXI*, um novo socialismo. Então agora teríamos uma alternativa efetiva de fato...

O problema é quando a gente quer superar as experiências passadas sem fazer o balanço direito do que foi entramos num beco sem saída. O problema é que essa experiência não tem, nem teve nada, de socialismo como uma proposta societária pós-capitalista. É um truísmo, mas talvez seja necessário afirmar categoricamente que a Venezuela é uma sociedade capitalista. Não existe socialismo com respeito à propriedade privada, isso é uma coisa básica. Ou se discute isso, ou a gente vai ficar acreditando que vai ser um projeto que terá mais protagonismo nas políticas públicas de combate à pobreza que vai ser o socialismo no século XXI. Isso é mais atrasado do que o velho reformismo do século XX. E a gente vai se encantar por cada coisa dessas que surge, porque a situação é desesperadora, ao contrário do quê, há uma década, analistas importantes da esquerda acreditaram.

Em 2008, Álvaro García Linera dizia “o neoliberalismo está em crise, acabou o neoliberalismo e existe uma alternativa, e essa alternativa é o socialismo do século XXI”. Era mesmo alternativa? É a pergunta que eu faço, e a única resposta possível é: não é. Porque para começo de história não é socialismo. E não quer dizer que as pessoas que se envolveram nesse projeto não tenham tido boa vontade, não tenham de coração se enfrentado com o imperialismo e tudo mais. Entretanto, não se colocou no horizonte as possibilidades de superação da economia, do mundo, da vida social gerida pela lei do valor. É isso que tem que ser o processo da revolução e é isso que foi colocado como medidas necessárias pelo processo da Revolução Russa, a revolução emblemática do século passado.

A Revolução Russa teve o propósito de criar um novo Estado de transição para além do capital, pois introduziu medidas na sua estrutura da administração econômica, que não é só estatizar a economia, mas se tratava de criar um novo mecanismo de desenvolvimento social que não é a lei do valor. Este, aliás, foi todo o debate importante da década de 20 entre [Ievguêni] Preobrajenski com o [Nikolai] Bukharin, dois importantes teóricos do marxismo russo na década de [19]20, que debateram como se opera a transição ao socialismo; que medidas são necessárias para que o Estado crie um novo tipo de automatismo, tal como a revolução burguesa tinha introduzido no Estado capitalista, um outro Estado, de novo tipo. Que quero dizer? Que é necessário fazer o balanço do que deu errado no mundo soviético, recuperando debates como este, e não “jogar fora o bebê com a água suja”, como sempre se repete quando se trata de defender o legado do socialismo do século XX. Então é preciso, é necessário, ver o que é que é efetivo ali naquele processo inaugurado há um século. Quais são as medidas concretas que estavam ali colocadas, que foram praticadas no sentido de transição ao socialismo, entre elas não ter esse tipo de concessão à economia do setor privado como ocorreu nos chamados “socialismos” do século XXI. Ah, “mas tinha a NEP, que deixou os camponeses enriquecerem, blábláblá, permitiu a propriedade privada etc”. Mas, aquilo foi tomado, e tem todo o debate em torno a isso, como uma medida de transição, e não como uma coisa para ser efetivamente parte de um novo modo de produção. Foi claramente entendida como uma concessão, nada além disso.

Então é por isso que eu acho que, enfim, eu estou trazendo uma visão muito pessimista. E, nesse sentido, se tivesse alguém aqui da minha organização iria certamente brigar muito comigo, dizendo “Demian, o que é isso? Você chega lá e fala simplesmente que não há perspectiva do socialismo hoje?...”. Infelizmente, a minha visão é essa mesmo. Eu acredito que a gente está numa crise muito profunda e não vejo colocada efetivamente no horizonte nenhuma perspectiva de uma saída positiva desta crise. Então vou me referir aqui a esse 1% que discordei do Edmilson, pensando a comparação que ele fez, muito correta, do ciclo histórico brasileiro que se inaugura em 2013. Acho que isso é um consenso grande que a gente tem aqui. Mas as lutas atuais conseguiram superar os problemas que em 2013 produziram aquele impasse? Supostamente porque agora entrou em cena o movimento sindical? O que é que é a estrutura sindical brasileira? Vão ser essas centrais sindicais que estão aí que vão oferecer uma resposta positiva ao processo de crise no Brasil? Sinceramente não!

A gente também tem que fazer um balanço duro e talvez mais realista do que têm sido desses movimentos recentes. Não estou dizendo para ninguém não ir para a rua, nem a gente deixar, como algumas centrais pelegas já querem fazer, deixar de convocar o dia 30 como greve geral. Tem que fazer, é tarefa nossa. Mas, por exemplo, na greve do dia 28 de abril eu vi gente falando [que] foi “a maior greve geral da história do Brasil”. Só quem não conhece a história do Brasil e do movimento sindical pode falar uma coisa dessas. Em primeiro lugar, não tem nem comparação, não há patamar de comparação, ao ciclo de greves dos anos 1980, que teve quatro greves gerais. A greve geral de 1989 foram dois dias parados, num dos momentos de maior organização dos trabalhadores brasileiros. O nível de organização, de consciência de classe, dos trabalhadores da década de 1980, era incomparavelmente maior do que hoje. Que mágica seria essa, com esse nível de derrota que estamos vivendo, para existir “a maior greve geral da história do Brasil”?

Segundo ponto: greve geral do dia 30. Não estou dizendo isso para dizer que não temos que jogar todas as nossas fichas na greve geral. Temos que construí-la, porque é a tarefa que está colocada, e não há nada além dela para fazer. Entretanto, greve geral, tirando os camaradas anarquistas, [para com os quais] eu tenho o maior respeito, nunca foi estratégia insurrecional dos marxistas. Você pode ter um caso, como foi, por exemplo, o caso de 1905 na Rússia, onde tem uma greve geral que é um momento fundador do processo revolucionário. Mas, a nossa aposta atual na greve geral não tem ofensividade nenhuma. Até propostas, digamos assim, pouco realistas, [como] ocupar o Congresso Nacional, que ia ter até mais enfrentamentos, seria um troço mais simbólico. O poder do Estado capitalista brasileiro não está condensado ali, para dizer as coisas como são.

É difícil dizer que tipo de tática resolveria hoje. Então estou falando mais no sentido do que a gente não pode esperar de um movimento que, caso seja vitorioso (e eu quero que seja vitorioso, tanto de derrubada do Temer, pela via da greve geral e não pela via da Rede Globo) vai mudar um pouco o signo da derrota para uma vitória. Talvez seja pensar que o nosso problema é que a gente não consegue ter uma alternativa real à crise. Aí tem sempre algumas organizações políticas, pelas quais eu tenho o maior carinho, que chegam e falam “tem que ser um governo dos trabalhadores baseado nos conselhos populares”, sendo que tais conselhos simplesmente não existem. Ou seja, é mais uma aposta em algo que não tem efetividade na realidade, mais uma quimera do que uma proposta concreta para a classe trabalhadora. Ou seja, me desculpem, mas estamos fritos. Obrigado. ■

PARTE II

EXPOSIÇÃO



VI
A Rússia pré-revolucionária **89**

VII
Da Revolução de Fevereiro às portas da Revolução de Outubro **95**
(fevereiro-outubro de 1917)

VIII
A Revolução de Outubro e a Guerra Civil (1917-1921) **100**

IX
As conquistas resultantes da Revolução **106**

X
A influência da Revolução Russa no mundo **111**

XI
A influência da Revolução Russa no Brasil e na UFRJ **115**

Textos de Carlos Serrano Ferreira e Hiran Roedel

CAPÍTULO VI

RÚSSIA PRÉ-REVOLUCIONÁRIA



A Rússia, no início do século XX, era um país semifeudal, em que o meio rural era responsável por cerca de 80% de sua produção. A divisão fundiária se pautava na grande propriedade, cuja nobreza controlava a maior parte das terras cultiváveis. Apenas em 1861 a servidão foi abolida, depois da derrota sofrida na Guerra da Crimeia e na sequência de revoltas camponesas. Se o camponês agora era “livre” de ser vendido ou comprado, isto não melhorou a sua vida: perderam parte considerável das terras que utilizavam, foram forçados a pagar um resgate pela sua libertação e passaram a pagar arrendamentos pelas terras que usavam, o que os lançou em ainda maior miséria. Até 1908 vigoraram penas corporais, que poderiam ocorrer pelos menores motivos.

Além do controle do principal meio de produção, a nobreza também fornecia a oficialidade do exército e da marinha, bem como os principais quadros da vasta burocracia estatal. O domínio econômico da classe de grandes proprietários rurais, mais o papel ideológico desempenhado na sociedade pelo clero da Igreja Ortodoxa, conferia à estrutura política as circunstâncias fundamentais da vigência das relações de poder absolutista na Rússia.

Nos séculos anteriores a Rússia se expandiu em direção ao Leste, se conformando enquanto um império euroasiático. Como afirmava Leon Trotsky, o Império Russo era uma sociedade intermediária entre os dois continentes, e não só geograficamente. O jugo tártaro no passado deixou marcas profundas no caráter autocrático do Estado. Uma enorme e brutal estrutura de repressão política e censura se erguia, para manter a profundamente desigual sociedade czarista. Entre as punições mais comuns, tanto para criminosos como para presos políticos, estava o exílio e o trabalho forçado na inóspita e gélida Sibéria.

Como um dos efeitos políticos dessa estrutura política, o jogo parlamentar, que já se desenvolvia na Europa, estava bloqueado e, desta forma, encontrava-se cortado qualquer caminho para uma política de natureza reformista. Enquanto na Alemanha o Partido Social-Democrata (SPD) crescia eleitoralmente e se tornava cada vez mais reformista, se tornando uma força contra-revolucionária, atuando para derrotar as revoluções que ocorreram nesse país entre 1918 e 1923, à esquerda russa restava apenas a ação revolucionária.

Seguindo o padrão de outras unificações atrasadas e dirigidas pelas nobrezas feudais na Europa, a Rússia conformou um Império que, nas palavras de Vladimir Lênin, era uma prisão dos povos. As nacionalidades não-russas, além de não terem o direito de se autodeterminar, sofriam com o preconceito do povo russo, incutido pelo Estado. Além disso, os principais cargos públicos eram reservados aos russos e se impunha uma política de russificação, com a supressão de manifestações culturais e limites extremos ao uso de suas línguas. O problema das nacionalidades oprimidas se acumulava e ganhava caráter cada vez mais explosivo.

Com aproximadamente 90% da população vivendo no campo, a classe camponesa tinha grande peso econômico, o que não se expressava, contudo, em termos de importância política. Suas condições de trabalho e de vida, em grande maioria, era uma situação de penúria, além de o analfabetismo atingir quase que a totalidade da população rural. Períodos de grande fome não eram incomuns: a fome russa de 1891-1892 vitimou entre 375 mil e 500 mil pessoas. Elas não eram apenas produtos de catástrofes naturais, mas também do atraso tecnológico existente e derivado de políticas governamentais. Por exemplo, para viabilizar o padrão-ouro estabelecido em lei em 1897, e assim estabilizar a moeda e atrair capital estrangeiro para a industrialização, era necessário gerar enormes saldos positivos na balança comercial, e isso foi conseguido forçando ao extremo a exportação de cereais – inclusive abaixo do custo de produção – à custa do abastecimento interno. Por sua vez, a introdução do capitalismo no campo irá fazer surgir uma pequena camada enriquecida de burgueses rurais, os *kulaks*, que exploravam trabalho assalariado e dominavam as comunidades camponesas, enquanto a maioria vegetava na mais profunda miséria como camponeses pobres, proletários e semiproletários do vasto mundo aldeão. Um cenário que transformava o campo em uma área de potencial tendência à tensão social.

↑ *O Vampiro de Moscou*
Charge representa o Almirante Fedor Vasilevich Dubasov (1845-1912), que em 1905, após ter suprimido os movimentos camponeses em Chernigov, Poltava e Kursk, foi nomeado Governador-Geral de Moscou e massacrado em dezembro os revolucionários.
1906
VOLSHEBNIY FONAR, Nº2

↗ Czar Nicolau II (1868-1918) mostra ícone sagrado da Igreja Ortodoxa Russa enquanto suas tropas se ajoelham, durante a I Guerra Mundial.
1º DE SETEMBRO DE 1917

→ Prisioneiros russos, tártaros e quirguises.
1914-1915
GEORGE GRANTHAM BAIN
BIBLIOTECA DO CONGRESSO AMERICANO

Já no século XIX, jovens da elite urbana, chamados *narodniks* (populistas) vão enxergar nos camponeses a força social para a sua concepção socialista. Mas nunca alcançarão o apoio desses setores, dominados ainda pelo atraso cultural, e sob o qual os populistas nunca realizaram de fato nenhum trabalho político, crendo que era necessário apenas o exemplo “heróico” de seus militantes para que a massa passiva camponesa seguisse-os. Irão voltar suas energias para os atentados terroristas, como o que assassinou com uma bomba o Czar Alexandre II, mas sem trazer ganhos às populações. Nesse mesmo ano de 1881 o seu sucessor, Alexandre III, criou a *Okhrana*, a polícia política, voltada à repressão do terrorismo político e da esquerda revolucionária, inclusive entre os exilados.

Contra essa concepção terrorista e vanguardista nascerá, ainda no estrangeiro, em Genebra, a partir da iniciativa de emigrados russos, em particular de Gueórgui Valentinovitch Plekhánov, em 1883, o primeiro grupo marxista, o *Osvobodénie Truda* (Emancipação do Trabalho), ainda que não tenha alcançado grande influência sobre o operariado, a força social sobre a qual pretendia agir.





➤ Nobres fazem piquenique em fazenda em Menshovo, ao sul de Moscou.
27 DE JULHO DE 1908

➔ Jantar em aldeia durante a grande fome de 1891-1892. Aldeia de Pralevke, Distrito de Lukoyanovskoye. Província de Nizhny Novgorod.
MAXIM PETROVIC DMITRIJEV.

O quadro social nas principais cidades não era muito diferente do que o do campo. A partir da abolição da servidão, mas principalmente a partir dos anos 1890, há uma rápida industrialização. Com características particulares, foi extremamente concentrada em poucas cidades, principalmente Moscou e São Petersburgo, e em grandes indústrias, ainda que continuasse sendo uma economia fundamentalmente agrária. Sua diminuta classe operária também sofria com precárias condições de vida, vítimas da exploração das relações capitalistas que se estabeleciam, impondo-lhes situação de incertezas econômicas, em particular em decorrência das sucessivas crises econômicas, como a depressão econômica entre 1904-1908, que será uma das causas para a Revolução de 1905. As primeiras greves operárias já surgirão nas décadas de 1870 e 1880.

Por sua vez, a burguesia russa era duplamente dependente. Em decorrência de sua fragilidade, resultado de sua dependência do capital internacional, inclusive com a propriedade majoritária deste sobre setores importantes da economia; bem como derivada da estrutura econômica semifeudal imperante, esta classe acaba por estabelecer uma aliança e sujeição ao imperialismo, conformando uma burguesia dependente economicamente. Com o forte papel econômico do Estado czarista, estabelecendo tarifas protecionistas elevadas e através de apoios à burguesia russa com contratos governamentais com preços monopolísticos, e política de crédito abundante para financiar as indústrias, essa classe também era intrinsecamente dependente politicamente do Czar. A maior parte da produção agrária era destinada ao mercado internacional e, no que diz respeito à indústria, a dependência ao *know-how* estrangeiro destinava a Rússia a uma posição periférica no mercado mundial.

Essa realidade de debilidade congênita da burguesia russa, como ocorreu também em países de industrialização tardia ou periféricos, tornou essa classe completamente incapaz de dirigir uma revolução. As tarefas das revoluções burguesas, como a reforma agrária realizada na Revolução Francesa, passavam a serem tarefas de uma futura revolução socialista. Entre 1901 e 1904, alguns elementos apontavam para a ascensão de uma crise revolucionária no país: greves operárias com números cada vez maiores, inclusive greves políticas de massas, como em 1903 na Transcaucásia e na Ucrânia; revoltas camponesas, como a de 1902, também na Ucrânia; e, mesmo uma greve geral de estudantes, como a do inverno de 1901 a 1902.

→ A família de Shutov, administrador da fazenda de Menshovo.
1908



↘ *Limpeza Geral*
Esta foto retrata um dia na prisão política de Akatuy, na Sibéria.
1906-1911
ISAIAH ARONOVICH SHINKMAN, NOVY AKATUY, UNIVERSIDADE DO ESTADO DE IRKUTSK



↓ Lênin e sua família
1920
KREMLIN



A família imperial no Palácio de Livadia
No centro, os czares Nicolau II e Alexandra, aos seus pés o herdeiro, o czarevich Alexei, rodeados das arquiduquesas Olga, Tatiana, Maria e Anastásia.
1914

As condições econômicas e políticas da Rússia se agravaram quando, em 1904-1905, esta entrou em guerra com o Japão. Este, ao ter se modernizado com a revolução Meiji, impôs forte derrota ao exército russo, mostrando a fragilidade do império e pondo fim a suas pretensões imperialistas em relação ao Oriente.

A guerra agravou a situação econômica do império russo, diante dos gastos militares, levando o governo czarista a aumentar impostos. Os efeitos do conflito recaíram sobre as classes de camponeses e de operários, acentuando ainda mais as já precárias condições sociais. Como reação, uma multidão, em 1905, que ainda tinha a crença na neutralidade e no poder de justiça do Czar, foi às ruas de São Petersburgo entregar a Nicolau II um documento de reivindicação por melhores condições de vida. Eram dirigidos pelo padre ortodoxo George Gapon, líder de uma organização operária e, na verdade, agente da *Okhrana*. Para combater o ascenso revolucionário nos anos anteriores, sob a inspiração do coronel Zubatov, a polícia política havia construído várias organizações para desviar do socialismo os operários. Uma delas era a de Gapon, que dirigiu essa verdadeira “procissão”. Porém, ao contrário do que a multidão acreditava, a parcialidade do Czar logo se fez mostrar quando este ordenou que as tropas dispersassem o ato atirando sobre os manifestantes, matando centenas, ficando o episódio conhecido como Domingo Sangrento.



Na Duma Estatal, interpelação.

A restrição aos debates no Parlamento Russo foi alvo desta charge.

1906

ALEXANDER KUDINOV, REVISTA LESHII, Nº 1



Em 9 de janeiro de 1905, uma manifestação pacífica se dirige ao Palácio de Inverno para entregar ao Czar um abaixo-assinado reivindicando direitos básicos. A Guarda do Czar dispara e mata centenas neste *Domingo Sangrento*. Greves políticas exigindo o fim da autocracia passam a ocorrer. É a Revolução de 1905.

9 DE JANEIRO DE 1905, ILHA VASILEVSKI
VLADIMIR MAKOVSKY, 1905, MUSEU
CENTRAL DA HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DA RÚSSIA



Como resultado da Revolução de 1905, o Czar lança manifesto em 17 de outubro garantindo alguns direitos civis e políticos. Contudo, pouco tempo depois o regime volta a se fechar.

17 DE OUTUBRO DE 1905, ILYA REPIN
1907, MUSEU DO ESTADO RUSSO

O resultado do massacre foi o aumento da tensão política, que ganhou toda a Rússia e deu origem à Revolução de 1905 (apelidada por Lênin de Ensaio Geral), cuja importância se encontra vinculada ao surgimento dos sovietes (Conselhos Operários). Após profunda repressão, capitaneada por figuras como o Almirante Fedor Vasilevich Dubasov e Piotr Stolypin, o Czar, como resposta, e para amenizar a forte crise que se estabeleceu, convocou a Duma (Parlamento), porém sem resultados práticos para a população.

Nessa conjuntura, o questionamento ao absolutismo cresce na Rússia. Já em 1898 ocorreu o Primeiro Congresso do Partido Operário Social-Democrata Russo, que não conseguiu se desenvolver de imediato. Ele ganha impulso a partir de seu Segundo Congresso, em 1903. Contudo, neste já se esboçam as divisões que irão ter importância central na Revolução em 1917. No congresso, a ala revolucionária foi majoritária, daí ter ganhado o nome de bolchevique (que significa precisamente majoritário), tendo a ala reformista ficado em minoria (daí o nome que recebe, menchevique, minoritário). Contudo, após o Congresso serão os reformistas que ganharão a hegemonia interna, coexistindo internamente durante alguns anos. Os mencheviques se caracterizavam por serem uma tendência moderada e defenderem um processo de superação do czarismo sob a liderança da burguesia, o que se opunha ao entendimento dos bolcheviques.

Em 1912 foi fundado o partido bolchevique, de clara orientação marxista. Tendo o materialismo histórico e dialético como forma de análise científica da realidade russa, o partido orientou a aliança entre camponeses e operários por entendê-los como classes fundamentais para o processo revolucionário.

Porém, com a Primeira Grande Guerra entre 1914-1918, novo cenário se constrói, e a situação do império czarista se agrava. Resultado das tensões e disputas internacionais entre as potências imperialistas, a Rússia se envolve no conflito e vê sua dívida externa crescer de modo insustentável, a crise econômica se agravar e as tensões sociais se mostrarem insustentáveis. ■

CAPÍTULO VII

DA REVOLUÇÃO DE FEVEREIRO ÀS PORTAS DA REVOLUÇÃO DE OUTUBRO (FEVEREIRO-OUTUBRO DE 1917)



A participação da Rússia na Primeira Grande Guerra aumenta a instabilidade política interna. Com o conflito, cresce a fome, o desemprego, cai a produção agrícola, camponeses são retirados do campo para se transformarem em soldados.

Com um exército não profissional, as derrotas no campo de batalha se tornavam uma constante. A falta de estrutura para o combate fazia crescer o questionamento à Guerra por parte dos soldados. Manifestações de quebra de hierarquia e deserções não eram raras.

Diante do quadro de crise generalizada, o regime czarista passou a sofrer a perda de apoio político interno. A burguesia e parte da nobreza ligada aos interesses imperialistas iniciam o processo de afastamento político e passam a defender um regime parlamentarista aos moldes do regime britânico.

O partido menchevique apoiava a saída parlamentarista, enquanto os bolcheviques defendiam uma solução mais radical: o poder nas mãos dos soviets, a reforma agrária e a saída da Rússia da guerra.



Com os trabalhadores desorganizados e ainda presos a formas de entendimento da realidade que passavam pelo formalismo institucional, além da cúpula dirigente do partido bolchevique no exílio, a correlação de forças não era favorável à alternativa radical. Dessa forma, o processo de mudança, nesse momento, foi liderado pelos mencheviques.

Em fevereiro de 1917, o Dia Internacional da Mulher será o estopim do processo revolucionário. Será esta manifestação que marcará o dia 8 de março no calendário mundial, ainda que, devido ao calendário juliano, que esteve em uso até 31 de janeiro de 1918, e tinha uma diferença de treze dias, ocorreu no dia 23 de fevereiro (da mesma maneira a Revolução de Outubro ocorrerá, em nosso calendário gregoriano, em novembro). Ter iniciado a revolução desta maneira não é um fato isolado: as mulheres foram protagonistas importantes dos eventos revolucionários e da história soviética e socialista internacional.

Nesse dia ocorre uma enorme greve de noventa mil trabalhadoras têxteis de Petrogrado, que exigiam o final da guerra e o retorno de seus maridos e filhos da frente de guerra. A manifestação que tomou as ruas ocorreu sem nenhum tipo de repressão. Os soldados se recusaram a reprimi-la, alguns mesmo aderiram. Na sequência dessa demonstração de fraqueza e impopularidade, nos dias seguintes, uma greve geral paralisou a cidade e depois o país. O czar Nicolau II acabou destituído do poder após a Duma ser ocupada pelos manifestantes. Logo dois comitês se formaram, um composto por moderados e outro pelo soviets. Era o início do duplo poder: de um lado, o novo governo, provisório, liderado pelos mencheviques, que duraria, em sua primeira fase, até julho, quando o primeiro-ministro Georgy Yevgenievich Lvov renunciou e assumiu o cargo, até a tomada do poder pelos bolcheviques, Alexander Fyódorovich Kerensky; do outro, os soviets, que iriam progressivamente contestar crescentemente nos próximos meses as decisões do governo, até a incompatibilização total.



↑ Estátua do Czar Alexandre III, derrubada por revolucionários. 1918

→ Operários e marinheiros da frota do Báltico se manifestam em Kronstadt. MARÇO DE 1917



Repressão à manifestação revolucionária em Petrogrado. Foi parte das Jornadas de Julho, mobilizações entre os dias 3 e 6 desse mês contra o Governo Provisório, pela entrega do poder aos Soviets e o aprofundamento da revolução.

4 DE JULHO DE 1917



Capa do Jornal A Rua, Rio de Janeiro.

Em 2 de março, o Czar Nicolau II abdica em favor do Grão-Duque Miguel, que também abdica no dia seguinte. É o fim da dinastia Romanov, que governava desde 1613, e do próprio czarismo.

17 DE MARÇO DE 1917

“Em 1917, no dia 8 de março (23 de fevereiro no calendário juliano), no Dia da Mulher Trabalhadora, elas saíram corajosamente nas ruas de Petrogrado. [...] Neste dia, as mulheres russas levantaram a tocha da revolução proletária e incendiaram o mundo. A partir desse dia, é dado o início da Revolução de Fevereiro.”

Alexandra Kollontai

O Dia Internacional da Mulher, 1920.

→ Manifestação de mulheres grevistas da indústria têxtil.
8 DE MARÇO 1917

↘ Soviete de Deputados Operários e Soldados no Palácio Tauride, Petrogrado.
NÃO ANTES DE 2 DE MARÇO DE 1917

↘ Reunião do Governo Provisório no Palácio Mariinsky, em Petrogrado.
MARÇO DE 1917
Y.V. STEINBERG



A debilidade política do governo provisório em atender às demandas populares manteve a conjuntura de instabilidade. A permanência da Rússia na guerra fazia com que a miséria se alastrasse, levando à crescente oposição. É nesse processo que as principais lideranças do partido bolchevique, dentre elas Lênin, retorna ao país no mês de abril.

Ao chegar em Petrogrado, antiga São Petersburgo, Lênin lança as diretrizes, aos correligionários bolcheviques, do caminho que o partido deveria seguir para chegar ao poder. Tais diretrizes ficaram conhecidas como *Teses de Abril*. Nelas foram postas as condições, diante das limitações do governo provisório em não romper com o imperialismo e de retirar a Rússia da guerra, para a revolução socialista.



Lênin lança suas Teses de Abril

“Todo o poder aos soviets!
Paz para os povos! Terra para os
camponeses! Fábricas e usinas
para os trabalhadores!”

1920



*A chegada de V. I. Lênin
em Petrogrado*

Lênin volta do exílio em um trem blindado, chegando na Estação Finlândia, em Petrogrado (atual São Petersburgo).

16 DE ABRIL DE 1917

M. SOKOLOV



↑ “Viva o feriado proletário de 1º de Maio!”
I.V. SIMAKOV, RSFSR, 1921

↗ Lênin no 1º de maio de 1919, na Praça Vermelha, com representações da I Internacional, de Karl Marx e da III Internacional (fundada pelos bolcheviques nesse mesmo ano).

→ “Primeiro de Maio de 1920”



Ou seja, pelo entendimento de Lênin, a guerra era o resultado das disputas interimperialistas da burguesia internacional e não dizia respeito aos interesses dos trabalhadores. Como o governo provisório estava ao serviço do grande capital, ele não tinha como preocupação atender as demandas da população, mas sim as da burguesia. Não podia, por isso, a Rússia sair do conflito, o que levava à fome o proletariado. Para piorar, Kerensky restabelece a pena de morte na frente de guerra.

Nesse sentido, somente uma revolução que transferisse o poder aos soviets seria capaz de romper com a burguesia e declarar a paz. Sendo assim, esse processo de conscientização apenas poderia ser conduzido pela liderança dos bolcheviques sob o lema de “Paz, Terra e Pão”. Isto é, exclusivamente com um governo que se comprometesse em promover a paz se teria condições de realizar a reforma agrária para, então, produzir alimento para a população.

Nessa conjuntura, cresce a influência dos bolcheviques junto às massas de trabalhadores. As traições do governo provisório e sua divisão interna, o aumento da repressão aos operários, aos camponeses e aos bolcheviques, a fome e a permanência na guerra intensificaram a crise. Ocorrem as Jornadas de Julho, mobilizações entre os dias 3 e 6 desse mês contra o Governo provisório, pela entrega do poder aos Soviets e o aprofundamento da revolução.

As condições estavam favoráveis à tomada do poder. O partido bolchevique passou a ser a principal força na luta popular, o que permitiu que em 25 de outubro de 1917, a partir de uma insurreição, os bolcheviques assumissem o poder e iniciassem as transformações radicais por eles defendidas. ■

CAPÍTULO VIII

A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO E A GUERRA CIVIL (1917-1921)



A pós chegarem ao poder, os bolcheviques, liderados por Lênin, iniciaram a campanha e negociação para a retirada da Rússia da guerra. Apesar de contar com a oposição de forças que compunham também o próprio governo, em 03 de março de 1918 foi declarada a paz com a assinatura do Tratado de Brest-Litovski.

Soldados alemães e russos
confraternizam na Frente Oriental.
1917



A histórica decisão sobre a insurreição armada na reunião do Comitê Central do POSDR

Sentados, em sentido horário: Sokolnikov (de costas), Lomov (semi-perfil), Uritsky, Lenin (de pé, disfarçado), Sverdlov, Kollontai, Stalin, Dzerzhinsky. Em pé no canto direito: Fofanova, Kamenev, Bubnov, Zinoviev, Trotsky.

10 DE OUTUBRO, 1917

PCHELIN V.N.



A tomada do Palácio de Inverno, sede do governo provisório burguês, pelos bolcheviques, no dia 25 de outubro, é o marco oficial do início da Revolução Socialista de Outubro. Não há imagens reais do evento. Esta, a mais conhecida, é parte do filme mudo clássico, *Outubro*, de Sergei Eisenstein e Grigori Aleksandrov, de 1928.



Reunião do Commissariado do Povo no Palácio Smolny, em Petrogrado.
10 DE MARÇO DE 1918

No mês seguinte, abril do mesmo ano, teve início a guerra civil na Rússia, que duraria até 1921. Nessa conjuntura, diversos exércitos de concepções político-ideológicas distintas se enfrentaram, não somente entre si, mas também contra o Exército Vermelho, fundado e dirigido por Leon Trotsky. O principal inimigo da revolução eram os Exércitos Brancos, que congregavam os generais monarquistas e burgueses republicanos liberais, que estavam unidos pelo seu ódio ao comunismo. Entre seus principais dirigentes estavam o Almirante Aleksandr Kolchak, o General Pyotr Nikolayevich Wrangel e o Tenente-General Anton Ivanovich Denikin.

Resolução de formação do governo operário e camponês
Presidente do Conselho: Lênin.
Comissário do Povo do Interior: Rikov. Agricultura: Miliutin. Trabalho: Chiliapnikov. Assuntos Militares e Navais: Ovseenko, Krilenko e Dybenko. Comércio e Indústria: Noguine. Instrução pública: Lunatcharsky. Finanças: Skvortsov. Negócios Estrangeiros: Trotsky. Justiça: Lomov. Abastecimento: Teodorovich. Correios e Telégrafos: Glebov. Nacionalidades: Stálin.
27 DE OUTUBRO DE 1917
TRABALHADORES E SOLDADOS, JORNAL DO SOVIETE DE PETROGRADO, Nº 10



Decreto sobre a paz
No dia 26 de novembro, o II Congresso dos Sovietes aprova o Decreto sobre a Paz, condenando a guerra, abolindo os tratados secretos e propondo a todos os povos em guerra negociar imediatamente uma paz justa e democrática.
E.S. TSVIK, MOSCOU, 1980.



Decreto sobre a Terra
O II Congresso dos Sovietes decreta a Reforma Agrária, abolindo a propriedade latifundiária dos nobres, da Coroa e da Igreja, sem indenizações, preservando a terra dos camponeses pobres. As terras nacionalizadas são colocadas sob controle dos soviets locais, para o uso igualitário.
28 DE OUTUBRO DE 1917
IZVESTIA, Nº209 - O IZVESTIA FOI FUNDADO PELO SOVIETE DE PETROGRADO EM MARÇO DE 1917 E DEPOIS DO II CONGRESSO DOS SOVIETES SE TORNOU O JORNAL OFICIAL DO GOVERNO.



Imagem com alguns dos principais líderes bolcheviques: Kamenev, Zinoviev, Trotsky e Kollontai, entre outros.



Discurso de Lenin antes de desfile militar na Praça Vermelha, em Moscou.
25 DE MAIO DE 1919



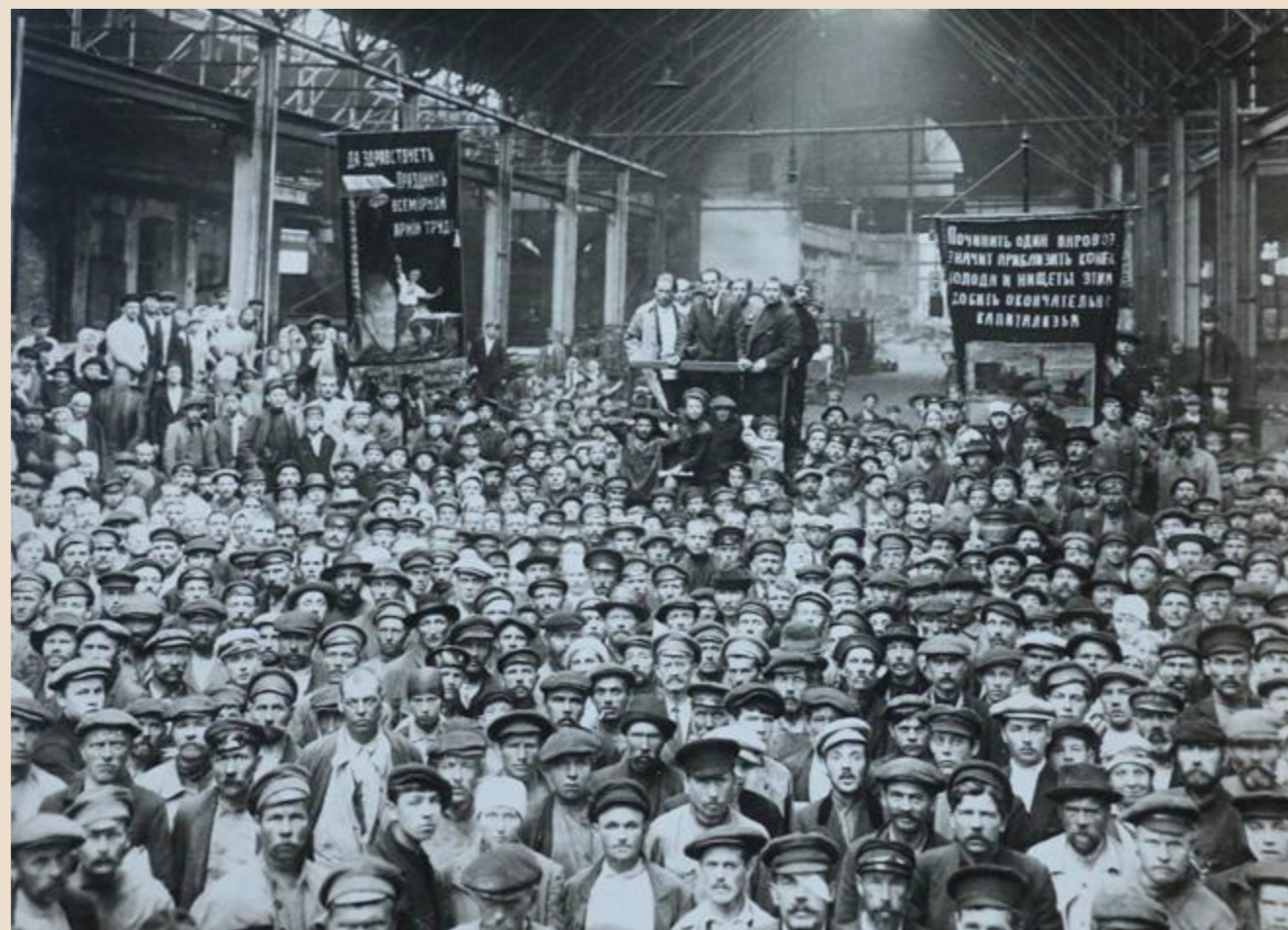
“Viva à revolução socialista!”

O Exército Branco se notabilizou por espalhar o terror junto aos camponeses, operários e por realizarem *pogroms* (ataques violentos contra judeus). Receberam o apoio das tropas aliadas da Entente, com quatorze países invadindo o Norte da Rússia e a Sibéria: a Austrália, o Canadá, a Índia britânica, o Reino Unido, a Checoslováquia, a França, o Reino da Grécia, o Reino da Itália, o Império do Japão, a Polônia (incluindo o Exército Azul, de voluntários poloneses equipados pela França), o Reino da Romênia, o Reino da Sérvia e os Estados Unidos. A revolução ainda teve que combater o Exército Verde (de camponeses) e o Exército Negro (anarquistas ucranianos liderados por Nestor Makhno, que após terem lutado contra o Exército Branco se voltaram contra o governo revolucionário bolchevique).

Ao longo desses três anos de guerra, as iniciativas de mudanças do governo revolucionário foram fortemente abaladas. Como resposta para enfrentarem a crise de abastecimento e de produção, os bolcheviques estabeleceram um rígido controle econômico, em que as leis do mercado foram abolidas e a produção camponesa de primeira necessidade foi controlada pelo governo. Essas medidas ficaram conhecidas como comunismo de guerra.

No fim da guerra civil, a Rússia permanecia como um país de economia agrária e sem grande volume de capital, o que levou o governo revolucionário a abrir o debate sobre o processo de industrialização. Assim, em 1921, como resultado, foi criada a Nova Política Econômica (NEP), com o objetivo de atrair capital e modernizar a Rússia Soviética (posteriormente, a partir de dezembro de 1922, URSS).

A derrota da Revolução Alemã e a hostilidade imposta pelo campo imperialista frustraram com as expectativas leninistas de expansão imediata e internacional do socialismo. A União Soviética estava isolada, mas resistia e avançava. ■



➤ “Lênin proclama o poder soviético”
VLADIMIR ALEKSANDROVICH SEROV, 1954

➔ Eleições para o Soviete de Petrogrado, na Fábrica Putilov.
“Viva o Partido do Exército Universal do Trabalho!”
“Criar uma locomotiva significa aproximar o fim da fome e da miséria, bem como dar um golpe final no capitalismo”
JULHO DE 1920



CAPÍTULO IX

AS CONQUISTAS DA REVOLUÇÃO



Com a organização do governo revolucionário na Rússia, algumas medidas tomadas na perspectiva da sociedade socialista são emblemáticas. O fim da propriedade privada reorientava o sentido da posse da terra, que passava a ter como princípio seu caráter social. Entre os mais importantes decretos realizados já no início, estava o da Reforma Agrária, com a distribuição das terras aos camponeses, que materializava a aliança operária e camponesa. Esta era personificada no símbolo criado para o brasão soviético, com a unidade da foice (campesinato), com o martelo (operariado), dirigidos pelo partido revolucionário, a estrela que guia a revolução (que simbolizava também o internacionalismo proletário, com cinco pontas que representavam cada uma um continente), sob o vermelho, que tradicionalmente representava o sangue dos mártires da classe trabalhadora. Esta união se expressou também no decreto de entrega do poder aos soviets de operários e camponeses, criando o primeiro Estado proletário da história. E também o decreto que garantia o direito à autodeterminação dos povos, que permitiu que a Finlândia, por exemplo, se tornasse independente pacificamente.



Outra medida de impacto foi a planificação da economia. A partir de 1929 iniciam-se os planos quinquenais. Com isso, a URSS se estruturava sob uma lógica antagônica à da economia de mercado capitalista, o que permitia uma racionalidade econômica de um modo em que as demandas sociais assumiam importância fundamental em detrimento do lucro do empresário. Desta forma, enquanto o mundo capitalista agonizava com a grande crise de 1929, a URSS se desenvolvia. A partir de um patamar baixíssimo de desenvolvimento, agravado pela Primeira Guerra Mundial, a Guerra Civil e as invasões estrangeiras, em 1967 a União Soviética produzia já um quinto da produção industrial mundial, e o sucesso do programa de eletrificação levou a que em 1958 se produzisse a cada três dias eletricidade que equivalia a energia produzida em um ano inteiro do regime czarista. Para avançar a agricultura e adequá-la às exigências das técnicas modernas foi necessário superar a pequena propriedade e se coletivizar o campo. Por isso, também no ano de 1967, foram distribuídos aos camponeses, agora organizados em cooperativas agrícolas (*kolkhoses*) ou nas fazendas coletivas estatais (*sovkhozes*) 1,79 milhão de tratores.

↑ “O conhecimento quebrará as cadeias da escravidão”
ALEXEI RADAKOV, 1920

↗ *Mulheres e homens do Exército Vermelho*

As mulheres tiveram participação ativa na Revolução de Outubro. Elas conquistaram plena igualdade de direitos civis e políticos, o direito ao divórcio e ao aborto (em 1920, a Rússia foi o primeiro país do mundo a permiti-lo). Mulheres foram figuras militares e políticas centrais - como Alexandra Kollontai, primeira ministra na história mundial - e libertaram-se do jugo do trabalho doméstico.

→ “Lênin e eletrificação. Hidrelétrica Volkhov fornece eletricidade! Comunismo é poder soviético e eletrificação”

Cartaz de comemoração da inauguração da hidrelétrica Volkhov, parte do enorme projeto de planificação do desenvolvimento que transformou a Rússia de um país atrasado em um dos países mais avançados do mundo.
YU. SHASS & P. KOBELEV, 1925



O impacto do avanço econômico se expressou no enorme avanço científico. Respondendo à ameaça nuclear americana contra a paz mundial, desenvolveu em apenas quatro anos a sua própria bomba nuclear, freando as pretensões hostis estadunidenses. Entre as invenções, por exemplo, criaram o jato supersônico (Tu-144). Mas, sintetizando o avanço soviético, está o fato da URSS ter sempre estado à frente na conquista espacial. Graças à economia socialista planificada, a URSS conseguiu deixar para trás o atraso de uma sociedade quase feudal, e apesar das guerras e invasões, levar a Humanidade ao espaço pela primeira vez. Foi o primeiro país a enviar um satélite ao espaço, o Sputnik, e apenas um mês depois enviou o primeiro animal, a cadela Laika, em 1957; depois, foi o primeiro a enviar um homem ao espaço, o cosmonauta Yuri Gagarin (1961) e dois anos depois, a primeira mulher, Valentina Tereshkova; em 1965, Alexei Leonov fez a primeira caminhada espacial; e, em 1971, a primeira estação espacial temporária, a Salyut 1, e em 1986, a primeira permanente, a MIR. A atual Estação Espacial Internacional, de 2001, só foi possível graças à tecnologia desenvolvida anteriormente pela URSS. A conquista da Lua era uma possibilidade real muito antes dos americanos, mas estando mais preocupada em investir recursos no desenvolvimento de seu povo, se descartou esta aventura que serviu, de fato, mais como uma peça de propaganda.

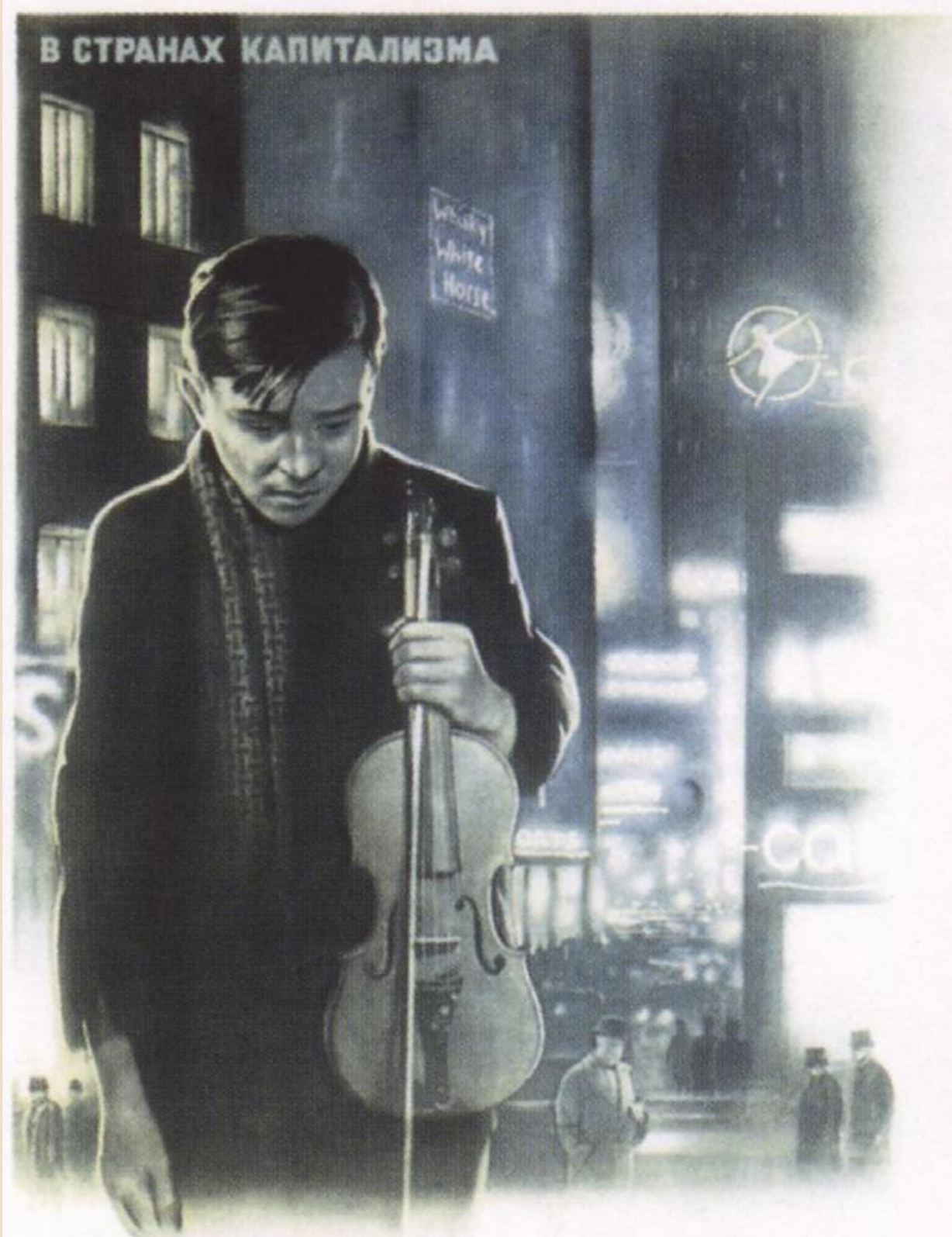


Lênin preside mesa durante 1º Congresso da 3ª Internacional (Comunista) em Moscou.
2 DE MARÇO DE 1919.



“Trabalhadoras,
empunhem seus rifles!”
L.G.BRODATY, MOSCOU, 1920

A defesa pela igualdade de direitos foi uma das bandeiras da revolução. Nesse sentido, mulheres e homens assumiram papel de protagonistas no processo de construção da sociedade socialista soviética. Mulheres foram figuras militares e políticas centrais, como Alexandra Kollontai, a primeira ministra na história mundial, e libertaram-se do jugo do trabalho doméstico. Estabeleceu-se a igualdade salarial entre homens e mulheres; criaram-se creches nos locais de trabalho e estudo; fim das restrições de determinadas profissões para mulheres, entre outras medidas. A URSS se tornou o quinto país do mundo, atrás apenas de Austrália, Finlândia, Noruega e Dinamarca, a conceder o voto feminino, forçando outros países a seguirem seu exemplo, para tentar afastar o movimento feminista da luta socialista. Ainda assim, a França, por exemplo, só reconheceu esse direito em 1944. A URSS também foi o primeiro país do mundo a legalizar o aborto, ainda em 1920, e a mulher que necessitasse praticá-lo receberia assistência governamental. Nos EUA, só se tornou legal em todos os estados em 1973. E, no Brasil, por exemplo, até hoje o aborto é ilegal, apesar de ocorrer com frequência nas condições mais perigosas para as mulheres, e com altas taxas de óbitos e sequelas. Outro avanço foi o direito ao divórcio pela declaração unilateral do marido ou da esposa. Cabe observar que o código civil soviético garantia situação de igualdade legal entre homem e mulher. Outro avanço em relação à condição da mulher foi a criação, desde janeiro de 1918, do Departamento de Proteção à Gestante e Juventude, que passava a garantir, oficialmente, assistência à mulher trabalhadora gestante. As mulheres tinham o direito a 20 meses de licença maternidade paga.



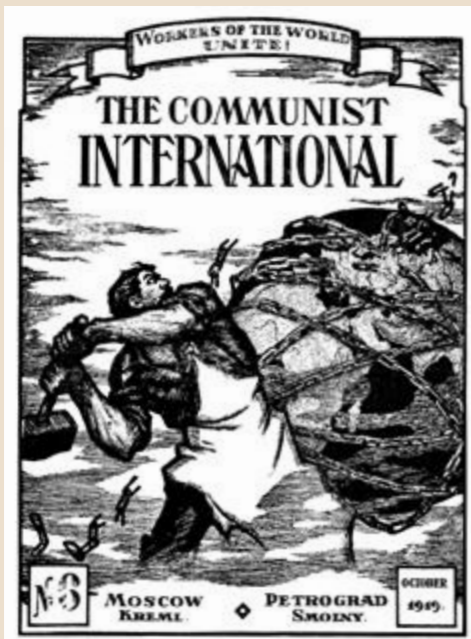
ДОРОГА ТАЛАНТА...



ДОРОГУ ТАЛАНТАМ!

“Nos países capitalistas o talento é deixado à beira do caminho, no país socialista o talento pode trilhar seu caminho!”

OPORTUNIDADES PARA OS TALENTOSOS,
VIKTOR KORETSKY, MOSCOU, 1948



Como para o marxismo o trabalho é a real fonte de produção da riqueza, os trabalhadores, independente de sexo, são, portanto, os responsáveis em assumir a direção da sociedade. Nessa perspectiva, inaugura-se a construção do amparo aos trabalhadores e diversos direitos, como férias gozadas e pagas, licença maternidade, assistência de saúde, além de garantir equipamentos de segurança para os operários. Desde então, a URSS assume a vanguarda mundial no que diz respeito à política voltada para o mundo do trabalho, que passa a ser o critério fundante de sua organização social. O pleno emprego foi garantido, e desde 1936 os soviéticos tinham uma jornada de trabalho de 7 horas.

Seguindo essa linha de orientação política e ideológica, a URSS chegou aos anos de 1950 com patamares inéditos de igualdade, segurança, saúde, habitação, emprego, educação e cultura. O socialismo acabou com a inflação, com a discriminação racial e a pobreza extrema. A esperança média de vida duplicou, a mortalidade infantil caiu em 90% e a educação, em todos os níveis, era gratuita. Um exemplo concreto: no ano da revolução, havia apenas 0,2% de alfabetizados na Quirguízia, mas em 1970, já eram 97%. Na cultura, o salto foi gigantesco: pela primeira vez, os teatros, museus, óperas e balés eram acessíveis ao conjunto da população. Havia mais bibliotecas, teatros e cinemas do que em qualquer lugar do mundo. Só no mundo rural havia, em 1974, 94,5 mil bibliotecas e 130 mil cinemas. O número total de visitantes aos museus equivalia à metade da população, e nos anos 1970, a frequência ao cinema era a maior do mundo. As tiragens de livros, inclusive de literatura, nunca foram alcançadas por outros países. O exemplo soviético teve forte impacto na luta dos trabalhadores em todos os continentes. ■

↑ Capa da edição nº6 da versão em inglês de "A Internacional Comunista", jornal do Comitê Executivo da Internacional.
OUTUBRO DE 1919

→ "Trabalhadores e trabalhadoras de todos países e colônias oprimidas levantem a bandeira de Lênin."
VIKTOR BORISOWITSCH KOREZKI
MOSCOU, 1932



CAPÍTULO X

INFLUÊNCIA DA REVOLUÇÃO RUSSA NO MUNDO



A maior realização histórica da União Soviética, e que mesmo o mais empedernido anticomunista deverá reconhecer, foi o esmagamento do nazismo. Apesar de toda a propaganda ideológica voltada a apresentar os EUA como protagonista, os dados são inegáveis: se a potência norte-americana foi fundamental para derrotar o fascismo nipônico no Pacífico, na Europa o custo militar foi suportado fundamentalmente pela União Soviética. Sacrificaram-se diretamente no esforço mais heróico da história na luta contra a barbárie 26,6 milhões de soviéticos (entre eles 8,6 milhões soldados). Se forem somadas as perdas indiretas, os que faleceram em decorrência de ferimentos, ou os que nem chegaram a nascer, o número ascende a cerca de 50 milhões. Compare-se com as perdas estadunidenses: morreram pouco menos de 420 mil, somando-se soldados e civis. Entre os momentos mais marcantes está a história do cerco de Leningrado, e seus 900 dias de resistência, e a Batalha de Stalingrado, que significou a viragem na Segunda Guerra Mundial e o início do fim do regime nazista.



Após a guerra, a URSS se apresenta como uma potência militar e tecnológica. O mundo se tornara bipolarizado e, em pouco tempo, os soviéticos lançavam o primeiro satélite ao espaço. Iniciava, nesse momento, a disputa com o mundo capitalista resultando na corrida espacial que tanto influenciaria as gerações futuras.

Diante de seu poderio, no campo político a URSS liderou o movimento comunista internacional em sua luta contra o domínio do capital sobre a vida, se posicionando em frontal oposição ao imperialismo e à exploração dos povos. Os soviéticos se constituíram em referência de força internacionalista a favor das lutas emancipatórias em todos os continentes. Sua influência estava presente, por exemplo, na luta pela independência das colônias na África e na Ásia e na luta contra a chaga do racismo em todo o mundo. Em sua firme política anticolonial e anti-imperialista defendeu a autodeterminação dos povos. De acordo com essa postura, garantiu a existência da Revolução em Cuba.



↑ "Apoie o Exército, ame o povo."
CHINA, 1969

↗ Delegados ao
I Congresso do PCB.

Da esquerda para a direita, em pé: Manuel Cendón, Joaquim Barbosa, Astrojildo Pereira, João da Costa Pimenta, Luis Peres, José Elias da Silva. Sentados: Hermogêneo Silva, Abílio de Negrete e Cristiano Cordeiro.

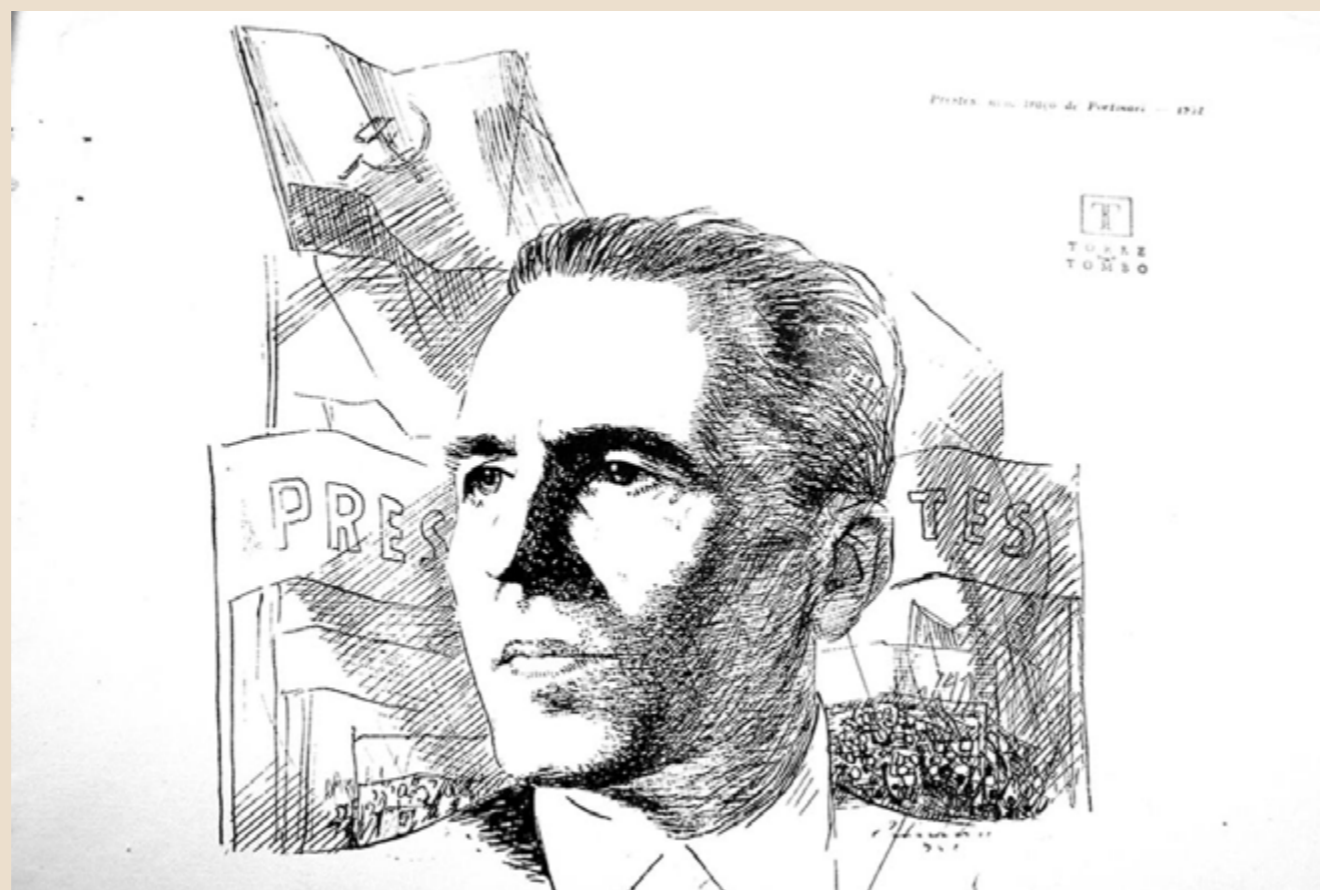
→ Décimo aniversário
da Revolução Cubana.
HAVANA, 1969
FELIX RENÉ MEDEROS PAZOS

Cabe ressaltar que, a partir da década de 1950 em diante, o movimento dos trabalhadores, inspirado pelo socialismo, ganha novo patamar. O marxismo ganhou espaço acadêmico, e a luta de classes no âmbito ideológico se configura em campo de atuação e debate nos países sob a influência do imperialismo norte-americano. Os mais importantes artistas, intelectuais e acadêmicos são atraídos pelo socialismo.

Os debates sobre as possibilidades de revolução se ampliaram para além das condições objetivas, materiais, para também habitar o campo da subjetividade. Nesse sentido, o marxismo se constituiu em ferramenta teórica fundamental para grupos políticos revolucionários em todo o mundo, que partiram para tornar realidade o seu sonho de liberdade.



Cartaz de propaganda republicano durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1939)

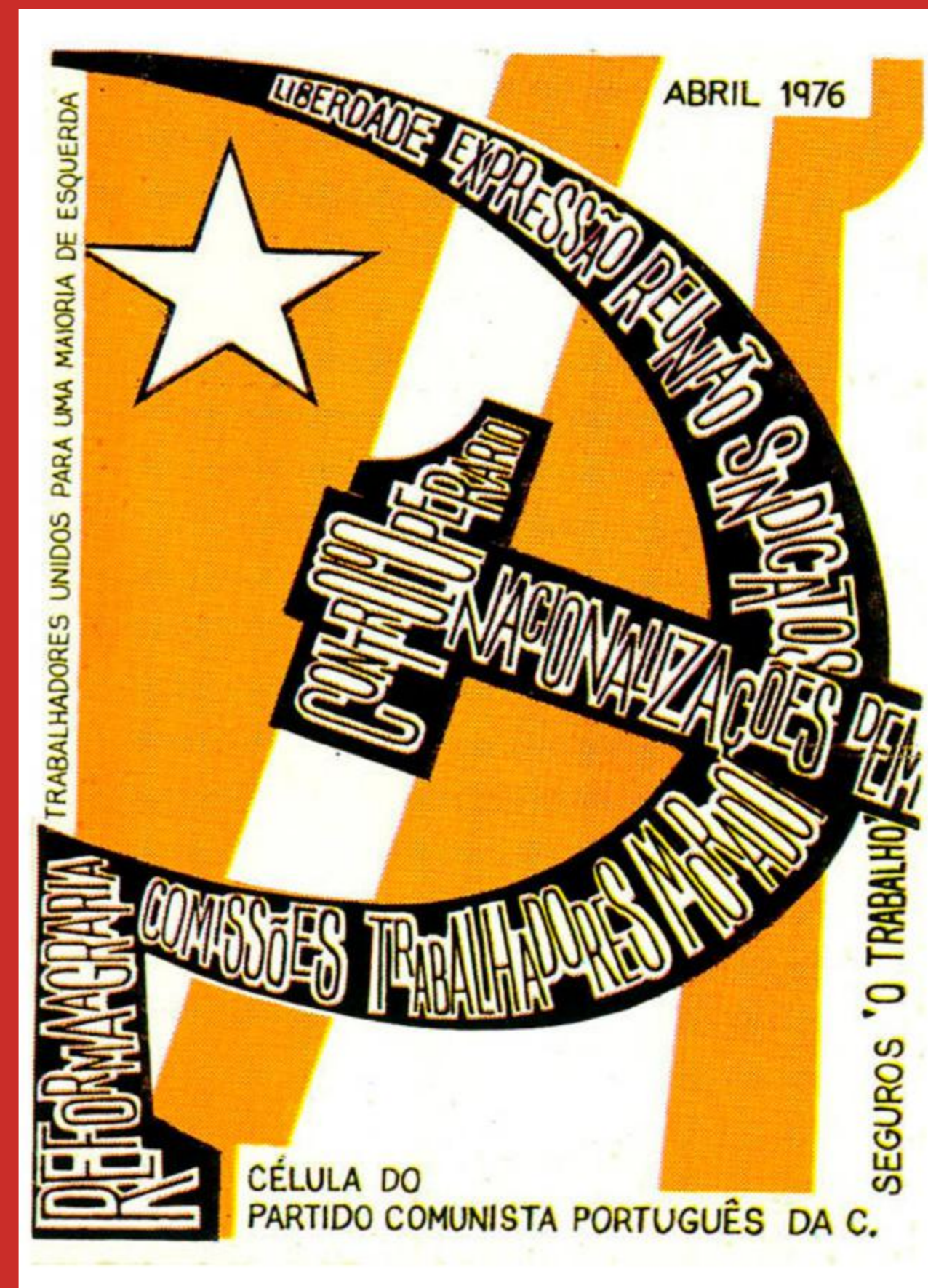


Entre as grandes influências diretas no mundo, está o apoio e a inspiração de revoluções no mundo todo. Isto pode se notar no suporte que ofereceu ao campo socialista internacional, primeiro através da III Internacional, até 1943, depois de outras formas. Organizou a solidariedade ativa com a Espanha Republicana frente à ofensiva fascista das tropas de Francisco Franco durante a Guerra Civil Espanhola. Foi o único Estado a apoiar o lado democrático e revolucionário, enquanto os fascistas recebiam apoio da Itália de Mussolini e da Alemanha de Hitler, e as outras potências capitalistas permaneciam em silêncio.

É impensável que se tivessem formado e suportado as pressões imperialistas durante tanto tempo o conjunto dos países que iniciaram a transição socialista após o Outubro Soviético, como a Mongólia (em 1924); após a Segunda Guerra Mundial, vários países do Leste Europeu (libertados pelas tropas soviéticas); na Iugoslávia de Tito e na Albânia; na China, no Vietnã, na Coreia do Norte e no Laos. Também colaborou para a emergência e sobrevivência do nacionalismo árabe em sua luta anti-imperialista.

➤ Desenho de Luiz Carlos Prestes
PORTINARI

➔ “Trabalhadores unidos por
uma maioria de esquerda”
LISBOA, 1976





Comício organizado pelo PCB em São Januário reúne cem mil pessoas.
23 DE MAIO DE 1945

Contudo, as influências indiretas foram tão ou mais impactantes. A necessidade de impedir a expansão do socialismo e responder ao crescimento do movimento operário e popular levou a que as grandes potências imperialistas tivessem que fazer enormes concessões às suas classes trabalhadoras. A verdade é que não existiria o chamado Estado de bem-estar social no mundo, mas principalmente, na Europa, não fosse a existência da União Soviética e do bloco socialista. O desmonte destas concessões ganhará força exatamente quando a política de restauração capitalista levada a cabo por Mikhail Gorbachev e seus aliados, as contra-revoluções dos anos 1980 e 1990, que fizeram estes países deixarem de existir ou ao menos retornarem ao capitalismo, e desta forma o medo das classes dominantes diminuir.

Porém, estas influências indiretas não param por aí. O final do segregacionismo racial nos EUA e do Apartheid sul-africano se relacionam diretamente com a atuação interna e internacional dos comunistas e aliados. Bem como, não fosse a necessidade de responder aos desafios revolucionários, as potências imperialistas nunca teriam permitido e financiado o desenvolvimento econômico de novas potências. Só é possível explicar a Coreia do Sul, por causa da revolução na Coreia do Norte; as reconstruções da Alemanha Ocidental, devido à Alemanha Oriental, e do Japão, devido à China Popular. ■

CAPÍTULO XI

A INFLUÊNCIA DA REVOLUÇÃO RUSSA NO BRASIL E NA UFRJ



Estudantes em passeata na Ilha do Fundão se dirigem à passeata dos cem mil, em 26 de junho de 1968.

O impacto mais direto da Revolução Russa no Brasil foi a fundação do PCB, em 25 de março de 1922, em Niterói. De apenas nove delegados de apenas seis cidades, alcançou influência de massas e foi o principal partido de esquerda do país até a ditadura militar. Contou entre seus quadros com importantes dirigentes sindicais, populares e políticos, bem como intelectuais, artistas e jornalistas, como Caio Prado Júnior, Candido Portinari, Jorge Amado ou Oscar Niemeyer.

Porém, a influência foi mais ampla. Desde a Revolução Russa, as lutas contra a opressão e injustiças passaram a ser lutas pelo socialismo. Várias organizações e partidos surgiram, de stalinistas a trotskistas. Entre estas organizações estão o Partido Comunista do Brasil, uma cisão de 1962 do Partido Comunista Brasileiro; o Partido dos Trabalhadores, de 1980; e o Partido Socialismo e Liberdade, de 2004. A Revolução de Outubro viveu com Carlos Lamarca e os lutadores armados contra a ditadura; bem como viveu na luta pela terra, nas lutas sindicais, por moradia e contra opressões.

Como escreveu Ferreira Gullar, em seu poema *Sessenta anos do PCB*, de 1982: “Eles eram poucos e nem puderam cantar muito alto a Internacional naquela casa de Niterói, em 1922. Mas cantaram. E fundaram o partido. [...] O PCB não se tornou o maior partido do Ocidente, nem mesmo do Brasil. Mas quem contar a história de nosso povo e seus heróis tem que falar dele. Ou estará mentindo”.

A UFRJ também foi impactada pelos ideais da Revolução Russa. Entre os ex-reitores da universidade constam dois militantes do PCB, Horácio Macedo e Aloísio Teixeira, sendo o atual reitor, Roberto Leher, um conhecido militante socialista.

Entre os estudantes e professores socialistas encontram-se os mortos e desaparecidos durante a ditadura militar: Adriano Fonseca Filho, Ana Maria Nacionovic Corrêa, Antônio Carlos Silveira Alves, Antônio de Pádua Costa, Antônio Sérgio de Matos, Antônio Teodoro de Castro, Arildo Airton Valadão, Áurea Eliza Pereira Valadão, Ciro Flavio Salazar e Oliveira, Fernando Augusto da Fonseca, Flavio Carvalho Molina, Frederico Eduardo Mayr, Guilherme Gomes Lund, Hélio Luiz Navarro de Magalhães, Jane Moroni Barroso, José Roberto Spigner, Kleber Lemos da Silva, Lincoln Bicalho Roque, Luiz Alberto Andrade de Sá e Benevides, Maria Célia Corrêa, Maria Regina Lobo Leite Figueiredo, Mário de Souza Prata, Paulo Costa Ribeiro Bastos, Raul Amaro Nin Ferreira, Sônia Maria Lopes de Moraes e Stuart Edgar Angel Jones.

Mas, sua influência vai muito além, tendo o marxismo deitado raízes no movimento estudantil e sindical da universidade, bem como sendo uma matriz teórica para muitos dos seus professores e pesquisadores. ■

AUTORAS E AUTORES

PRESERVADAS AS MINI BIOGRAFIAS APRESENTADAS POR OCASIÃO DO SEMINÁRIO

Anita Leocádia PRESTES

Programa de Pós-Graduação em História Comparada,
Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Carlos Eduardo MARTINS

Programa de Pós-Graduação em Economia Política
Internacional, Instituto de Economia / Núcleo de Estudos
Internacionais, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Carlos SERRANO Ferreira

Departamento de Ciência Política, Instituto de Filosofia e
Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro,
Vice-Coordenador do Laboratório de Estudos sobre
Hegemonia e Contra-Hegemonia, UFRJ.

Demian MELO

Instituto de Educação de Angra dos Reis, Universidade
Federal Fluminense; Nova Organização Socialista.

Edmilson COSTA

Instituto Caio Prado Júnior; Partido Comunista Brasileiro.

Graziela SCHNEIDER

Doutora em Literatura e Cultura Russa,
Universidade de São Paulo; tradutora.

Henrique CANARY

Mestre em História Contemporânea, Universidade da
Amizade dos Povos da Rússia, Rússia; tradutor e revisor
de russo e ex-editor-chefe da Editora Sundermann.

Hiran ROEDEL

Técnico em Assuntos Educacionais, historiador
e doutor em Comunicação pela UFRJ.

Lincoln de Abreu PENNA

Historiador, doutor em História Social, consultor político
e de assuntos estratégicos de diversas instituições.

Marcelo BRAZ

Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Escola
de Serviço Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Vantuil PEREIRA

Núcleo de Estudos de Políticas Públicas em Direitos
Humanos Suely Souza de Almeida (NEPP-DH),
Universidade Federal do Rio de Janeiro.

A REVOLUÇÃO EM IMAGENS

REITOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Roberto Leher

VICE-REITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Denise Fernandes Lopez Nascimento

DECANA DO CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Líliá Guimarães Pougy

VICE-DECANA DO CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Mônica Lima

SUPERINTENDENTE ACADÊMICA DA DECANIA
DO CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Ludmila Fontenele Cavalcanti

SUPERINTENDENTE ADMINISTRATIVA DA DECANIA
DO CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Larissa Gaspar Alves

COORDENAÇÃO DE CURADORIA

Carlos Serrano Ferreira

CURADORIA

Líliá Guimarães Pougy

Ludmila Fontenele Cavalcanti

Francisco Teixeira Portugal

Mauro Luis Iasi

Claudia Lino Piccinini

Ricardo Figueiredo de Castro

Eduardo Coutinho

Pedro Cunha Bocayuva

Ivan Capeller

Leonardo Valente

Paula Maria Abrantes Cotta de Mello

Andréa Cristina de Barros Queiroz

Erica dos Santos Resende

Fábio Marinho

Hiran Roedel

Maria Angélica Brandão Varella

Moana Campos Soto

Paulo Nabuco

Thiago Barcellos Loureiro

Victória Grabois

Luiz Ragon

Luís Fernandes

Fabiola das S. Camargo

Mirtes Palmeira Ferrer

PESQUISA

Pedro Cunha Bocayuva

Carlos Serrano Ferreira

Hiran Roedel

Thiago Barcellos Loureiro

EXPOGRAFIA

Moana Campos Soto

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Fábio Marinho

DIVULGAÇÃO

Ronald Vizzoni Garcia

Pedro Barreto Pereira

Daniel Santos Kosinski

Paulo Nabuco

Cicero Rabello

Alexandre Nascimento

COLABORAÇÃO

Miguel Camelo

APOIO INSTITUCIONAL

Ana Maria Daniel da Silva

Camila da Silva Teixeira

Nelson Costa Pinheiro

Samantha Eunice de M. M. Pontes

REALIZAÇÃO



APOIO



A
REVOLUÇÃO
EM IMAGENS

Esta publicação foi projetada e diagramada entre julho e outubro de 2022 pelo Setor de Publicações e Coleta de Dados da Escola de Serviço Social da UFRJ para difusão online via Pantheon UFRJ e página da ESS-UFRJ.

As fontes utilizadas são a Roboto Serif (Commercial Type) 13/17,07pt para o corpo de texto, Futura (Paratype) e Back in the USSR (Duncan Long) para os títulos, em página de 1366x768pt (1:1,77).